

CARLOS DE OLIVEIRA

UMA ABELHA
NA CHUVA

r o m a n c e



Carlos de Oliveira
Uma abelha na chuva

Introdução de Manuel de Gusmão

Círculo de Leitores

Este volume faz parte da série Romances Portugueses – Obras-Primas do Século XX coordenada e dirigida por David Mourão-Ferreira e assinala o XV aniversário do Círculo de Leitores

Capa de José Antunes

Fotocomposto em Garamond 12/11,5 por Fotocompográfica foi impresso e encadernado no mês de Março de 1986 por Resopal em exclusivo para os Sócios do Círculo de Leitores

Licença editorial por cortesia da Livraria Sá da Costa Editora

Edição n.º 1903 Depósito legal n.º 14 746/87

Introdução

«Uma Abelha na Chuva»: Uma cosmologia trágica por Manuel Gusmão

Uma abelha na chuva

Cronologia comparada

Antologia crítica

Bibliografia

Introdução

O Homem e a obra

por Manuel Gusmão

O homem já não está entre nós, a obra sim. Desde 1 de Julho de 1981 que já não o podemos encontrar num café, ao virar de uma esquina, em casa. Amigos houve que falavam limpidamente da solidão que por essa perda lhes chegava (Mário Dionísio, por exemplo). A obra... essa espera por nós, reservada e rigorosa, num apelo quase silencioso. Espera que a visitemos e compensar-nos-á da viagem de a irmos ler. O autor que nessa obra se ia fazendo preparou-a para isso: para nos convidar. Trabalhou e disse discretamente essa espera, por exemplo num poema intitulado «Mapa»:

O poeta
[o cartógrafo]
observa
as suas
ilhas caligráficas
cercadas
por um mar
sem mares,
o arquipélago
a que falta o vento,
fauna,
flora,
e o hálito húmido
da espuma,
pensando
que
talvez alguma
ave errante
traga
à solidão
do mapa,
aos recifes desertos
um frémito,
um voo,
se for possível voar
sobre tanta
aridez.

Os primeiros versos de cada uma das duas partes deste poema dizem que «o poeta» está «pensando», ou seja, escrevendo sobre a sua obra e os leitores que serão («talvez») capazes de a visitar. As «ilhas caligráficas», o «arquipélago», o «mapa» dizem a obra, a «ave errante» somos nós, os leitores que à obra vêm, e nela reconstituirão o vento, a fauna, a flora, e o hálito húmido da espuma, que na sua «solidão» e «aridez», restituirão a respiração humana de que ela também é feita.

A obra deste autor é um trabalho que insistentemente se pensou e deu a pensar, que se viveu e deu a viver, paciente e sobriamente atormentado.

Carlos de Oliveira nasceu a 10 de Agosto de 1921 em Belém do Pará, no Brasil, filho de pais portugueses, emigrados. Dois anos depois veio com eles para Portugal. Para a região da Gândara, concelho de Cantanhede, primeiro para o lugar da Camarneira, e, quatro anos depois, para Febres. Aí, o pai exercerá medicina como médico municipal.

A Amazónia e a Gândara são assim as duas primeiras paisagens em que Carlos de Oliveira viveu. São também as paisagens dominantes do seu primeiro livro de poemas, Turismo, que, depois de reescrito, com-porta precisamente três partes: «Infância», «Amazónia», «Gândara». O pai era médico – médicos são o Dr. Seabra, no seu primeiro romance, Casa na Duna, e o Dr. Neto em Uma Abelha na Chuva. Ambos são personagens relativamente laterais às histórias principais dos dois romances, mas personagens particularmente importantes.

Disso mesmo nos fala num texto do seu livro de prosas, Aprendiz de Feiticeiro (1971): «Meu pai era médico de aldeia, uma aldeia pobríssima: Nossa Senhora das Febres. Lagoas pantanosas, desolação, calcário, areia. Cresci cercado pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infanta, enorme, uma emigração espantosa. Natural portanto que tudo isso me tenha tocado (melhor tatuado). O lado social e o outro, porque há outro também, das minhas narrativas ou poemas publicados (quatro romances juvenis e alguns livros de poesia) nasceu desse ambiente quase lunar habitado por homens e visto, aqui para nós, com pouca distanciação... O que não quer evidentemente dizer que tenha desaproveitado experiências diferentes (ou parecidas) que a vida e a cultura me proporcionaram depois.» (3.ª ed., p. 204.)

O nome da própria aldeia, as palavras, que a descrevem neste texto, são palavras que ocorrem na obra de Carlos de Oliveira, com significativa frequência e acentuado valor simbólico. Elas dizem uma paisagem, natural e social, «geografia humana» literária,, mas podem também dizer aspectos da obra, dos romances ou dos poemas: febres, sezões, maleitas; lagoa, pântano, apodrecimento animal e vegetal; solidão, desolação, aridez (e morte); calcário e cal, areia e sílica (o poema: cal e grafia); a pobreza (o fantasma da miséria que apavora Álvaro Silvestre em Uma Abelha na Chuva), a morte de filho ou a ausência de filho (de Casa na Duna, a Uma Abelha na Chuva e a Finisterra, a emigração e a transumância dos camponeses.

No liceu e na universidade, em Coimbra, Carlos de Oliveira convive com Fernando Namora, Joaquim Barradas de Carvalho e Egidio Namorado, com Joaquim Namorado, João José Cochofel, Rui Feijó, que na passagem dos anos 40 para os anos 50, constituem uma componente fundamental do movimento neo-realista, sobre o qual Mário Dionísio, outro dos seus amigos, dirá: «eu insistia em que tal movimento não pretendia ser uma escola literária nem, muito menos – e por isso mesmo – um regresso ao realismo de oitocentos (daí o detestável ‘neo’...), nem um novo aspecto do modernismo, nem a dogmática imposição de certos assuntos, de certas personagens, de um esquema ou esquemas de avaliação e exposição, mas qualquer coisa tão vasta e revolucionária como o Renascimento o fora nos tempos da gloriosa afirmação do mundo agora em decadência. Um renascimento em que cabiam todas as tendências, todas as escolas, todas as tradições e todas as inovações, tudo o que permitisse exprimir a nova mentalidade – no sentido mais vasto da palavra – em que tudo jogávamos (e jogamos): a expressão, por mil maneiras como escrevi mais tarde e agora sublinho, da realidade total em movimento.» (Prefácio a Casa na Duna, pp. 10 e 11.)

Desde muito cedo começa a publicar: três contos e um poema, num livro de que é co-autor com Artur Varela e Fernando Namora, Cabeças de Barro (1937).

Ao longo dos anos 40, colabora em várias revistas, Seara Nova e Vértice, nomeadamente, e publica em coleções onde o neo-realismo se afirma, Novo Cancioneiro e Novos Prosadores. Ele próprio, com Joaquim Namorado, organizará a coleção O Galo e, em 1945, é um dos escritores que organizam a renovação da revista Vértice.

Em 1949, ano em que publicará um belo poema Descida aos Infernos, casa com Ângela, uma jovem da Madeira que conhecera na universidade e cujo nome anagramatizará em vários momentos da sua obra (Ann Gall e Gelnaa).

Em 1950, fixa-se definitivamente em Lisboa. Será por breve tempo professor, trabalha no arquivo de um jornal e numa redacção de revista, de 1953 a 1972.

Trabalhando na sua obra, vai convivendo com amigos, uns que vêm de trás, outros que vão surgindo, de outras gerações: João José Cochofel, Fernando Namora, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca, Joel Serrão, Augusto Abelaira, Jorge Reis, Urbano Tavares Rodrigues, Álvaro Salema, Herberto Helder, José Cardoso Pires, Alexandre Pinheiro Torres, Helder Macedo, Gastão Cruz, João César Monteiro, Nuno Júdice, e outros ainda.

De si próprio dirá: «Pensando bem não tenho biografia. Melhor, todo o escritor português marginalizado sofre biograficamente do que posso denominar complexo do icebergue: um terço visível, dois terços debaixo de água. A parte submersa pelas circunstâncias que nos impediram de exprimir o que pensamos, de participar na vida pública, é um peso (quase morto) que dia a dia nos puxa para o fundo. Entretanto a linha de flutuação vai subindo e aparte que se vê diminui proporcionalmente.» (Em O Aprendiz de Feiticeiro, 3ª ed., p. 181.)

Os que o conheceram falarão dele com uma impressionante constância de opiniões: era um homem cheio de pudor, um homem reservado e quase secreto. Recordam o seu rigor e a sua sobriedade. A sua dignidade e inteireza. Notam como era avesso à vida literária pública e nomeadamente à pequena glória da feira literária. Mas sublinham também duas características aparentemente contraditórias (Cardoso Pires, por exemplo): a de que era um solitário intensamente solidário. E era. Solidário, com o quê? Com o trabalho literário do seu país, com o povo (da Gândara, daqui e dali) a que pertencia. Essa pertença não o limitava, era-lhe uma exigência. Exigia-lhe o trabalho verbal paciente, obstinado, intransigente e uma paixão moral profunda e não demagógica. Era solidário com a revolução portuguesa, que é uma expressão para dizer a libertação de uma opressão longa, violenta e insidiosa.

Ele imaginava a relação que existe entre um cristal de rocha, um fragmento de sílica, o desenho inverosímil de uma estalactite e o orvalho num jardim, a aparição fulgurante de uma estrela, entre um desenho infantil e a cosmologia de um universo imenso, entre um rio e a Via Láctea. Mas precisamente por isso doía-lhe a violência económica, social e cultural imposta a camponeses, ou outros. Há quem pense que um grande convívio com a solidão e a dor nos fecha aos outros. Há também quem pense que a partilha, como nossa, de uma dor de outros, de uma dor colectiva, nasce da falta de uma dor própria. Carlos de Oliveira mostra que pode não ser assim. A sua obra é um dos mais claros e rigorosos casos de conjunção entre uma dor ou paixão pessoal e uma dor ou paixão colectiva. Conjunção trabalhada, não demagogia.

A obra de Carlos de Oliveira é a obra do que podemos chamar uma imaginação rigorosa: uma imaginação que une uma intensa e vibrante atenção ao mundo real e um tenso trabalho verbal. Trata-se de um rigor poético e, mesmo, de um rigor poético: evidência do trabalho da linguagem e moral prática, produção de valores, na relação com o mundo e a linguagem comunitária.

Produzida pelo trabalho arquitectural, pela fortíssima tessitura das relações verbais da sua obra, a relação com o mundo estrutura-se em duas grandes referências simbólicas: paisagem e povoamento.

«Paisagem e povoamento» é o subtítulo do seu último romance, Finisterra, que é também a última obra que publicou em vida. Este subtítulo podê-lo-ia ser também de Turismo e, como o notou Vital Moreira, poderia ser o subtítulo de todos os livros de Carlos de Oliveira ou da sua obra completa.

A crítica referiu a relação desse último romance com o primeiro que publicara, Casa na Duna. Em ambos, de forma acentuadamente diferente, se trata da decadência de uma casa familiar (e social). Podemos notar ainda um outro eco entre estes dois romances, extremidades da obra narrativa. Casa na Duna começa por esta frase: «Na Gândara há aldeolas ermas esquecidas entre pinhais, no fim do mundo.» Ora Finisterra diz o fim da terra (o cabo Finisterra) ou a terra do fim, a última terra. E claro que na frase de Casa na Duna, «no fim do mundo» é a expressão para dizer, no imediato, o enorme isolamento, o lugar escondido, perdido e, nesse sentido, distante. Mas a história que nesse livro se conta é também uma história do fim de um mundo social (ainda «preservado» das relações capitalistas de produção) e familiar (a decadência da família dos Paulos – morte do filho, enlouquecimento do pai, fim da linhagem e preparação da destruição da casa da família). Ora, também, em Finisterra se fala do fim de uma casa familiar, recordada e participada pelo filho que não tem filhos que continuem a linhagem. O «fim do mundo», a «terra do fim», são então metáforas, na «geografia humana literária», de uma terra onde se vive à beira do fim (da morte), onde se vive ao extremo, ou seja, intensa e extremamente, tocando a morte.

Esta terra extrema (também metáfora de vida intensa e da literatura, como aventura extrema, transformação dos limites) é a da obra de Carlos de Oliveira, como se verá também em Uma Abelha na Chuva.

A paisagem (por excelência a da Gândara, na obra romanesca e na poesia e também a paisagem urbana, na poesia e nas prosas de O Aprendiz de Feiticeiro) tatua simbolicamente o corpo de quem escreve e produz-se na obra. É uma paisagem de extrema aridez, mas metamórfica apesar disso: produto e factor de metamorfoses. A geografia e a geofísica constróem a história natural de uma natureza que exemplar e insistentemente se lê no último romance. Mas é também uma paisagem social: a que o povoamento faz. E por aí, de outra forma, histórica. Trata-se então da fixação e também da transumância dos camponeses, da emigração e do trabalho difícil, da construção e decadência das casas. O povoamento é socio-histórico e, indissociavelmente, drama familiar individual.

Há escritores que manifestamente evoluem ao longo da sua obra, na sua forma de escrever e nos universos que vão construindo. E há outros que parecem escrever e reescrever sempre um mesmo livro, como se acrescentassem episódios de uma mesma história, desenvolvessem frases, modulassem de outra forma um tom, como se executassem de formas diferentes uma mesma partitura musical.

Carlos de Oliveira parece combinar estas duas possibilidades. Por um lado, há uma tremenda força coesiva na sua obra, uma rede de ecos e de relações que estreitamente une os seus diferentes livros, a poesia como a prosa, numa unidade complexa mas insistente em tomo da(s) paisagem(s) e do(s) povoamento(s) que desenha e conta. Mas, por outro lado, é nítida uma evolução em direcção do rigor, do despojamento, da concentração explosiva de efeitos significativos. Este movimento traduz-se num fenómeno relativamente singular na literatura portuguesa deste século: a constante reescrita de livros já publicados, em consonância com o movimento de depuração que se desenvolve nos livros que vai publicando. Como se os livros, posteriores, reagissem retrospectivamente sobre os anteriores, modificando-os e produzindo uma mais coesa unidade.

Cantata (1960) é um livro de poesia já intensamente depurado. Poesias (1962) edita todos os livros anteriores, com excepção de Turismo que é excluído, e corrige já alguns poemas. Mas Trabalho Poético (1976) reedita de novo todos os livros, incluindo agora Turismo, profundamente reescrito. Mas não só este livro. Entre Poesias e Trabalho Poético desaparecem poemas, outros são fundidos, desaparecem estrofes, são modificadas frases, versos, palavras, é alterada em diversos casos a própria pontuação. E não porque tenham mudado as regras da língua, mas por um trabalho de depuração que ao mesmo tempo apaga a grandiloquência e potência a polissemia.

Entretanto, o que ia fazendo na poesia como que se projecta sobre a prosa. Em 1964 sai refundido o romance Casa na Duna, mais de vinte anos depois da sua primeira edição (1943). Em 1970 sai uma nova versão de Pequenos Burgueses (1ª edição em 1948). Uma Abelha na Chuva sofrerá constantes modificações, mesmo que mais pequenas. Antes de morrer, Carlos de Oliveira trabalhava numa nova versão de Alcateia, que não deixara reeditar até então, porque considerava indispensável a sua reescrita. Em 1978, Finisterra é uma espécie de apoteose desse trabalho da poesia sobre o romance. Romance-poema, ou longo poema em prosa, onde converge o trabalho da sua última poesia, algumas das prosas de O Aprendiz de Feiticeiro e o universo dos seus romances. Livro de uma beleza convulsiva de tão intensa e extrema, entretanto contida.

Nos seus romances, como na sua poesia, Carlos de Oliveira é um poeta. Como tal se lhe referiram, mesmo falando de romances seus, escritores tão diferentes como Vitorino Nemésio e Mário Dionísio. Poeta é o que faz um mundo de palavras e, nisso, refaz com palavras, a nossa linguagem e o nosso mundo.

«Uma Abelha na Chuva»: Uma cosmologia trágica

por Manuel Gusmão

O leitor lê Uma abelha na Chuva e tem muitas pontas por onde tentar organizar a sua leitura, por onde procurar entender melhor o livro.

Que romance é este? Eduarda Dionísio (1971, cf. Bibliografia) interrogou-se sobre isso: um romance social que tem pelo meio uma novela passiona e um conto exemplar de raiz popular? E concluiu que Uma Abelha na Chuva era tudo isso, «um romance completo e complexo».

Mas também parece que a história de Álvaro Silvestre e D. Maria dos Prazeres é uma espécie de não-história (não progride por acções, não tem um desfecho conclusivo) e, nesse sentido, história propriamente dita parece ser só a de Jacinto e Clara, do Oleiro e de Marcelo. Isso o notou Maria Alzira Seixo. Como notou que se trata de um romance da opressão, sendo a opressão entendida como social e «processo físico e psíquico de abatimento do outro ou de si próprio», dominação e «existência de um peso de aniquilamento» (1976, rep. em 1986). O leitor pode então procurar os múltiplos sinais, as formas e as funções dessa opressão densíssima.

O leitor pode também perguntar-se: quem é, no livro, «uma abelha na chuva»? O que é que significa este título? – De imediato, parece que «uma abelha na chuva», tal como o Dr. Neto a vê, no final do romance, é Clara. Mas será que não são abelhas na chuva todas as personagens. De certo modo assim parece. Nenhuma destas personagens consegue reunir em si, numa afirmação plena, o desejo, o querer, o saber e o poder. Em todas algo falha, algo está reprimido, oprimido. Mas então porque é que o livro se chama Uma Abelha na Chuva? Ou melhor, porquê uma? Trata-se de indicar uma lei geral: neste livro cada «pessoa» é uma «abelha na chuva»? – É possível. Mas também é claro, lido o título através da reflexão-visão final do Dr. Neto, que se trata de privilegiar uma personagem. E ela é então, de facto, Clara. Mas a que propósito, se é uma personagem que não parece principal, se não é uma das que ocupa mais páginas do livro. Adiantemos uma hipótese. Em que é que Clara se distingue de todas as outras personagens? – É a que decide morrer. Mas decide completamente? ou é de vários modos forçada a essa decisão? A resposta está certamente entre as duas alternativas. Mas há uma outra diferença. Essa, sim, fulgurante: Clara é a única que traz no ventre um filho. Clara iria transformar as duas pequenas mortes amorosas de um par, num terceiro: uma criança. Carlos de Oliveira falou disso, assim, num poema de Entre Duas Memórias:

somam-se duas mortes

e obtém-se uma criança; ela, sim:

resistirá, crescendo

ao desgaste do dia,

procurará na outra noite

o corpo que define o seu;

Mas na continuação desse poema diz-se, sobre essa criança no futuro:

das duas uma: reproduz-se também; ou extingue em si o fluxo da dança;

Aqui, em Uma Abelha na Chuva, o filho não chega a nascer, por morte de pai e suicídio de mãe. Entretanto, gerado, o filho é o oiro mais nítido: a fecundidade, o triunfo do nascimento que coroa o desejo partilhado. Neste livro, esse oiro é para todas as personagens, diferentemente embora, contaminado por aquele que Álvaro Silvestre experimenta na sua viagem para fora de casa e de regresso a casa: «Levantou-se e tomou o caminho de casa. Na lama onde ia afundando os passos fermentavam as folhas caídas de Outubro, oiro conspurcado que os vermes devoravam.» (Cap. XVII; somos nós que sublinhamos.)

Oiro enterrado e perdido, impedido de fulgurar no cimo de uma haste. Oiro contaminado por uma morte que cresce.

Neste romance, e desde logo no seu título, parece tratar-se de uma tensão de símbolos, de elementos da imaginação material. «Fogo e água», como diz Eduarda Dionísio, do mel às cinzas, mel e tabaco, como mostra Maria Alzira Seixo; abelha e água, mel e chuva, água desdobrando-se em chuva e água ardente, fonte e rio, mar e poço, como o anotaram Maria Alzira Seixo e Carlos Reis.

Mas estes símbolos multiplicam os seus valores, opõem-se mas também se interpenetram; cada um dos pólos pode ser negativo ou positivo, de acordo com as representações em que aparece, de acordo com os momentos do texto ou com as personagens através de quem surge.

Repare-se um pouco no pólo em que se reúnem o fogo, o oiro, o mel.

O fogo da lareira deforma o rosto das personagens mas, assim fazendo, revela a sua verdade, aos olhos do Dr. Neto (cap. XXXIV). Esse fogo da lareira junto da qual três pares se reúnem não os une contudo. A convivialidade é vazia ou esvaziada, simples dormência dos conflitos. Entretanto, o fogo invisível dos lares da aldeia, de onde sai fumo, parece indicar a possibilidade dessa convivialidade (cap. XVII), por contraste com a visão de Álvaro. O fogo une-se à água, na água de fogo; o brande, que Álvaro bebe, conforta-o, proporciona-lhe a sonolência que atenua o dilaceramento, mas é causa de humilhação e transforma-se em vinagre (caps. XI, XII e XIII). O fogo une-se também à água e ao ar (ao vento), na tempestade, e então forma o coro da destruição (caps. XXII a XXIV). O fogo, enquanto oiro das folhas, une-se com a terra, mas nisso decompõe-se, com a terra e a água, forma lama. Isso poderia figurar um húmus, terra genésica, palpitação de uma germinação, mas para Álvaro só apresenta sinais de destruição e da decomposição mortais: «Pela aldeia floria o rumor humano, de mistura com o fumo dos lares e o cheiro dos currais abertos. O dia chegava por fim. Olhando para tudo, entrevia apenas no palpitar da terra a intimidade decomposta, os sinais da destruição.» (cap. XVII.) Assim, o valor das metamorfoses materiais é marcado pela a percepção subjectiva (que é social). Aquilo que poderia ser transformação genésica (dia que chega) é para Álvaro ameaça de destruição, antevisão da morte: do corpo apodrecendo na terra.

Mas o fogo é também, no oiro, a imagem transfigurada do desejo: o oiro do cabelo ruivo de Jacinto para D. Maria dos Prazeres, ou então o oiro baço da luz que dá beleza a esta, aos olhos do marido (caps. IV e VI). Mas o desejo por Jacinto fere D. Maria dos Prazeres, porque é um fantasma do desejo insaciado e porque a humilha, desejo de «senhora» por «cocheiro», fogo que acentua o gelo do quarto (cap. XIV). Assim o oiro de Jacinto é belo mas terrível para D. Maria dos Prazeres. Como a beleza desta, ao oiro baço da luz, chicoteando a mula, é terrível para o marido: «de facto era bela, bela, quase terrível» (cap. VI) – imagem de beleza castradora.

O fogo, o oiro do desejo, partilham-no Jacinto e Clara, envolvidos pelo «calor do gado», no palheiro da natividade profana (cap. XVI). Jacinto, o ruivo, Clara, a de luz no nome como no riso. Mas a esses será imposta a morte; o oiro será enterrado ou, mais propriamente, afogado.

A mesma múltipla ambivalência e metamorfose (natural e social) atinge os valores da água. Contraste entre a água de fogo que se transforma em vinagre e a água fria que Álvaro bebe de madrugada depois da bebedeira. Contraste com a água da fonte na memória (na infância «gorgolejante e fresca», «murmura, coada pelo berço do areal», no cap. XVII) e com a água de fonte que o riso de Clara no palheiro parece, aos ouvidos de Álvaro (cap. XVI). Com Álvaro, como o sublinhou Carlos Reis, a fonte da infância seca, quando necessária para lavar o sofrimento presente, transforma-se na lama onde afunda os passos. Com D. Maria dos Prazeres, a recordação da infância (estado social pleno, e depois decaído, na casa de Alva) é também uma fonte, mas a sua água, no caminho para o presente, turva-se irremediavelmente: «Primeiro, a fonte brotou tenuemente, muito ao longe, na infância; depois, a água mansa turvou-se ao longo do caminho, do tempo, com o lixo que lhe foram atirando

das margens; agora é Jacinto e Jacinto, escura, desesperada.» (cap. IV.)

Pelo contrário, para Clara e Jacinto a fonte é o lugar de encontro, no presente, para combinar o futuro: «às trindades pega no cântaro e passa pela fonte. Temos de combinar o resto» (cap. XVI). Mas, no cap. XXI, por intervenção do outro tempo (o de Álvaro e Maria dos Prazeres, através do oleiro), quando Clara se dirige ao encontro, a fonte vai transformar-se em lugar onde a morte vigia para se desencadear.

E nesse capítulo, caminhando para o crime, a chuva fora-se tornando mais pesada («A chuva engrossava pouco a pouco»... «a chuva, cada vez mais pesada»). Mas a trovoada, a princípio, sente-a Marcelo, o oleiro cego não a sente. Cometido o crime, as águas (do mar) são destinadas a esconder o corpo: «as águas lá se encarregarão de lhe dar sumiço» (cap. XXI). Mas, outras águas, as da chuva, junto com o vento e os relâmpagos, dificultarão o caminho para o mar (caps. XXII a XXIV). Depois de atirado o corpo às águas, então, a tempestade afasta-se para o interior e a madrugada vai nascer (cap. XXV). Em notações brevíssimas mas vibrantes, os elementos constituem o coro da tragédia, fazem vibrar um clímax. Reparemos ainda: o mar pode ser uma poderosa figura genésica, mas é, aqui, lugar de morte e apagamento, de esquecimento ou anulação da (cons)ciência: o mar engolirá o corpo do delito. Também para Álvaro, o mar pode surgir como esse sono que suspende o sofrimento e figura a morte («e sem querer afogou-se num mar estonteante, de uma brancura incrível. Adormeceu», no fim do cap. XXVII). Mas nem esse sono é para ele a paz e, no início do capítulo seguinte, esse mar transforma-se: «sufoava numa água densa, irrespirável; não havia peixes, plantas, conchas, nada: apenas o deserto líquido, cada vez mais espesso, a transformar-se em gelo, em peso; cintilava, doía». Para Álvaro, o fogo do inferno e o gelo do deserto coincidem. Só que a morte, para Álvaro, aparece, como no encontro com a mulher na noite da bebedeira (cap. XIII), e dura, é vivida suspensa.

O mar fora já assim, na obra de Carlos de Oliveira, quando em Casa na Duna, se conta a morte de Hilário, o filho: «Apressa o passo, transpõe o portão. E nunca mais saberá como a água turva de que efeito se perdeu no mar. Uma dor fulgurante detém-no por segundos; e oscila, ajoelha, sem consciência de nada.»

Aqui em Uma Abelha na Chuva, Jacinto e Clara morrem. Álvaro não. Para ele a morte é um fantasma omnipresente, opressão prolongada.

Duas outras figuras da água se tornam finalmente figurações da morte; o poço em que Clara se afoga (água nos pulmões) e a chuva que arrasta e mata a abelha.

Estas diferenças e mesmo contradição entre os valores das diversas figuras dos elementos, a sua distribuição por uma linha de fronteira que separa Clara e Jacinto do mundo dos senhores, e a contaminação do positivo pelo negativo, projecção do universo de Álvaro e Maria dos Prazeres sobre o outro, mostram várias coisas: que a imaginação da natureza tem uma funcionalidade narrativa, é produzida pelo texto ao construir personagens e acções; que os valores dos elementos naturais são sobredeterminados pelo universo social que o romance reconstrói e pelo drama das personagens desse universo.

Universo social (e histórico) e drama das personagens nem-se intimamente neste livro. São construções de uma topografia (marcação de um sistema de posições, governado por uma lógica implacável), de uma máquina de acontecimentos.

A tessitura do universo social e a conjunção e disjunção dos dramas são assim extremamente apertadas. A inscrição social das personagens não é uma pura determinação exterior, mas uma componente da personagem enquanto figura, constitui uma determinante do seu drama. Por sua vez, a individualidade da personagem não é a «profundidade» de uma psicologia discorrida e explicitada, mas uma configuração de ditos, acções e sinais de posição. Sem serem títeres ou tipos, as personagens são sobretudo relações, «papéis» dramáticos e, como se verá, trágicos, numa grande economia de processos.

Uma Abelha na Chuva é uma espécie de tragédia, uma constelação de destinos trágicos. O tradutor francês do romance relata de uma conversa com Carlos de Oliveira: «Lembrei-me (terá dito o escritor) da tragédia grega, do destino, do fatum. Quis substituir ao fatum, as actuais condições económicas e sociais, inexoráveis. Os meus romances são como tragédias. Os protagonistas caminham para a sua perda, sem remédio...» (Adrien Roig, «Correspondência e Conversa com Carlos de Oliveira sobre 'Uma Abelha na Chuva'», Vértice, n.º 450-1, p. 617.)

A posição e a história sociais das personagens são uma componente do seu drama. O que une Álvaro e Maria dos Prazeres, Silvestre e a casa de Alva, é uma troca social, um contrato que gera as impossibilidades várias e a constante reversão da humilhação. «Sangue por dinheiro» – esta frase ocorre por duas vezes, no cap. IV, a duas páginas de distância, primeiro, no discurso do narrador emergindo do discurso interior de D. Maria dos Prazeres, depois, ecoando no discurso dessa personagem. Ela é, além do mais a perda (a decadência) do estatuto aristocrático da sua família e da sua infância: o casamento é a sua opressão; entre o nojo do marido e o desejo fantasmático por Jacinto ou Leopoldino. A manutenção do poder (ela é o senhor no confronto com os populares, no cap. XXX) custa-lhe a repressão do desejo, transforma-a num grito sempre reprimido (caps. IV e XXIX). A repressão que sofre e a repressão que exerce são indissociáveis. Algo de semelhante se passa com a personagem do marido. Álvaro, o pequeno-burguês comerciante e proprietário de terras, viu-se «beneficiário» da compra de «sangue por dinheiro» (foram os pais que contrataram o casamento), mas tal benefício transforma-se no repúdio do par, no inferno; assim como o exercício do poder e o fantasma da miséria (ameaça do pai na infância) se mudam na oscilação entre o poder e a impotência. No micro-cosmos social do romance, Álvaro Silvestre e D. Maria dos Prazeres são os senhores, os que dominam, mas entre eles reproduz-se, em pelo menos dois planos, a relação cosente na distinção e na dominação de classe: Álvaro, o silvestre (o rural), não deixa de ser «o cocheiro» que ascendeu (ele próprio assim se assume no cap. XIII, e a mulher assimila-o ao cocheiro que seu pai chicoteou no passado); D. Maria dos Prazeres, a aristocrata que decaiu e que só no compromisso humilhante (Alva conspurcada) pode ainda exercer poder. Dominada, pelo contrato e a queda, ela domina o marido, reprimindo o seu desejo; mas a mesma repressão reverte sobre ela. Dominante-dominado, Álvaro não pode o que quer e pode o que não chega a querer.

Assim, contraditório embora, o mundo deles domina o dos outros. O inferno interior ao mundo dos senhores projecta o destino destruidor sobre o mundo dos servos. Maria Alzira Seixo notou agudamente a diferença entre o tipo de acontecimentos na história dos senhores e na história dos servos: é nesta que tudo se desfecha em assassinato, suicídio e prisão. Na outra, o conflito, latente e constante, permanece.

O que é importante reconhecer é que a lei do domínio que rege este pequeno universo social, clivado ou dividido, multiplica a opressão nas suas várias fracções e projecta-a, em diferentes formas, sobre todas as personagens. No coração desta reprodução da opressão está o lugar feito ao «cocheiro»: objectualização e instrumentalização de quem é sujeito. Esta objectivação repressiva reverte sobre o seu agente, cresce e multiplica-se como um cancro, um destino.

O poder, então, comporta sempre uma componente de impotência: Álvaro pode desencadear a destruição de Jacinto e de Clara, como de outra forma de António e Marcelo, mas não pode o amor da mulher nem o domínio de si próprio; D. Maria dos Prazeres pode dominar o marido, conter os populares, mas não pode libertar-se do marido, nem do grito que a oprime, não pode o seu desejo. Mesmo o Dr. Neto, lateral à relação de poder fundamental, pode interpretar o real, mas não pode fazer que Clara não morra.

Traço essencial deste universo é o de que ele multiplica a opressão, é infecundo e reprime a fecundidade.

Tem sido notado e seria impossível não o notar: neste romance, onde há quatro pares ou casais, três deles são infecundos, e o único que o não é destruído. Álvaro e Maria dos Prazeres não têm filhos: é a condenação simbólica da má aliança; o padre Abel e D. Violante não têm filhos; o Dr. Neto e D. Cláudia também os não têm: ela porque é frágil e teme a natureza, ele porque receia a geração do filho, receia uma descendência degenerada – estão condenados à infecundidade. Só Jacinto e Clara geram: ele o oiuro (o ruivo) e ela, a abelha fecunda (o mel). Mas ambos e o filho-por-nascer morrem. Nuno Júdice, num texto inteligente e que anota estes aspectos, vê na morte de Jacinto a actualização da morte do zangão pela fêmea depois de \ fecundada e, na morte desta, a «exorcização» do fantasma castrador da Mulher-amazona, do Feminino. \ Uma tal leitura pode dar a ler o «ponto de vista» de \ Álvaro, ou da relação Álvaro-Maria dos Prazeres, mas projecta um simbolismo já feito sobre aquele que o \ texto constrói, e torna-se uma leitura unilateral. Porque \ Clara é um feminino diferente e contraditório em relação a D. Maria dos Prazeres e nada a marca no texto como mulher-Amazona. Por outro lado, Jacinto não morre apenas por ter fecundado Clara (aceitemos que também por isso morre), mas por um conjunto de «razões», de relações. Morre por ser o objecto de desejo de D. Maria dos Prazeres e por ter revelado (aos ouvidos de Álvaro) o desejo da mulher do qual o marido é excluído. Morre por ter falado dos senhores: Álvaro mostra isso por duas vezes ao contar à mulher dizendo «a falarem de ti» e «riam-se de nós, da nossa vida» (cap. XXIX). Se Álvaro determina, pela denúncia ao oleiro, a morte de Jacinto, a mulher sanciona-a por duas vezes «e agora, mesmo depois de morto, odeio esse maldito ruivo, talvez te sirva de consolo, odeio-o por ter dado conta do que era só comigo, tão íntimo, que o esconderia de mim própria se pudesse» (cap. XXIX) e «Tanta filosofia por causa dum cocheiro, doutor» (cap. XXXIV). Neste sentido, Jacinto morre porque se deu conta, porque soube o segredo e porque falou e riu. Morre porque,

destinado a objecto, é um intruso como sujeito no mundo de Álvaro e D. Maria dos Prazeres. Jacinto morre ainda, porque se intromete no sonho de ascensão do oleiro. Por sua vez, a morte de Clara reúne dois movimentos: é uma morte decidida por paixão, e é também uma morte simbólica, Clara morre por ser fecunda. A sua morte é assim o momento extremo da tragédia, morte a que não «assistimos» mas que se desdobra em duas: a de Clara no poço, a da abelha na chuva – morte da fecundidade, que diz a extremidade da violência que rege este universo.

Mecanismo pelo qual a morte adiada dos senhores se reproduz na morte física da serva fecunda. Em que a infecundidade oprime a fecundidade.

O tempo dos senhores é, na narrativa, cíclico, pontuado pela convivialidade vazia dos serões e pelas crises repetidas entre Álvaro e a mulher. O ciclo é a repetição da conjunção do deserto e do grito reprimido. Dominação e sujeição apenas se invertem. O que se reproduz é o deserto e a humilhação, a repressão e o dilaceramento. O tempo dos dominados progride, mas progride para a aniquilação, determinada pela projecção do tempo cíclico opressivo sobre essa progressão. Pela relação social de domínio, o tempo cíclico produz apenas a progressão para a morte ou a prisão (enclausuramento e prisão). O apodrecimento do enxame dos Silvestres na sua colmeia pintada, como observa o Dr. Neto, projecta (maquina) a violência destruidora da colmeia fecunda.

E entretanto não se trata de esquematismo mecanicista nem de maniqueísmo ideológico ou moral. Há evidentemente uma paixão no texto e na sua narração: a condenação de um microcosmos social que a si próprio se condena por assentar na dominação infecunda. Mas essa dominação, sublinhe-se, sofre-na todas as personagens nos seus diferentes dramas. Se a tragédia de Clara e de Jacinto conduz à morte física, se a de António e Marcelo conduz à prisão e ao falhanço dos seus desejos, a tragédia de Álvaro e de Maria dos Prazeres é a do apodrecimento prolongado, a da repetição cíclica da reversão do poder em impotência, da repressão do outro em repressão sobre si próprio, do enclausuramento desesperado. Todos sofrem pela sua posição no microcosmos regido pela lógica da violência destrutiva e infecunda.

Para melhor o compreendermos, convirá tentar perceber quem fala neste texto, quem conta e como conta, que voz se tece neste romance como narrador.

Trata-se de uma voz complexa e essa complexidade está ligada às várias outras que temos vindo a notar. A complexidade da voz é a da construção deste universo (entenda-se construção, como a forma de construir o universo e este enquanto construído).

Maria Alzira Seixo notou aquilo que designou como «a ambiguidade e indefinição que caracterizam o narrador ao longo do texto». Liga-a à leitura do «embaciamento da escrita» e à «limpidez da vidraça que mostra». No cap. XVIII, contando-se Álvaro, no escritório da sua mercearia, folheando um livro de escrituração, diz-se: «fogachos breves que o hálito soprava. Como se respirasse de encontro a uma vidraça. A escrita embaciada». Trata-se de tomar estas frases não só como uma situação narrada, mas também como uma metáfora deste livro que estamos a ler.

Vejamos: a escrita enquanto vidraça por onde se vê um mundo é nítida: isso pode representar o carácter rigoroso, depurado deste livro. Mas uma respiração, embaciando-a, dá-lhe uma espessura que faz ver, agora, já não o mundo para lá da escrita, mas a própria escrita. O embaciamento diz que a escrita não é uma pura transparência. E diz que a escrita é uma respiração. É essa respiração que embacia. Tomaremos, aqui, a respiração como a vibração moral da voz que conta.

Esta voz, como vários leitores o notaram, nomeadamente Carlos Reis, combina três processos ou técnicas de manifestação: por um lado parece estar de fora, olhando o evoluir de personagens, conhecendo apenas aquilo que vê. Assim por exemplo, no primeiro capítulo, nem sequer nos diz o nome da personagem que introduz: «certo viajante», «um homem gordo...». No segundo capítulo, trata-se a princípio de «o visitante...» «o outro» e só lhe sabemos o nome, porque está escrito no início do documento que ele entrega ao director do jornal. Mas, em outros momentos, o narrador parece conhecer tudo, inclusivamente o discurso interior (o que pensam as personagens), nesses momentos parece, no limite, apagar-se para deixar que as personagens falem o seu pensamento. Finalmente, intromete-se em cenas, em diálogos ou pensamentos íntimos das personagens e fala-lhes, comenta as suas decisões. O exemplo mais ostensivo deste processo encontra-se no cap. XIII: «— Mas não tenhas medo, Silvestre, podes insultar-me à vontade. Os mortos não empunham chicotes. [§] Não os retratos dos nobres Pessoas pendem solenes nas paredes do escritório. Olhe para eles, D. Maria dos Prazeres. Os mortos estão dentro desta sala, com um chicote implacável. O orgulho de velhos senhores, as carrancas severas, o pó das calendas, as tretas do costume. O seu marido tem de destruir os mortos. De tentar pelo menos. Que outra coisa pode ele fazer? Deixe-o experimentar. Ou eu me engano muito ou vai sair-se mal. Ora repare.»

Tal arrojado de um narrador é uma sua exibição complexa. Simula a onisciência e a distância em relação às personagens. Discorda de uma para a seguir ironizar sobre a outra. Mas a distância, a discordância e a própria ironia, são o gesto visível que esconde uma participação.

A combinação dos diferentes gestos do narrador, apagando-se e exibindo-se, marcando-se na forma como diz e conta, distante e íntimo da sua voz como sendo, indissociavelmente, dicção de uma condenação trágica e compaixão. A distância exprime então o movimento da escrita sobre um mundo em que se está incluído e do qual a separação só se pode no acto de o contar, de o refazer na compaixão, apaixonadamente. Mas numa paixão depurada e rigorosa, para melhor se ouvir no silêncio: «... um rigor que simula a reacção química ou um pequeno sistema planetário. Todo esse rigor, toda essa frieza, partiram assim do real, do quotidiano. Frieza aparente, julgo eu. O livro, qualquer livro é uma proposta feita à sensibilidade, à inteligência do leitor: são elas que em última instância o escrevem. Quanto mais depurada for a proposta (dentro de certos limites, claro está), maior a sua margem de silêncio, maior a sua inesperada carga explosiva. A proposta, a pequena bomba de relógio, é entregue ao leitor. Se a explosão se der ouve-se melhor no silêncio.»

(Carlos de Oliveira, em *O Aprendiz de Feiticeiro*, 3ª ed., p. 205.)

»»»

Uma abelha na chuva

Pelas cinco horas duma tarde invernosa de outubro, certo viajante entrou em Corgos, a pé, depois da árdua jornada que o trouxera da aldeia do Montouro, por maus caminhos, ao pavimento calcetado e seguro da vila: um homem gordo, baixo, de passo molengão; samarra com gola de raposa; chapéu escuro, de aba larga, ao velho uso; a camisa apertada, sem gravata, não desfazia no esmero geral visível em tudo, das mãos limpas à barba bem escanhoada; é verdade que as botas de meio cano vinham de todo enlameadas, mas via-se que não era hábito do viajante andar por barrocais; preocupava-o a terriça, batia os pés com impaciência no empedrado. Tinha o seu quê de invulgar: o peso do tronco roliço arqueava-lhe as pernas, fazia-o bambolear como os patos: dava a impressão de aluir a cada passo. A respiração alterosa dificultava-lhe a marcha. Mesmo assim, galgara duas léguas de barrancos, lama, invernias. Grave assunto o trouxera decerto, penando nos atalhos gandareses, por aquele tempo desabrido.

Havia sobre a vila, ao redor de todo o horizonte, uma halo de luz branca que parecia o rebordo duma grande concha escurecendo gradualmente para o centro até se condensar num côncavo alto e tempestuoso. Ameaçava chover. O vento ia descoalhando as nuvens e abria caminho à grossa chuvada que a tarde esperava.

O homem cruzou a praça devagar, entrou no Café Atlântico e sacudiu as botas com cuidado no capacho de arame. Sentou-se, pediu um brandy e engoliu-o dum trago. Na sua lentidão natural era a única coisa que fazia com alguma pressa. Encostava o cálice à boca bem aberta, imobilizava-o um momento e de seguida, num golpe brusco, atirava o brandy à garganta. Repetiu a operação segunda e terceira vez. Pagou e saiu. Atravessou de novo a praça, batendo pausadamente o tacão das botas, deixando cair os últimos pingos de lama, e dirigiu-se à redacção da Comarca de Corgos, sempre no mesmo passo oscilante e pesado, como se o levasse a custo o vento que arrastava no chão as folhas quase podres dos plátanos.

O escritório do Medeiros, director da Comarca, era escuro e desconfortável; uma vulgar secretária de pinho, dois ou três cadeirões com almofadas de palha, um quebra-luz de missanga na lâmpada do tecto e montes de jornais aos cantos; cheirava a pó como num caminho de estio.

– Sente-se, faz favor.

O visitante sentou-se e, abrindo a carteira, tirou uma folha de papel cuidadosamente dobrada:

– Para sair no próximo número do jornal, se puder ser. Pago o que for preciso.

O Medeiros desdobrou o papel, desfez-lhe os vincos um a um com a unha enorme do polegar, a unha da viola, e pôs-se a ler.

Daí a nada, erguia os olhos assombrado:

– E quer o senhor que eu lhe estampe uma coisa destas na Comarca?

O outro baixou o rosto inexpressivo:

– Exactamente.

Afastou a papelada da secretária para os lados como se lhe faltasse o ar, afeiçoou melhor os óculos ao nariz afilado, e na esperança de ter confundido as coisas começou a ler o documento outra vez. Mas não. Ali estava de facto exarada a tinta verde, numa caligrafia de mão pouco segura, a confissão pasmosa:

Eu, Álvaro Rodrigues Silvestre, comerciante e lavrador no Montouro, freguesia de S. Caetano, concelho de Corgos, juro por minha honra que tenho passado a vida a roubar os homens na terra e a Deus no céu, porque até quando fui mordomo da Senhora do Montouro sobrou um milho das esmolas dos festeiros que despejei nas minhas tulhas.

Para alguma salvaguarda juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores e na legítima de meu irmão Leopoldino, de quem sou procurador, vendendo-lhe os pinhais sem conhecimento do próprio, e agora aí vem ele de África para minha vergonha, que não lhe posso dar contas fiéis.

A remissão começa por esta confissão ao mundo. Pelo Padre, pelo Filho, pelo Espírito Santo, seja eu perdoado e por quem mais mo puder fazer.

Saiu da segunda leitura como da primeira. De boca aberta. Que um sujeito arredondasse um tanto os preços de balcão, percebia; que descesse a extorquir uns alqueires de milho aos sobejos dum santo, percebia também; que enfim, dando o real valor a uma procuração, vendesse meia dúzia de pinhais alheios, porque é que não havia de perceber se as tentações, com mil demónios, são tentações para isso mesmo? Mas lá vir confessá-lo em público, na primeira página dum jornal, francamente, entender semelhante coisa era para o Medeiros como teimar com a cabeça numa aresta de granito.

Encarou de novo o rosto gordo do lavrador do Montouro. Feições paradas, sonolentas. Havia porém um ar de seriedade naqueles olhos pouco ágeis, na linha branda da boca, no beijo levemente caído, na cinza das têmporas, que impedia o jornalista de concluir no íntimo, decisivamente: é um imbecil; e contudo seria difícil avaliar o caso de outro ângulo; claro que não ia imprimir a declaração sem mais nem menos: a coisa tem a sua gravidade, envolve terceiros, o homem é capaz de ser de facto parvo e pode a família aparecer-me depois com exigências, desmentidos, trapalhadas.

– Calculo que tenciona fazer um acto público de contrição.

– Tenciono. Na primeira página, letra bastante gorda, se for possível.

– E pode saber-se porquê? Ajeitou-se no cadeirão. Tinha pousado o chapéu nos joelhos e afagava-o com os dedos brancos, grossos:

– É preciso ter em dia as contas com Deus e com os homens. Sobretudo com Deus.

– Nem mais. E preciso ter isso em ordem. E depois?

– Depois é o diabo andar com estas coisas cá dentro. A pesar, a moer.

O director da Comarca tirou os óculos, enfiou-os lentamente no estojo de prata:

– Eu, no seu lugar, sabe o que fazia? Procurava um padre e desabafava. A confissão...

– Estou confessado, mas não chega. Pensei bastante no assunto e o padre Abel não chega.

– Em todo o caso, a confissão é um grande alívio, sem escândalos, sem nada.

Aninhou as mãos de cera na copa do chapéu:

– Deus escreve direito por linhas tortas. Talvez seja o escândalo que Ele quer.

E acrescentou, quase sem transição:

– Podemos assentar no seguinte: próximo número da Comarca, primeira página, letra redonda dos anúncios. Quanto me leva por isso?

O jornalista não desistia:

– E um arranjo em família? Indemnizar o seu irmão, por exemplo. Depois, uma palavra do padre Abel para acertar as contas com a santa. E tirar daí o sentido.

Dos lábios de Álvaro Silvestre caiu sobre a insistência do outro a mesma pergunta de há momentos:

– Quanto me leva afinal?

As palavras rolaram nítidas, desamparadas. O Medeiros sentiu-lhes o peso e admitiu que estava a cuspir contra o vento, mas disse ainda, por dizer:

– E a sua mulher, que pensa ela disto?

Soergueu-se no cadeirão. A face imóvel, animou-lha um jogo complicado de tiques, rugas, olhadelas furtivas. Parecia assustado. No entanto, o Medeiros viu-o recostar-se outra vez com o ar aliviado de quem conseguiu afastar a sombra de uma ideia desagradável:

– Deus me livre que ela soubesse disto.

– Há-de sabê-lo quando o jornal sair. Encolheu os ombros e sorriu pela primeira vez:

– Nessa altura é-me indiferente, claro. Como dizia o outro: burro morto, cevada ao rabo.

Teve ainda um breve sobressalto:

– Se ela o soubesse agora e me impedisse a confissão é que era um entalço.

Mas apressou-se a bater o nó dos dedos na secretária do Medeiros:

– O diabo seja surdo. Surdo e cego.

Antes da chuva estalar no pavimento, entrou pela vila a toda a brida uma charrete de rodado silencioso; a égua castanha espumava entre os varais; o cocheiro, alto e ruivo, fez estacar o animal em frente do Café Atlântico e saltou da boleia para receber as ordens da dona da charrete, uma senhora pálida, de meia idade, agasalhada num xaile de lã e com a manta de viagem enrolada nas pernas:

– Pergunta no café se o viram.

O ruivo voltou daí a nada com indicações precisas:

– Esteve no café e há coisa de um quarto de hora foi para o jornal.

– Para o jornal?

– Sim, senhora.

– Vamos lá ao jornal, disse ela brevemente numa ponta de rouquidão.

A charrete rodeou a praça, parou diante da Comarca. A senhora sacudiu a manta de viagem e o cocheiro ajudou-a a apear-se.

– Leva a égua a beber. Não te demores. Enquanto o ruivo tornava a subir para a boleia, empurrou ela a porta do jornal; rompeu pela saleta de espera, indagou do empregado do Medeiros se tinha estado ali um sujeito gordo, baixo, de samarra; e como o rapaz lhe apontasse o escritório, entrou.

O Medeiros levantou-se, um tanto surpreendido. Álvaro Silvestre rodou o pescoço maciço penosamente, mas reconhecendo-a precipitou-se com uma energia desconhecida sobre a secretária do jornalista, agarrou o papel em que escrevera a confissão, amarfanhou-o com a rapidez que pôde e sumiu-o no bolso da samarra. A sucessão brusca de movimentos atarantou-o, o chapéu rolou-lhe para o chão, hesitou entre apanhá-lo e dizer qualquer coisa, as pernas tropeçaram-lhe uma na outra e recai no cadeirão, desamparado. A mulher sorriu:

– Incomodei-os ao que vejo. Não me apresentas, Álvaro?

Mas o marido era uma concha de silêncio pasmado e ela própria se apresentou:

– Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho... Silvestre.

Destacou com ironia o sobrenome do marido. O Medeiros gaguejou.

– Mui... muito... prazer. E indicou-lhe um cadeirão.

– É então o senhor quem dirige a Comarca?

Examinava os móveis pobres do escritório. Continuava a sorrir. O vestido de veludo escuro afagava-lhe o pescoço numa gargantilha rendada e branca, como um leve colar de espuma; as mangas enfunadas vinham morrer aos pulsos na mesma alvura breve e nítida, donde a mão nervosa emergia longamente. Um pouco antiquado tudo aquilo, mas ficava-lhe bem, adelgaçando-a; e havia um toque excitante no contraste que faziam o vestido sombrio e a palidez das feições. Malares salientes, os cabelos negros, aconchegados num novelo espesso e entrançados sobre a nuca; a boca de lábios túmidos; os olhos grandes, vivos, quase ansiosos; caído pelos ombros, o xaile de lã clara, cinza-pérola, punha no conjunto uma nota de intimidade inesperada. Todavia qualquer coisa naquela mulher esplêndida gelava o jornalista: o franzir irónico da boca, a avidez do olhar, o tom escarninho da voz gelada?; não sabia ao certo e avaliava-a com prudência: uma mulher de mão cheia, sim senhor, mas dura de roer.

E em voz alta, um pouco mais sereno:

– João Medeiros, às ordens de V. Ex.^a. Entretanto D. Maria dos Prazeres sentara-se e apontava as botas enlameadas do marido:

– As tuas botas, homem!

Fez um esforço baldado para esconder os pés debaixo do cadeirão. E já ela se espantava outra vez:

– Nem sequer trouxeste gravata!

Levou a mão ao peitilho da camisa, mas suspendeu a meio o gesto de temor quase infantil; e ficou com a mão no ar, hesitante, vexado.

– Imagine o senhor que veio do Montouro a pé com este tempo. Com charrete em casa, cavalos e cocheiro. Uma criança de cinquenta anos. Não sei o que o trouxe aqui. Seja lá o que for. O certo é que anda doente, com ideias estranhas, e tem de se lhe dar o devido desconto. O que ele diz não é nenhuma bíblia, compreende?

Baixou-se para apanhar o chapéu que lhe caíra à chegada da mulher e gemeu, humilhado:

– Basta, Maria.

– O médico aconselhou-lhe o abandono dos negócios, das terras, prosseguiu ela imperturbável. Repouso e distrações. Pois o repouso, as distrações, foram hoje duas léguas de lama, a corta-mato, na iminência do temporal.

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim. Sentiram-na retinir nas vidraças. O jornalista aproveitou para mudar de conversa:

– Forte aguaceiro. Estala. Álvaro Silvestre anuiu logo:

– Boa bâtega, sim senhor.

Só ela preferiu continuar a bater no mesmo prego:

– A boa bâtega que te podia ter apanhado no caminho. Já pensaste nisso?

Fechou os olhos, de puro desalento: cala-te, Maria, cala-te. O Medeiros levantou-se, foi à janela espreitar as cordas de água fumegante: mas que dois.

Quando estiou, partiram. Anoi-tecera já de todo. O ruivo tinha acendido a lanterna da charrete e o clarão batia na lombeira da égua lustrosa de suor e chuva. O perfil do cocheiro arrancava-o da sombra da luz amarelada: o queixo espesso, o nariz correcto, a fronte não muito ampla mas firme. De encontro à noite, parecia uma moeda de ouro. O moço ia hirto, de olhos postos no caminho escalavrado que a lanterna abria a custo, e a tensão (a atenção) dava-lhe um relevo enérgico aos tendões do pescoço que o blusão de bombazina deixava a descoberto.

Ela fitava-o e não resistia à tentação de um paralelo com o homem mole e silencioso que levava ao lado. A charrete rompia o barrocal, embatia no talhe das covas levantando chapadas de água enlameada. Parecia dismantelar-se. A cada solavanco, Álvaro Silvestre escorregava sobre a mulher que sentia no flanco o peso desagradável; esquivava-se à pressão, encolhida ao canto da bancada; e olhava para o homem de ouro, na boleia, sob a morrinha.

Primeiro, a fonte brotou tenuamente, muito ao longe, na infância; depois, a água mansa turvou-se ao longo do caminho, do tempo, com o lixo que lhe foram atirando das margens; e agora é cachoante, escura, desesperada.

A ruína entrou na casa de Alva: dinheiro, terras, móveis, levados pela voragem; lustres arrancados dos tectos (começou a seroar-se à luz de pobres lamparinas); velhas arcas de madeira olorosa e pesadas de belos linhos, reposteiros, cadeirinhas graciosas forradas a damasco, armários de talha, guarda-loiças de cristais finíssimos, camas torneadas, deu o sumiço em tudo; desapareceram os quadros das paredes, a prata dos talheres; a dona da casa arrancou as jóias do colo, os anéis dos dedos; venderam-se espingardas de caça, galgos, cavalos, traquitanas, relíquias de nebulosos tempos como aquele punhal antigo cravejado de diamantes; e quando ela fez dezoito anos, o pai fidalgo, que era Pessoa, Alva e Sancho, descendente de um coudel-mor, de um guerreiro das Linhas de Elvas e primo do Bispo missionário de Cochim, negociou o casamento da filha com os Silvestres do Montouro, lavradores e comerciantes: sangue por dinheiro (a franqueza dum homem sem outra alternativa); assim seja, concordou o pai de Álvaro Silvestre, compra-se tanta coisa, compre-se também a fidalguia.

A charrete bateu rudemente num barranco e parou.

– Chó, Moira, chó, linda! gritava o ruivo a encurtar as rédeas, a estimular o animal.

Mas nada. Álvaro Silvestre tentou erguer-se do fundo do assento e recaiu pesadamente, sem uma palavra. Ela, com a garganta tocada de humidade, perguntou a custo, muito rouca:

– Então, Jacinto?

O moço saltou da boleia, admitindo:

– Só se o eixo partiu. Mergulhou debaixo da charrete:

– Qual partiu! É o que se chama aço. Pôs-se de pé e metendo o ombro à traseira do carro deu uma ajuda à égua. Lá galgaram por fim o socalco barrento.

Com o breve desequilíbrio das coisas que lhe margeavam o pensamento, o fio das recordações quebrou-se; a marcha suspensa da charrete, o esforço inútil do marido para se levantar, o silêncio cortado pelo diálogo com o cocheiro, o poisar mais audível da chuva miúda no oleado da capota, marearam a nitidez das velhas imagens como num lago que estremece; apesar disso a viagem continuou, agora e no passado: não era possível resistir a um casamento como o seu senão enquistando numa casca de hábito o gosto de viver, as emoções, os desejos, o amor, ou então... Álvaro Silvestre tornou a resvalar-lhe para cima, ela interpôs o cotovelo entre os dois e cravou os olhos no cocheiro, inteiriço como um bloco, atento à noite e à estrada: ou então aquilo, homem devia-o ser aquele pedaço de pedra doirada que a treva contornava, luminoso e rude, homens aliás eram aos pontapés, mas tinha-lhe calhado em sorte o gebo que ali ia abatido no banco da charrete; sangue por dinheiro; as casas de fidalgos na penúria amparavam-se a lavradores boçais e ricos, a sólidos comerciantes, retemperavam o brasão no suor da boa burguesia; e os Alvas não fugiam à regra; quando soou a hora da miséria vieram entregar a menina aos lavradores do Montouro; um desgosto de família, não ser o casamento em Alva, no palacete, que tinha capela privativa, porém haveria que refazer para o jantar da boda todo o mobiliário das grandes salas que a usura despira e o velho Silvestre foi de entender que não, que nem tanto: lá sangue de Pessoas e Sanchos a correr nas veias dos meus netos muita honra, mas nunca a troco da ruína. O fidalgo achou-o de pedra e cal na decisão e desistiu. Fez-se o casamento no Montouro. Conseguia recordar ainda com uma agudeza incrível a onda de sentimentos contraditórios que a arrastara vagarosamente ao altar, a amarga obediência aos pais e o desejo de os ajudar, a curiosidade e o medo, o medo e um pouco de esperança; avançava pelo braço do pai, toda de branco, entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas; sorria, mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido; a chuva caía, caía com certeza, no passado e agora.

O ruivo voltou-se para trás:

– Ou eu me engano muito ou a água manqueja.

Desta vez, Álvaro Silvestre pôde articular:

– Vai lá andando, mesmo assim.

Ouviu as palavras ensonadas do marido e estremeceu. Suspensa por um momento, a água da memória lá recomeçou a correr. Meu Deus, este homem viscoso agarrado às saias, até quando? A lapa no rochedo, a lapa dúbia, o homem covarde que nem coragem tem de ser ganancioso. Faz tudo para saciar a cobiça, o justo e o injusto, mas depois cobre-lhe a alma a lepra do remorso e corre à igreja, ao confessionário, às penitências. Rói-o o pecado como rói o musgo a concha da lapa. Leva noites de insónia a rezar pelos cantos, temeroso do inferno e do fogo sem fim. Às vezes, por nada. Por descontar na jorna a preguiça dum camponês que chega tarde ao trabalho. Outras, por coisas maiores mas que um homem a sério tem o dever de encarar com a espinha direita. A venda dos pinhais de Leopoldino, por exemplo; o irmão valdevinos que depois da morte do velho Silvestre derreteria quase toda a sua herança em negociatas sem ponta por onde lhe pegassem ou em estúrdias de aldeia à força de muito vinho. Tinto, carrascão. Abalara para a África arruinado e anos depois caiu sobre ele o silêncio dos mortos. Nem novas nem mandados. Julgaram-no arrumado numa dessas rixas de taberna que lhe iam a matar ao génio aventureiro e habituaram-se à ideia da sua morte; habituaram-se, é como quem diz, porque eu nunca me habituei. Mas enfim.

A madeira começara a subir vertiginosamente com a guerra e Álvaro Silvestre, que o irmão nomeara procurador, lembrou-se da fortuna remanescente do outro, meia dúzia de pinhais velhos e encorpados que ganhavam de súbito um valor considerável: que dizes tu, Maria, vendem-se os pinhais?; talvez ele não tenha morrido; ora, está morto e remorto; sabe-se lá; mete-se o dinheiro da madeira na loja e o negócio cresce, vendem-se ou não?; como entenderes, se ele morreu e és tu o herdeiro que escrúpulos te prendem?

Vendeu, mas passados tempos, faz hoje precisamente quinze dias, chegavam ao Montouro notícias do vagabundo, uma carta do seu próprio punho anunciando o regresso, nem de propósito, volta o estoira-vergas, riquíssimo, diz ele, descobriu umas minas fabulosas, não explica onde nem de quê, mas é coisa para comprar a Gândara em peso, sem esquecer o belo femeação de Corgos. Sempre o mesmo, mulheres, tesoiros, aventuras. A leitura da carta avivou-lhe na memória o retrato de Leopoldino, mais novo do que Álvaro, o avesso do irmão, alto, magro, a pele enegrecida à torreira das caçadas, e ali se pusera ela a recordar com um sorriso de complacência a vida buliçosa do cunhado, de feira em arraial, de zaragata em arruaça, de gorra com uma camponesa hoje ou com a filha dum armazenista de Corgos amanhã, ouço-o ainda, dum atrevimento a roçar pela grosseria, quando eu e o Álvaro chegámos da viagem de núpcias: bela coisa, mano, vê-se pela cara. Perdoava-lhe agora, perturbada pela confusa alegria que a notícia do regresso inesperado lhe dera.

Com o marido foi diferente. Mal acabou a carta, pôs-se a vaguear no escritório, a tropeçar nos móveis. Voltava-lhe o remorso, cíclico como as sezões: e os pinhais, Senhor, que contas lhe darei eu dos pinhais? Como era de uso, correu ao padre Abel a desabafar e desabafou com tal veemência que o padre, dessa vez, procurou D. Maria dos Prazeres e avisou-a. Foi ressaltando o segredo da confissão: palavras a um sacerdote, no confessionário, são palavras ao ouvido de um morto, quer dizer, vai-se a lembrança delas... Lá encontrou por fim maneira de levantar a lebre; emaranhou-se a lebre ao princípio numas cautelas sibilinas que o padre punha no deslindar da meada, mas acabou por correr em campo aberto, e o caso era que Álvaro Silvestre começava a prometer graves dissabores: declarações públicas inconvenientes, D. Prazeres, como já as fez ao Antunes antes de me procurar para a confissão, é claro que chamei o sacristão e lhe pedi silêncio, mas o deslize pode repetir-se onde a minha influência não chegue; declarações ao Antunes, padre Abel?; exactamente, ao Antunes: que trazia a consciência cheia de roubos até aos gorgomilos... o Antunes limitou-se a achar o dito engraçadíssimo, mas lançada a semente a seara vai crescendo; passou a mão devagar pela testa e permitiu-se um alvitre: é a altura de o entregar ao dr. Neto... talvez a telha seja passageira, em todo o caso nunca fiando, dr. Neto com ele; o dr. Neto declarou: cansaço, esgotamento nervoso, a carroça fora dos eixos, enfim, a chave desta fechadura é o repouso, quanto mais repouso melhor (falava por falar; conhecia bem o inferno que era a vida dos Silvestres e no inferno repouso é difícil; recebeu brometos, por descargo de consciência).

Ao serão, ela comunicou o diagnóstico ao padre Abel, que ponderou: deu-lhe para a confidência e o melhor agora é impedir-lhe os desabafos indiscretos; olho nele, D. Prazeres.

Se lhe ficava de olho! Não, que os desabafos indiscretos comprometem-me também a mim, mulher dum louco que anda a penitenciar-se pelos cantos, a varrer diante de a e b (do sacristão Antunes!) o lixo que lhe enche a consciência. Ainda bem que a misericórdia de Deus já te levou, D. Fernando Egas Pessoa de Alva Sancho, meu pai, ainda bem ou acabarias por me ver discutida entre jornaleiros e almocreves: lá vai a mulher do Silvestre ladrão, aquilo é cada um ao que mais pode, disse-mo ele a mim.

Começou a vigiá-lo, mas naquela tarde deixara-o estendido no meple do escritório, para um salto à cozinha, experimentar uma receita espanhola de almôndegas, e ao voltar, que é dele? Correu a casa toda: Álvaro, Álvaro. Mandou procurá-lo à igreja, à loja. Nada. Desceu ao pátio: aparelha a charrete, Jacinto. E partiram. Foi um castigo para colher informações sobre o caminho do fugitivo. O ruivo interrogava quem ia encontrando e por fim, já na estrada da vila, alcançaram notícia dele. Ali vinham agora de regresso, com a égua a tentar vagarosamente o lamaçal: e parece que as ferraduras do bicho mergulham no meu próprio passado.

VI

Arrastava-se a viagem. A morrinha parara mas havia mais frio. Traçou o xaile de lã sobre a garganta, sempre aquilo, colhia-a um golpe de humidade e a voz, rouca de natureza, tornava-se inaudível. Só o calor lhe permitiria falar outra vez desafogadamente. Passou de memória a sala do Montouro, com pinhas acesas e desfeitas no tijolo do lar, as conversas vagarosas, o grande candeeiro de petróleo com as senhoras debruçadas sobre as malhas, e ela que em geral se azedava no pasmo daquelas noites desejava-o agora de todo o coração, quem me dera estendida na cadeira de verga, ao brando crepitar do lume.

A égua tropeçou, foi quase de focinho à estrada, e o ruivo insistiu:

– Vai trôpega, que eu já o disse.

– Deixa lá ir, respondeu Álvaro Silvestre da meia sonolência em que ficam os gordos quando viajam.

A certas coisas, rompiam nela um velho fogo emborralhado à espera de o soprarem; nunca se sabia quando nem porquê; mas nos piores dias então, as palavras, a simples existência do marido, davam no lume como vento, e a labareda vinha, o que de repente aconteceu, porque ela, ainda há pouco desejosa de calor e sossego, ordenou ao cocheiro:

– Qual deixa ir! Pára, Jacinto, pára imediatamente. E vê se a égua vai ferida.

Acrescentando, por conta de Álvaro Silvestre:

– Selvajarias na minha frente, não.

O ruivo apeou-se, feliz por o ir em socorro do animal. Examinou-lhe a perna coxa e gritou:

– Leva um joelho que é uma fonte de sangue. Deve ter encepado na brita do barranco e esfolou-se.

Despiu o blusão com presteza, puxou a fralda da camisa, segurou-a nos dentes e rasgou uma larga faixa de tecido. Ligou a perna à égua, apertando-a um pouco acima do joelho, de modo a estancar o sangue sem prejuízo dos movimentos, assentou-lhe na anca uma palmada encorajadora, e a viagem recomeçou, não sem que D. Maria dos Prazeres comentasse:

– Devagar, Jacinto. E mesmo que te mandem esfolar a égua, não a esfoles.

O rapaz sufocou sabe-se lá como a risada quase irreprimível que lhe subiu do fundo da garganta: isto é ali com o safardana; mas o safardana mal ouvia; a jornada a pé do Montouro à vila e o vexame a que a mulher o obrigara no escritório do Medeiros tinham-no derreado: a tua fúria agora pouco adianta. O pior era o longo patinhar da charrete na lama. Covas, paragens, lentidão. Fechava os olhos e deixava-a bramar. Responder, para quê? A modorra ia-lhe empurrando os pensamentos até um sítio escuso da cabeça, donde não viriam aborrecê-lo por enquanto: e tenho sono; podes mandar-me novas ferroadas; à vontade. Bastava-lhe a ele cingir as pálpebras, apertá-las mais, um pouco mais ainda; quando sentia o canto dos olhos bem franzido, deixava de a ouvir; e pouco a pouco ia-se enconchando no seu próprio cansaço; dormitava. Ao mesmo tempo que Álvaro Silvestre assim resvalava pelo sono, nela crescia o fogo: com que então indiferente, vejam bem, superior às canseiras que me dá, ao lamaçal que me obriga a trilhar por um tempo destes, Sua Excelência cabeceia, qual cabeceia, Sua Excelência dorme, indiferente ao que eu digo, às mazelas da égua, à estupidez desta viagem que nunca mais acaba, indiferente ao mundo; corro atrás dele como de um filho, mas o Silvestre, dos ilustres Silvestres do Montouro, quer lá bem saber disso, trago-o às costas para casa como um fardo e o Silvestre, o das confissões que é ladrão e não sei quê, ressona há uma eternidade e há uma eternidade que eu o oiço, que eu me mexo no bico dos pés para o não acordar; a charrete desfaz-se nas covas, mas o Silvestre não se rala, o Silvestre compra éguas destas que não atam nem desatam, desencanta cocheiros destes tão frescos como as éguas e depois ronca satisfeito, mas isto acaba, meu Deus, e acaba já.

Ergueu-se de repente, afastando o xaile e a manta de viagem. Lavrava o incêndio dentro dela. Arrancou o chicote das mãos do ruivo e uma vez, duas vezes, uma dúzia, malhou no lombo da égua até poder; então, senhora, então, senhora; o chicote descia da treva, silvo furioso que a luz da lanterna transformava em golpe e dor visível, a égua afocinhava mas lá ia puxando, trôpega e dorida; Álvaro Silvestre emergiu do seu meio sono, esfregou os olhos para ver se era verdade ou mentira aquilo, e a meio da charrete, com as lágrimas em бага pela cara, os cabelos soltos, manchada do oiro baço da luz, de facto era ela, bela, quase terrível:

– Acaba, acaba, acaba, acaba...

VII

Chegaram tarde. Serenara, readquirindo modos, compostura e paz. A paz que sobrevém à cólera: cansaço, indiferença. Ao jantar ainda perguntou, levemente irritada, que diabo fora o marido fazer a Corgos, ao escritório do Medeiros, mas ele, de boca cheia, murmurou qualquer coisa vaga e como entretanto as visitas bateram à porta a conversa ficou por ali.

– Abre, Mariana.

Seroavam numa sala de lareira, espaçosa mas atravancada de grandes móveis de nogueira; mantas de lã, grossas e discretas, atapetavam todo o soalho; o calor das achas, gordas de cerne, clareava-lhe a voz:

– Mexe-te, rapariga.

A criada abriu a porta que dava para o pátio por uma escadaria lateral de pedra e a D. Violante e o padre Abel entraram. Parecidos como o ovo e o espeto. Sempre que os via juntos, ela maciça e baixa, o padre esgrouviado, D. Maria dos Prazeres tinha um sorriso de dúvida: realmente... ninguém dirá que são irmãos. As beatas do Montouro garantiam que não e embora lhe tivessem perdoado a ele há muito reservavam ainda a D. Violante um ódio velho. Mas cansado também. Chamavam-lhe a irmã do padre, num sublinhar irónico do parentesco que deixava em aberto as suposições mais escabrosas. Houve uma altura em que a situação do padre foi difícil, quando a viúva do Teixeira marchante, riquíssima e piedosa, tentou arranjar ambiente para uma representação ao Bispo-Conde, que lhe pedisse cobro à escandalosa mancebia: padres da República, já de si mal formados, com badalhocas desta força em casa que podem eles fazer pela santíssima doutrina?

A campanha esmoreceu, porém, quando D. Maria dos Prazeres, acabada de casar, começou a receber o padre e a irmã. Duma vez o primo da fidalga, o Bispo missionário de Cochim, de regresso ao continente, veio visitá-la e o padre foi visto de conversa com ele, sorridentes os dois, para trás, para a frente, no jardim da casa. Tanto bastou para restabelecer o prestígio do padre e açaimar as beatas: é amigo dos Bispos, dá-se com o Missionário da China; também se dá com o nosso Bispo-Conde, é dos poucos que lhe comem à mesa quando lá vai ao Paço; o que a Teixeira nos ia arranjando, podíamos limpar as mãos à parede. Contudo, havia nelas um vinagre turvo de azedume que era forçoso despejar em alguém. O padre estava a salvo e despejaram-no em D. Violante, anos e anos, tenazes e constantes como é de lei nos grandes ódios, mas durante anos ela aguentou-se com a ajuda do padre, vozes de burro não chegam à Violante, e o mistério daquelas relações persistiu, por aviso ou inocência deles.

VIII

Acolheu as visitas com a amabilidade habitual; talvez um pouco mais crispada:

– Uma cadeira, D. Violante. Faz favor, padre Abel. Onde quiserem.

E Álvaro Silvestre afundou-se nos almofadões da cadeira de verga, ao pé do lume. Tinha o brandy à mão, na mesinha holandesa que viera do palacete de Alva, uma das ninharias que o sogro pudera reunir para a prenda de casamento, a mesinha holandesa, meia dúzia de retratos a óleo (restos da galeria dos avós) e um velho elmo que o fidalgo garantia ter andado nas Linhas de Elvas, ao lado do Conde de Cantanhede, com um Pessoa de Alva dentro a levar o Meneses à vitória: a certa altura, a coisa estava fusca, estava mesmo preta, e D. António Luís, um grande general mas prudente (os Meneses foram sempre prudentes), receando o envolvimento dos seus homens, tinha já a ordem retirada na ponta da língua, quando o meu avô D. Jerónimo se lhe chegou ao pé: Elvas tem de ser libertada, Conde, eu não retiro, eu embico com o meu terço pelo flanco da cavalaria deles e isto há-de ir; pois embicou e aquilo realmente foi; apontava o elmo ao velho Silvestre: aqui lho deixo, quero-lhe tanto como à Maria dos Prazeres, aqui lhe deixo os dois; o lavrador bateu a ponta dos dedos na relíquia e tirou um som choco, de lata: como material, não é lá grande coisa, mas fica na sala grande, prega-se ao meio da parede, e aprende a história, Álvaro, para se contar a quem vier. Os retratos ficaram também na sala grande, três de cada lado do elmo. O fidalgo pediu especial atenção para o do avô que amparara el-rei D. José no couto de Almeirim: grande caçada, já se vê, trompas, galgos, batedores; o Rei ao transpor o valado de uma fossa desequilibra-se e se não é a mão segura de meu avô D. Nuno lá ia Sua Majestade à lama ou a coisa pior, o que não era muito próprio, com toda a Corte a ver; D. José deixou passar a comoção e quando pôde agradeceu: o velho pulso dos Alvas, D. Nuno, a velha gana, e olhe que se não levasse já o Grande Marquês a guiar-me o barco, era à porta dum Alva que eu ia bater; sem tirar nem pôr, amigo Silvestre, textual; decora, filho, o préstimo destas coisas é tê-las de memória para largar a um serão.

Recordava-as agora, não sabia porquê, poisando o cálice vazio na mesinha holandesa, e absurdamente apeteceu-lhe contar uma dessas histórias:

- Há lá dentro na sala...

Mas calou-se logo. Ninguém deu pelas suas palavras ciciadas e ele próprio pôs em dúvida se as teria chegado a dizer. O padre Abel perguntou-lhe:

– E a sua saúde, que tal vai?

Indo, elucidou sucintamente, a encher de novo o cálice.

D. Maria dos Prazeres, no entanto, alargou a brevidade da resposta a proporções mais educadas:

– Um pouco deprimido. Também o tempo não ajuda.

– Um outubro sisudo, com efeito.

– Pois se eu que tenho os nervos são não ando bem, é claro que o Álvaro há-de ressentir-se.

Estranhou que a mulher não referisse a fuga para Corgos. De resto, pouco se lhe dava. Pôs os olhos no grande candeeiro de petróleo que ocupava o centro da mesinha e deixou-se ficar, com uma golada de brandy na boca, a fazer bochechos lentos, distraídos.

D. Maria dos Prazeres falava agora da imagem nova de Nossa Senhora do Montouro que tencionava oferecer à igreja nos próximos festejos à santa tutelar da freguesia. Encarregara-se da obra o mestre António, um oleiro do sítio, que trocara há muito o fabrico da louça pelas imagens sagradas:

– Fui a semana passada à oficina dele e a Nossa Senhora vai adiantada. Cego, padre Abel, mas duas mãos abençoadas a mexer no barro.

– Com efeito, extraordinário. Eu conheço-lhe um Santo António em Corrocovo que pede meças a qualquer outro.

Quando Deus queria do norte chovia, disse a D. Violante que era um adagiário vivo.

E erguendo a cabeça do bordado explicou-se melhor:

– Quando Deus quer, até os cegos vêem. A imagem é de tamanho natural. Dos ombros da Virgem desce um grande manto, que há-de ser todo a ouro e branco. O Menino ao colo, meio agasalhado nas dobras do manto. O rosto da santa, que está quase acabado, é um primor. O padre Abel verá.

– Lá irei ver, D. Prazeres; e, se mo permite, dar o meu conselho, porque enfim sempre há certas coisas canónicas a vigiar; o cânone é por assim dizer...

Estendeu a mão para a garrafa, voltou a encher o cálice. A mulher reparou e enquanto o padre falava da medida justa, das lutas da Igreja com os artistas, veja-se o tamanho exagerado das asas dos anjos, por exemplo, a celeuma que isso foi, não sei mesmo se chegou a haver Concílio, seguia ela os gestos do marido que erguia o cálice, o levava à boca, tudo pausado e lento

até ao brusco despejar do brandy na garganta: bebe cada vez mais, passa o tempo alapado na cama, nos canapés, nos cadeirões, com a aguardente à mão; olhava-o e assaltavam-na certos momentos de piedade como agora, mas raramente, porque o habitual era o escoar quotidiano do seu orgulho, ora indiferente, ora tempestuoso. Quantas vezes o vira meter o ombro à muralha que ela erguia entre os dois, como quem bate às cegas numa porta recôndita que não sabe onde é nem para onde dá e ali fica toda a noite, aos umbrais, gelado e miserável; lá pela madrugada açulam os cães da casa a quem bater, o que ela tinha feito sempre, depois de o abandonar ao silêncio onde não há ninguém ou se há não acorda e se acorda não responde nem abre; nunca lhe estendi a mão para um pouco de compreensão recíproca e, não contente com isso, respondi às tentativas dele, que ao fim e ao cabo também queria paz, desaçaimando os cães (a cólera, as fúrias, os vexames); que outra coisa poderia ter feito? – Pois o despacho do Ministro foi contrário, o dr. Neto andava às voltas com o presidente da Câmara e o presidente da Câmara às voltas com Lisboa, a ver se era possível o dr. Neto concorrer ainda ao lugar de médico municipal que vai ser criado aqui, no Montouro. Bem se mexeu o nosso amigo, bem pediu, mas é claro, lugares públicos depois dos trinta e cinco anos... como o outro que olhava para Braga, D. Prazeres, por um canudo.

Bem pediu, bem se mexeu, resmungava a D. Violante, se as orações dos cães chegassem ao céu choviam ossos.

– Então, Violante; diz S. João: não julgueis segundo as aparências. É certo que o dr. Neto não frequenta a igreja, ignora a confissão, não saberá mesmo fazer o sinal da cruz, mas continuo a ter esperança, porque apesar de tudo há verdadeira bondade naquela alma.

– Não se trata disso. Já to disse não sei quantas vezes. O que me importa é o namoro.

– A entreter a pobre da senhora há tantos anos, não era tempo de ir pensando no altar?

– Já te disse também que o assunto é melindroso.

– Tens de lhe falar. Não podes assistir a uma coisa destas de braços cruzados. Noiva serôdia, nem miolo nem côdea.

– Calma, Violante.

Tinha decidido há muito não tocar no problema do dr. Neto: bom sujeito, é certo, mas capaz de uma parelha de coices quando lhe chegam a mostarda ao nariz.

– Achas que é meu dever falar-lhe, mas Santo António não me encomendou ainda o sermão. Se uma alma em apuros me procura, dou-lhe o conselho que me pede, se uma das minhas ovelhas se extravía, ajudo-a conforme posso. Ora pediu-me ele algum conselho?

– E por acaso do rebanho que apascento? Pode dizer-se que esse namoro seja uma ofensa a Deus ou à moral? Se não pode, que tenho eu a ver com o caso? Sou um sacerdote, não sou uma comadre.

Exaltei-me, claro; mas recaiu em si logo depois e, batendo a ponta dos dedos no ombro de D. Violante, sorriu:

– Acredita que o melhor é deixá-los em paz: boda e mortalha no céu se talha, para me servir dum dos teus provérbios, se dás licença.

A meio do serão, chegou a D. Cláudia, pálida e medrosa. Dava a aula diária e metia-se em casa. Recortava meticulosamente os folhetins do Século, encadernava-os depois em capas de carneira, que ela própria pirografava copiando paisagens de velhos calendários ou flores arrancadas às revistas de bordados, à natureza não, a D. Cláudia temia a natureza, a chuva, o sol, o mar, o vento, ignorava as flores que irrompem dos estrumes, e a própria vida humana, as relações sociais, os pequenos equívocos da convivência, as conversas mais acaloradas, assustavam-na. O namoro com o dr. Neto arrastava-se há anos e a culpa não era apenas dele. Um instinto profundo, a que não dava nome, avisava D. Cláudia de que em tudo havia uma crueza que era melhor não desvendar. Se olhava para dentro de si lá entrevia ao fundo, num relance, essa mesma crueza asfixiada sob cândidos folhetins ou girassóis imaginários. E asfixiava-a mais. Recortava o Exílio de Amor com renovado zelo, pegava no cautério e, apertando o folezinho de borracha, avivava a ponta de fogo, abria na carneira um rio manso de salgueiros, a guardadora, os patos, a sugestão do silêncio, ou então fragas que o musgo amaciava, grutas rasgadas numa quase ogiva de templo, uma ou outra cegonha solitária, coisas mansas, paradas. Ia protelando o casamento e o dr. Neto concordava. Também ele era um tímido a seu modo, embora amasse as coisas vivas e criadoras. Atascado até ao pescoço na vida do Montouro, sabia bem o que custava uma espiga de milho, aos homens e à terra, conhecia as escuras germinações de um girassol ou de uma rosa porque ele próprio os plantava para as suas abelhas (cortiços e colmeias enchiam-lhe o quintal), seguia desveladamente o trabalho e o sono dos Bichinhos sábios comedores de pólen (como ele dizia), simbolizava no doce destilar dos favos o que a Vida, a Natureza, Deus ou lá o que era, podia arrancar de belo e saboroso ao tempo, uma filosofia nascida de três ou quatro jeiras de quintal, assente em realidades vivas, botânicas e animais, porque o dr. Neto amava a realidade e só daí é que partia para as abstrações, simbologias camponesas em que o mel, por exemplo, quase alcançava o teor da suma perfeição.

Largar do concreto para o ideal era o seu lema, assentar a evolução de uma ideia em coisas palpáveis como sementes, flores, abelhas, cortiços, mel, e tanto assim que quando partia para o seu platonismo amoroso recusava-se a considerar que fosse a timidez a empurrá-lo, aduzia razões de ordem absolutamente material, científica: sou um heredo-sifilítico; a D. Cláudia, uma constituição linfática, fragilíssima; pois bem, casamo-nos e depois que filhos deitaremos ao mundo? Saltava daqui para as implicações morais: não me parece justo chamar à vida um ser doentio, deformado ou louco; punha mesmo em dúvida se era lícito a alguém fazê-lo, um rei que fosse, com o problema da sucessão às voltas; e a verdade é que tudo isso está dentro das possibilidades do nosso casamento; etc, etc; até se ver claramente que não tinha o direito de insistir com a D. Cláudia. Neste ponto encontravam-se os dois. Por caminhos diversos chegavam ao acordo tácito de que aquele puro amor lhes ia bastando por agora, e um dia que a ciência possa garantir-me uma sã descendência, dizia o dr. Neto, um dia em que eu me atreva a fitar a crueza da vida, pensava a D. Cláudia, nesse dia, talvez acabassem por casar.

O dr. Neto veio ao fim do serão. Uma chamada urgente levava-o de tarde a S. Caetano e só agora regressava. A segunda investida, uma angina de peito matara o Campos ferrador. O médico deixou-se cair na poltrona e o seu corpanzil de gigante fez a poltrona ranger, ajoujada.

– Aquele já lá vai, padre Abel, e eu nem o cura de S. Caetano pudemos grande coisa por ele.

– Não é tanto assim, porque se era católico sempre terá ido confortado pela Santa Madre Igreja. Cristo...

Já sei, o evangelho segundo Santo Abel, e interrompeu-o:

– Muito pouco pode ainda o homem pelo homem. Estamos no começo de tudo.

Fixou um momento a chama da lareira:

– Mas, pensando bem, vida e morte o que são?

A pergunta inesperada ecoou em Álvaro Silvestre, de fibra em fibra e nervo em nervo, até lhe ressoar no mais íntimo da consciência. Ficou espantado, como alguém que é ferido a uma esquina, de surpresa, e balbuciou sem querer:

– Vida e morte o que são?

A conversa continuava:

– Para nós, católicos, vida e morte são o que são. Um dia, a vontade criadora de Deus resolveu-se e criou...

– Pois sim, mas tomemos para exemplo as abelhas. Partir do simples para o complexo. Sabe-se que após a fecundação o destino dos machos é a morte. Ora, como fecundar é criar, pergunto eu...

As coisas em redor, o grande candeeiro de petróleo, a mesinha holandesa, as cadeiras, o relógio esmaltado, os móveis de nogueira velha, a tenaz caída no tijolo do lar: um abandono sem remédio. As terras, a vivenda, a grande mercearia de taipais ondulados, a melhor do concelho, mesmo em Coimbra não são aos pontapés (convicção do padre Abel), nada lhe pertencia verdadeiramente. A riqueza amargou-lhe pela primeira vez, um travo doloroso de que tudo era passageiro, de empréstimo, para largar quando Deus achasse justo mergulhá-lo na pobreza extrema dum coval. Entendia vagamente o padre:

– Não aplique aos bichos a medida dos homens.

– E S. Francisco?

Lá falar, falavam. Mas ele sabia que nenhum dos dois estava a ser varado pelo pavor. Vida e morte o que são? A morte é perder as terras, a loja, o dinheiro, para sempre; e apodrecer, devorado pelos vermes; ali estava a explicação da sua repugnância por bichos miúdos, aranhas, minhocas, carochas, centopeias, larvas, essa infinidade pululante de pequenas monstruosidades. Esmagou as mãos uma na outra, porque a morte existe, pode chamar à porta quando lhe apetecer, e imaginou-se demoradamente no caixão aberto, ainda em casa, ainda acompanhado do murmúrio humano que o velava, daí a nada atirado à garganta da cova com cal por cima e terra, depois a lousa, o abandono: os outros regressam a casa e eu para ali fico, sufocado, sozinho, a morrer outra vez, porque via tudo isso como se as coisas se passassem e ele com consciência, como se ouvisse o rumor da noite em que o velavam, o latim do padre Abel no cemitério, as pazadas de terra a cair no caixão, o fervilhar irreparável dos vermes.

Atirou-se ao brandy para não gritar. Nunca suspeitara com tamanha agudeza que a sua vida pudesse deixar de fincar-se em lajedos indestrutíveis como um prédio de séculos; vivia sem pensar que tinha de morrer; as confissões ao padre Abel fazia-as com frequência, é certo, dava conta a Deus dos mais pequenos passos para uma hipótese remota de julgamento, um dia de cólera divina perdido ainda na distância e também para impedir qualquer antecipação possível da justiça, as doenças, os desastres, um incêndio na mercearia, mas agora a coisa fiava mais fino, o tempo contado pela morte apertava em limites breves o terror, os remorsos. Procurou o olhar da mulher como uma criança amedrontada que pedisse auxílio: peço-te auxílio, Maria.

A D. Violante fazia nessa altura um resumo da questão:

– Nem rei nem papa à morte escapa.

Nem rei nem papa. Era verdade, morriam todos afinal, o padre, o médico, as senhoras, e a ideia deu-lhe algum consolo; levados à tona do serão, falando outra vez do despacho contrário ao dr. Neto, mal podiam supor o que se adivinhava por trás deles; a mulher, por exemplo, que ignorara há pouco o seu pedido: deixa á, Maria, não preciso de ti, descobri-te o segredo, a fragilidade, ir como os outros, com a cal e o abandono dos outros, mas a alma?, porque há também a alma, será melhor a dela do que a minha?; e cerrou as pálpebras, apertou-as brutalmente; formas convulsas começaram a crescer do mundo turvo que se abrira nela às palavras do médico, com a ajuda do brandy, estranhas metamorfoses, cavalos de crinas ardentes desgrenhadas, e lá vinha a mulher sobre o xairol e a sela das visões, trazia reflexos de fogo nos cabelos, era uma amazona através de

labaredas; à esteira da amazona cavalgavam os outros, o padre Abel, a D. Cláudia, a D. Violante, o dr. Neto e ele próprio; acometiam-nos chamas ácidas de enxofre, torciam-se entre um fumo negro, miseráveis, desfeitos, calcinados. Estavam todos no inferno.

Mal as visitas saíram, acendeu o castiçal e dirigiu-se à sala grande que lhe servia de escritório. Pela porta aberta, a mulher ficou a olhá-lo. Pareceu-lhe mais atarracado, mais disforme. A chama da vela batia nas paredes do corredor, a sombra que as cobria era acoçada para o tecto, e então despenhava-se do alto, caía-lhe nos ombros, esmagava-os; lá vai aos tropeções, provavelmente bêbado; ao levantar a hipótese lembrou-se da garrafa de brandy: vazia, já se vê; por conseguinte, reforçou a ideia: bêbado e como um almocreve. Viu-o desaparecer no cotovelo do corredor; ouvia-se o ranger do soalho quando as botas assentavam fora da passadeira; depois, a casa ficou silenciosa.

Poisou o castiçal na secretária e, enquanto procurava a carta de Leopoldino, preparava-se para os dois problemas que tinha a resolver: em primeiro lugar, não queria ser enterrado; desde longa data que o velho Silvestre pensara num jazigo, mas fora adiando sempre, agarrado ao dinheiro como a carraça à orelha do cão; vinha o canteiro, o jazigo deitava para uns contos de réis, e o pai Silvestre com a saúde dum cavalo novo protelava: há tempo, que diabo, não vá a morte achar que estando o ninho feito pode a pega morrer; acabara por aninhar-se no coval raso e simples dos mais: e isso é que eu não quero, num jazigo sempre se fica cá fora ao ar e à luz; já não é pouco entrar pela porta gradeada dum túmulo a réstia de sol, a lufada de vento, o cheiro caricioso das terras no outono: mandarei fazer o jazigo, quanto mais depressa melhor.

A azia vinha-lhe à garganta por guinadas: será preciso gritar bem alto que terra na boca, às pazadas, por nada deste mundo?; o estômago sempre é uma coisa muito azeda, louvado Jesus Cristo; porque as almôndegas pareciam encrespadas de espinhos como ouriços. Encontrou por fim a carta do irmão entre os papéis da secretária. Levou a vela para cima do piano que a mulher deixara aberto e, ao poisá-la no teclado, desprendeu um som agudo que o fez rir. Foi à garrafeira, abriu a porta envidraçada, encheu um cálice de porto: um vinho digestivo, padre Abel, digestivíssimo. Sentou-se à banquetta do piano e desdobrando a carta na estante, sobre o álbum de romanzas que a mulher trouxera de Alva, começou a ler em voz alta:

Luanda, 16 de setembro Meu caro Álvaro:

Aqui estou na capital desta nossa Angola, depois de seis anos de sertão. A falta de notícias foi isso, a selva, os pretos, a civilização por um canudo e eu pelo mato, promovido a conselheiro do soba duma tribo de canibais, onde salvei a pele porque tu bem sabes que nunca me faltou gana para sair das enrascadas. Até de feiticeiro lhes servi. Não te posso dizer o que é a África, a África é vir cá e ver. A pretalhada onde estive, afinal não era má gente e depois de amansados, que ainda assim custou, foram comigo em busca de tesoiros para os lados das Minas de Salomão, que havia aí na estante do Montouro compradas pela cunhada.

Consegui levantar-se, pegou na vela e foi verificar à estante; não deu com as Minas de Salomão, mas bebeu outro porto, aproveitando a passagem pela garrafeira; regressou ao piano com o castiçal e pôs-se a lamentar diante da carta:

– Não estão cá as minas, Leopoldino, não sei delas.

Tinha a consciência de que ia ficando cada vez mais bêbado; a azia, no entanto, pareceu acalmar-se e ele prosseguiu na leitura:

... compradas pela cunhada. E que tal vai ela, mano? O que me valeu a mim foi a saúde de ferro nos pântanos que atravessámos. O soba deu-me trinta pretos, dois elefantes, bagagens e duas das suas mulheres para meu uso próprio. Não leias esta passagem à cunhada, mas fica sabendo que uma preta, bem espremida, deita mais sumo do que uma laranja. A questão é enchê-las dumas aguardentes levedas que por aqui há e eu quero ver onde é que está a branca que dê um rendimento destes. Lá fomos para o sul em busca de minas. As febres atiraram metade da caravana às malvas, até um elefante as apanhou e foi-se. Ao fim de anos de trabalho, dei com minas num recanto de rochas à entrada do deserto. Metade é para o soba, era o contrato, mas a outra parte, a minha, dá para comprar todas essas casas, palacetes, terras, quintas e armazéns, o que houver por aí, sem esquecer o belo femeaço de Corgos, é claro.

Estou em Luanda agora para embarcar para a metrópole a descansar uns tempos e depois volto a assentar com o soba na exploração disto. Vou riquíssimo mas sou o mesmo, mano, o cabeça de unto como dizia o nosso pai, o doido varrido como tu dizias, o estoira-vergas que era como me chamava a cunhada. Dá-lhe recados meus e aí me terão daqui a umas semanas. Depois sempre te falarei com mais vagar das feras, da caça, dos macacos, das florestas, das minas, eu sei lá, e a preceito do mimo que é uma preta com um homem na cama, ou melhor, um homem com uma preta na dita. Quero-te fazer meu sócio e tu com um pouco de capital podes sê-lo, aí com coisa de cem ou duzentos contos para uma maquinariazita. O soba agora deu com o tesouro em pantanas numa guerra santa e eu...

Um vômito sacudiu-o de alto a baixo. Já não pôde acabar a carta, nem meditar no regresso de Leopoldino, que era o outro dos seus problemas. Arrastou-se para uma das janelas, abriu-a dificilmente e debruçou-se do peitoril.

Uma cabaça de vinagre despejada, os resíduos ácidos que escorrem com dificuldade pelo interior do bojo até pingarem do gargalo, espessos, vagarosos; a mão na espuma que lhe azedava os lábios; boiar numa onda incerta de enjoo e ter sede de repente como se tivesse de repente uma dor; o orvalho da noite poisava-lhe na nuca; podia erguer a cabeça tombada para fora da janela, virar a cara para o céu e beber daquela frescura suspensa pelo espaço; voltou-se com dificuldade e a moínha da água bateu-lhe ao de leve na frente, nas pálpebras fechadas, foi-se acumulando gota a gota, deslizou em seguida pela face, encarreirou nas asas do nariz, veio depositar-se-lhe ao canto dos lábios; abriu a boca e sorveu a humidade lentamente; de súbito, qualquer lembrança remota parecida com aquilo, dias de chuva, a cabeça de fora da janela, a boca aberta a aparar as goteiras do telhado, um perfil de criança recortado ao longe; a cinza da morrinha embaciava a distância, o tempo, mas havia por baixo de tudo, ao fundo das coisas, esse fulgor inapagável, o seu próprio perfil de criança, e muito mais, uma ternura dispersa pela casa paterna, por campos e pessoas, por bichos e por estrelas; o coração talhado numa grande pureza já perdida, a alma ainda livre da condenação do fogo, o corpo onde não acordara ainda o medo à morte, porque lhe era fácil então estender-se para fora da janela e beber alegremente das goteiras. Agora não. O vento impelia o marulho da treva, vinha salpicá-lo numa poeira húmida de ruínas; as costas doíam-lhe de encontro ao peitoril; mudou de posição, fez um esforço para se endireitar, fincando as mãos no rebordo da janela, e ficou cambaleante, de olhos abertos para a noite, negra de lado a lado: o luar nunca existiu, as estrelas também não, mas onde diabo terei eu visto já luar e estrelas, se nada vejo agora? O vento arrastava a poeira, apagava os astros, sumia tudo e na escuridão as coisas fermentavam. Apodreciam. Sabia-lhe mal a boca, um soluço flatulento e choco agitava-o. Deu-lhe vontade de chorar, chorar apenas, sem saber de quê. Esfregando os olhos, compreendeu confusamente que estava diante da janela aberta, entontecido e indisposto, que tinha a noite pela frente e que a noite fazia bater os dentes devagar, cheio de frio.

Fechou a janela e ia tentar a travessia da sala até ao meiple de couro, largo e repousante, que ficava do outro lado, debaixo do elmo dos Pessoas, quando a viu no limiar da porta.

A luz da vela deixava o aposento meio escuro, mas acendia o fulgor puído dos velhos reposteiros, uma centelha fosca e trémula no verniz do piano. A noite de outubro entrara à larga pelas vidraças abertas. Apesar disso, sentiu na meia confusão em que estava quanto era acolhedor o seu escritório, móveis pesados, veludos, o tapete espesso, os quadros, as paredes forradas de colchas. O pior foi dar de caras com ela. Teve outro arrepio e continuou a bater os dentes. Pareceu-lhe que nunca a mulher o fitara com tamanha frieza, pareceu-lhe até que não era ela quem se aproximava deslizando suavemente pelo tapete. Alta, quase aérea. Levou a mão à cabeça dorida e fechou os olhos: talvez que a morte é a fraqueza de tudo, do orgulho, da vaidade, quem ali vem mal tocando no chão como um fantasma talvez não seja mais que a alma dela, condenada. De pálpebras fechadas, entreviu de novo o fogo do serão, o perpétuo terror. E nisto, ouviu-a gritar:

– Bêbado!

Não quis abrir os olhos. Com certeza as chamas envolviam-na já e ela gritava, a insultá-lo, mas eu amo-a apesar de tudo, amo-a tanto que não posso vê-la no inferno, sufocada, perdida. Foi com espanto que ouviu outra vez o insulto, num tom frio, quase ciciado:

– Bêbado.

Ocorreu-lhe então esta ideia, que o gelou de pavor: quem sabe se ela não é a própria morte a insinuar-me dia a dia a miséria de viver, uma missão de Deus junto de mim para que eu entenda que tudo é passageiro e inútil e de livre vontade renuncie a tudo. Lembra-te que és pó. Bem se cansara o padre Abel nos sermões a despenhar-lhe sobre a alma o aviso mortal. Nunca entendera verdadeiramente. Mas Deus tinha tomado providências. A morte entrara disfarçada na sua própria casa. Sentiu que ia chorar por fim e então abriu os olhos. A figura álgida, terrível, fitava-o agora do meio do escritório.

Viu-o cambalear. Reparou-lhe nas lágrimas, na camisa babada, nas mãos trémulas à procura de apoio. Adiantou-se mais um passo. Ele estendeu os braços, aflito, e segurando uma cadeira interpô-la entre os dois. Lutava com a morte. Arranjou forças para se esgueirar por trás da secretária, disposto a vencer a distância do escritório, mas tropeçou no piano, foi de encontro à parede, os pés enrodilharam-se-lhe na franja do tapete e caiu:

– Ainda não, ainda é cedo.

Procurou ajudá-lo. Ele esperneou algum tempo, mas cedeu por fim deixando-se arrastar para o meiple; ficou meio deitado à espera do golpe misericordioso: minha Nossa Senhora do Montouro, perdão pelo milho roubado, entrego-me nas tuas mãos. Sentiu uma picada fria pelas narinas dentro, depois outra, ainda outra. De cada vez, afastava a cabeça num movimento brusco, é a morte, é o fim, e no entanto uma clareza gradual começava a contornar-lhe as ideias emaranhadas, a separá-las uma a uma, a deixar-lhas mais nítidas. Percebeu que a insistência das estranhas guinadas não era de todo alheia ao equilíbrio que os seus pensamentos recuperavam lentamente. Piscou os olhos, o escritório pareceu-lhe mais nítido que há pouco. E de súbito, um véu rasgou-se dentro dele. Não, não era ainda a morte; era apenas um frasco de amoníaco encostado ao nariz.

Emergia da bebedeira pela mão da mulher, com o amor próprio em frangalhos, mais humilhado do que nunca: lá continua ela, de pedra e cal no seu orgulho; com a ideia da declaração na Comarca quebrei o nariz a julgar que me benzia. Juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores, na legítima de meu irmão Leopoldino. Pois sim, mas o golpe falhara, a machadada pública naquela pesporrência fidalga não passara da casca. Ali estava, nas ruas da amargura, reduzido à ignomínia do amoníaco que ela o obrigava a cheirar. Sem saber bem o que fazia, empurrou-lhe o braço, o frasco, e revoltou-se:

– Larga-me!

– Quando estiveres menos bêbado.

– Bêbado? Quem é que está bêbado, sua! fidalga de trampa?

Talvez as palavras se fizessem ouvir mais tempo do que o necessário. Tanto pior. Abrira-se nele um cachoar de coisas recalçadas e entregou-se à força da corrente:

– Para saberes que me fartei de nobrezas, de brasões, de parvoíces.

Vendo-se espapaçado no meiple, endireitou o corpo, procurou uma posição mais digna:

– Muito conde, muita leria, mas há vinte anos que me comes as sopas. Quando houve fome lá pelos palácios, foi aqui que a vieste matar, com a família atrás. E vinham todos mais humildes, vinham quase de rastos. Nesse tempo o que a prosápia queria era broa. Tornou a passar-lhe o amoníaco pelo nariz e declarou na sua voz um pouco velada: – Havia em Alva um cocheiro que falava mais ou menos assim e certo dia meu pai não teve outro remédio senão chicoteá-lo.

O rosto dela, espantosamente pálido, abria um fulgor ácido na penumbra da sala:

– Mas não tenhas medo, Silvestre, podes insultar-me à vontade. Os mortos não empunham chicotes.

– Não? Os retratos dos nobres Pessoas pendem solenes das paredes do escritório. Olhe para eles, D. Maria dos Prazeres. Os mortos estão dentro da sala, com um chicote implacável. O orgulho de velhos senhores, as carrancas severas, o pó das calendas, as tretas do costume. O seu marido tem de destruir os mortos. De tentar, pelo menos. Que outra coisa pode ele fazer? Deixe-o experimentar. Ou eu me engano muito ou vai sair-se mal. Ora repare.

Ergueu-se com dificuldade e apanhando pela sala tudo o que lhe veio à mão decidiu espatifar os retratos. Uma fúria trémula de bêbado. Ali tinham os Alvas, os Pessoas, os Sanchos, livros e garrafas nas trombas, copos e tinteiros nas fuças, jarras, cinzeiros, lixaria nas ventas. Vidros estilhaçados acordavam um som agudo pela sombra, coisas pesadas tombavam surdamente no tapete.

– Os cocheiros estão fartos, caramba.

Um arremesso mais violento fê-lo perder o equilíbrio. Rodou sobre si mesmo, deu alguns passos desastrados, e afundou-se de cabeça no meiple.

De cabeça, D. Maria dos Prazeres. Que lhe dizia eu?

– Não era preciso tanto caco. Os cocheiros conhecem-se bem pelas palavras.

– Bravo. Essa deu cabo dele.

Muito a custo conseguiu levantar-se. Um último vômito levou-lhe ao corpo todo a maré sarrosa do brandy, e babou-se outra vez:

– Um pouco de piedade, Maria.

Ela tornou à sala de jantar, onde a lareira morria num montão de cinza. Ao entrar no escritório, não queria provocar a altercação que acabava de dar-se, nem vê-lo cair no desespero habitual: queria apenas saber o que o levou a Corgos, a conversa com o jornalista, que papel foi aquele escondido tão à pressa no bolso da samarra, porque talvez seja preciso mandar alguém ao homem da Comarca (o padre Abel, está claro) para remediar os dislates deste louco. No entanto ao dar com ele imundo, sujo dos próprios vômitos, que remédio senão perder a paciência, e depois serenar, assistir ao entremez do medo. Lá vai ele do medo à grosseria, da grosseria ao desalento: um pouco de piedade; ora essa, Silvestre, para amigos mãos rotas; e pegando no candeeiro de petróleo dirigiu-se ao quarto, fechou a porta à chave.

O quarto era espaçoso. Carregara-o de móveis para lhe dar algum conforto, mas a mobília de castanho, o lustre maciço de madeira, a mesa de pau santo em frente da janela, as ramagens densas do papel que forrava as paredes de alto a baixo, não tinham alcançado a intimidade que sonhara. Tencionava agora mobilá-lo de coisas simples, claras. Começara pelo tapete novo cor de cinza.

Despiu-se à pressa, enregelada, e aninhou-se entre os lençóis, depois de atirar sobre a barra da cama o vestido de veludo, a roupa branca, as meias. Sentiu de novo o desagasalho do quarto, o arrepio de há pouco quando ficara nua.

A casa, toda ela, gelava. Porém, no escritório do marido, na sala de jantar, fora possível conseguir um mínimo de aconchego, à custa de tapetes e móveis. No quarto, não. Talvez de estar virado ao norte, porque do norte se a chuva é grossa o vento é forte, opinião de D. Violante, embora eu tenha razões melhores (ou piores) para explicar esta gelidez. Perdem-se os outros a falar da humidade, do vento, das chuvas arrastadas do norte: muito bem, e a minha cama de Alva?; as rendas minuciosas, o cristal, a prata, irrecuperáveis como o raio de sol filtrado pelo jardim sobre a dobra do lençol: são horas, Maria dos Prazeres; os cavalos suados por entre as árvores em flor: quem me dera que tudo isto durasse para sempre, minha filha; festas de aniversário, setenta convidados sob o lustre estelar, o pai com a taça de champanhe na mão; as gravuras de caça ainda mais minuciosas do que as rendas, as louças frágeis como a espuma; e o calor do quarto; tudo tão distante, que a ideia de trocar a mobília não passava dum devaneio, sem nenhuma esperança de voltar atrás; porque não se pode, evidentemente.

Aconchegou aos ombros o peso dos cobertores e deixou-se arrastar àquele torpor em que ficava horas acordada, uma espécie de sonho lúcido, que a chuva tamborilando na janela trespassava. Leopoldino, de machada em punho, ia abrindo caminho na selva, à frente de uma caravana de negros e bichos. Fato de caqui e capacete branco descaído sobre a nuca. Atravessava lodaçais e brenhos onde tudo era verde: as árvores imensas, o céu das clareiras, a água pantanosa, a própria luz do dia, uma luz que lhe arrancava ao rosto gotas de suor como esmeraldas. Borboletas desconformes agitavam as asas no crepúsculo coagulado, verde-negro, da floresta. Ao sol mortiço como um disco de azebre, erguia o braço rasgando à machadada a rota árdua das minas. De quando em quando, uma negra puxava-o docemente e descansavam, estendidos lado a lado, na folhagem caída. A negra estava nua em pêlo e abria os olhos espantosos como o luar, cingida na concha que o braço dele lhe fazia em torno dos ombros.

Fixou a chama do candeeiro, como se quisesse queimar aquela imagem, até as pálpebras doridas se fecharem sobre o incêndio: mas o fulgor persiste na escuridão, atenua-se pouco a pouco, e logo se há-de transformar em quê?, nem mais nem menos que na lanterna da charrete, e o clarão da lanterna cai sobre o cocheiro ruivo; de perfil, parece uma moeda de oiro contra a noite. Vê-o saltar da boleia e cada vez mais dorido meter o ombro à charrete atolada. Um homem assim poderia quebrar para sempre o gelo do meu quarto. Mas não. Lá ia ele, nítido e luminoso, deitar a cabeça de fogo na enxerga piolhosa duma camponesa qualquer.

Na meia sonolência em que estava, percebeu de repente que batiam à porta do quarto e ouviu a voz lamurienta do marido:
– Abre, Maria.

Deu um salto na cama. Francamente, ciúmes duma negra, dum cocheiro, e ciúmes porquê? Há quinze dias que a carta de Leopoldino a trazia mais alvoraçada que uma rapariguinha.

– Abre, por amor de Deus. Quero pedir-te desculpa. O que te disse há bocado foi do brandy, juro-te pela minha alma. Pois o que é que havia de ser senão o brandy?

O cunhado que voltasse da África com um carregamento de pretas, o ruivo que fosse para o inferno, desde que não a obrigassem a atolar naquele chavascal de indecências.

– Já sei que foi do brandy, Silvestre, já sei que os vômitos foram de arrependimento.

– Deixa-me em paz.

Por onde a solidão a fazia resvalar. E o quarto tão frio. Talvez os ventos, os granizos do norte, as grandes chuvas. Talvez, D. Violante. Mas sobretudo a velha casa de Alva, quando a miséria não chegara ainda e, atrás dela, os Silvestres. Agora é o marido labrego e doentio, as bebedeiras, o desencanto, isto. Quer melhores nortadas, D. Violante?

O primeiro alvor da madrugada na janela do escritório, um começo de luz apenas, ainda por fixar no contorno do mundo. Como a mulher se tivesse recusado a deixá-lo entrar no quarto, passara ali a noite, encolhido no meple de couro, com a samarra pelas pernas. Não conseguira adormecer, mas alcançara do excesso das palavras e do álcool um pouco de repouso. No entanto doía-lhe a cabeça. A boca seca, amarga. Levantar-se e abrir a janela. Uma golada de água, a pureza fria da madrugada. A cinza da luz amontoava-se nas vidraças, mas não era possível prever se o dia chegaria ou não. Quando começava a clarear um pouco mais, a lufada de sombra varria a cinza da janela. Um desejo irreprimível de cheirar os campos molhados. Beber água, passar os dedos na casca rugosa dum pinheiro, encharcar-se de orvalho. Atravessou a casa adormecida, abriu a porta com cuidado e saiu.

Nos pinhais cerrados a névoa era mais branca do que a luz difícil. Pelos barrancos. Ao dobrar uma moita de espinheiros, deu com a antiga olaria de mestre António, transformada agora em oficina de santeiro; o edifício alapava-se no alto duma duna exígua; por trás, a descair pelo lombo da duna, mal se avistava o palheiro do gado. Tudo quieto no ermo escurecido. O trilho de areia solta torneava os filões barrentos donde mestre António, a filha e Marcelo, o servente, arrancavam a argila. Ia seguir adiante, quando ouviu no palheiro um riso de mulher, leve, cauteloso. Parou. A frescura daquele riso pareceu-lhe a da mão cheia de água que se colhe nas fontes. Aproximou-se do palheiro, sentou-se na areia molhada do alvorecer e pôs-se à escuta.

– Ouviste, Jacinto? Anda alguém por aí.

– Não ouvi nada. Sossega.

– Pois eu ia jurar que sim.

– Sossega, já te disse. Não foi nada, não ouvi ninguém.

Uma vaca mugiu no palheiro e a rapariga soltou outra risada.

– Lá torna o diabo da vaca.

– Deixa-a mugir. Está a sonhar com algum toiro.

– E se o meu pai acorda?

– Não acorda tão cedo. Ainda mal se vê.

A palha estalou. Presumiu que se tivessem voltado um para o outro.

– Temos de casar, Clara.

Na voz dela houve uma ponta de ironia e ternura:

– O meu pai pensa num lavrador com terras, dinheiro... E tu?

– Uma boa casa, uma boa lavoura...

O rapaz amuou:

– Passa por lá muito bem.

Devia ter feito menção de se levantar. Um breve tumulto na palha. Depois as palavras repreensivas dela:

– Tolo. Como se eu te não quisesse mais que a todo o oiro deste mundo.

– Vê-se.

– E olha que se vê. À espera dum filho, estendida nas mesmas palhas do que tu, só não verias se fosses cego.

O rapaz arrependeu-se:

– Não chores. Eu acredito.

– Pudera, até no escuro se bate com a cabeça na verdade.

– Cá estou às cabeçadas.

Ela riu-se:

– E as olhadelas da patroa, Jacinto, o namoro de que te gabavas?

– Nunca me gabei, linguazinha de prata, mas lá que a D. Prazeres me comia com os olhos...

Na sua confusão interior a voz do ruivo bateu como um calhau num vidro. Arestas agudas de ideias, sonhos e vexames, rasgaram aqui, cravaram-se acolá. Tudo ficou mais vivo e doloroso.

– Desavergonhado.

– Onde isso vai. Há duas semanas que a não vejo deitar-me aquelas olhadelas que pareciam mesmo perguntar: como-te?

– E tu logo: comei-me.

– Nada disso. Punha-me a disfarçar como se dissesse: não se atreva a morder que parte os dentes.

Nascia o espanto dentro dele. Crescia da sonolência em que viera, subitamente estilhaçada pelas palavras do cocheiro. O assombro de se encontrar na meia escuridão dos campos, estendido junto dum palheiro, meio morto de frio, sem compreender ao certo o que o trouxera ali; de ficar sem tugar nem mugir, enquanto se falava da mulher nos amores de curral; de tudo aquilo ser possível: as olhadelas, as insinuações do ruivo, o lusco-fusco da madrugada, o próprio mundo.

Arrastou-se penosamente, gatinhando na areia. Ao fundo da ravina ergueu-se. A névoa de outubro desprendia-se dos pinheiros, aquosa e fina, desvendando (não muito) a paisagem nascente: a extensa massa de árvores e a aldeia (uma geometria confusa de estábulos e casas). Mas a terra, os relevos, o alento da própria caridade, pairavam ainda no limbo da noite quase morta.

Tropeçava nos valados, nas sebes, passando do assombro à vertigem. Uma luz turva ondeava sobre o pavor da morte: vida e morte o que são?; para nós, católicos, vida e morte são o que são, a vontade criadora de Deus resolveu-se e criou; pois sim, mas tomemos para exemplo as abelhas, partir do simples para o complexo: sabe-se que após a fecundação o destino dos machos é a morte e, como fecundar é criar, pergunto eu... Ondeava sobre a carta de Leopoldino e os pinhais vendidos: estou em Luanda agora para embarcar, e os pinhais, Senhor, que contas lhe darei eu dos pinhais? Cobria de sombras a imagem da mulher: já sei que os vômitos foram de arrependimento, deixa-me em paz. Era a luz da conversa no palheiro: lá que a D. Prazeres me comia com os olhos, não se atreva a morder que parte os dentes. A luz das confissões ao padre Abel: trago a consciência cheia de roubos até aos gorgomilos. A mesma luz de sempre. E um vento desvairado a soprar dum lado e doutro, a atirar sentimentos contra sentimentos, a erguer a poeira espessa dos remorsos, a empurrá-lo pelos barrancos da madrugada, arquejante, exausto.

Envolviam-os o calor do gado: a vaca, o jumento, duas ou três galinhas. Afundados na palha, cingidos um ao outro, mal sentiam o frio da madrugada que entrava pelas frinchas do tabuado. Da meia obscuridade vinha o resfolegar sereno dos animais. A vaca tinha-se aquietado e não tornara a mugir.

– Pelo natal casamos.

– É tarde. Já a barriga me há-de parecer a lua cheia.

– E isso que tem?

– Tem que não quero ir ao altar com saias de balão.

– Pois casamos quando tu quiseres. Amanhã mesmo.

O ar pesava. Adensara-o a respiração nocturna, deles e dos bichos. Na penumbra levedava um cheiro a estrume e madrugada.

– E o meu pai?

– Entendo-me com ele.

– O diabo é aquela mania de me casar com um lavrador. Tenho medo.

– Como se um lavrador fosse um rei.

– Tenho medo, Jacinto.

– Deixa-te disso. Se não houver outro remédio, casamos sem consentimento.

O hálito morno do gado excitava-os:

– Saímos do Montouro. O mundo é grande e em toda a parte se vive.

– Viveremos?

– Há terra por aí fora que é um louvar ao céu.

Ficou silencioso um instante e repisou depois, como se quisesse fixar uma ideia para sempre:

– Não falta chão por esse mundo, à espera duma enxada.

– Pois sim, mas o melhor era ficarmos por aqui. Se não fosse a mania dele era o melhor.

– Torto como um arrocho. Mas olha que não vem bater a boa porta.

Pôs-se a falar numa voz marcada, cortante:

– Está bem, mestre António. Não tenho terras nem dinheiro. Tenho os braços que, graças a Deus, são dois e bons. Já se cá sabe que eu não tenho mais nada.

– Eu sou alguma coisa, Jacinto. Ouviste, eu sou alguma coisa.

– Ora aí está, mestre António. A sua filha é alguma coisa. Ou não será? Tenho os braços, tenho-a a ela e tenho um filho. Que me importam a mim os lavradores?

– E a mim, Jacinto?

– Nem a ela, entendeu? E deixe lá que são de boa raça os lavradores. Como os cardos que nem os burros querem. O meu patrão, por exemplo, mestre António. O lavrador Silvestre, que não chega para a mulher, que nem um filho se lhe atreveu a fazer. Nem um filho, caramba. E anda-me ela depois pelos cantos, consumida, ó Ana, ó Ana, vê lá tu se me arranjas um homem. Bons para afogar no poço com dois pedregulhos amarrados às canelas.

Uma pausa breve para encher o peito de ar:

– Ainda ontem, na charrete. Enquanto o bêbado do homem resmoía o pifão, deu-lhe a ela para me desancar a água até lhe fazer espilrar o sangue do coirão. Pela minha alma, mestre António, até o sangue lhe espilrar. Tenho pena que vocemecê seja cego e os não possa ver como o diabo os fez à cabra da mãe.

– Não lhe digas isso, não lhe fales na cegueira. Fica para aí como se o tivesse mordido um lacrau.

– Ou um cão danado lhe ferrasse os dentes. Deixa-o lá.

– Cala-te, não lhe digas nada. Casamos e adiante com a trouxa. Fugimos. Um dia mandam-se pedir os papéis para cá. Sempre é melhor que uma desgraça. E essa conversa cheira-me a desgraça.

– Ao diabo o velho e os lavradores. Mas não vás tu julgar que me calo por medo, ouviste?

– Largamos por aí fora, ao deus dará....

– Ouviste?

– Ouvi, Jacinto. E o medo é meu.

Ao fundo do palheiro, começava a distinguir-se o gado. Um último frémido de sono sacudia os bichos. A vaca e o jumento acordavam; as galinhas tiravam a cabeça vagarosa do agasalho das asas; o alvor ainda fosco prateava a palha; e um cheiro mais agreste subia do curral remexido.

– Santo Deus, não tarda nada é manhã feita. E nós aqui.

– Às trindades, pega no cântaro e passa pela fonte. Temos de combinar o resto.

Aproximou-se da porta e, levantando a tranca, espreitou para fora. Clara viu-o, por um momento, recortado no azul hesitante do céu. Pareceu-lhe um relâmpago a cabeça ruiva dele. Sumiu-se numa lufada de neblina; meio curvado, foi rodeando o palheiro até se escapar por entre as moitas orvalhadas; pouco depois saltava o muro do pátio de Álvaro Silvestre e entrava no seu quarto de criado que era por cima das cocheiras.

Sentou-se num desses marcos de pedra tosca que dividem as propriedades; tentava serenar, sair da sua confusão; e olhando aqueles sítios conhecidos agasalhou-se na memória das manhãs infantis passadas por ali: as galinhas mansas e ensonadas a desenterrar as minhocas da humidade do pátio; a voz pastosa de João Dias, o velho caseiro, a gritar ao gado; o cavalo novo, comprado em S. Caetano, empinava-se a meio do terreiro e relinchava atirando pelas narinas o fumo da respiração selvagem; as aves madrugavam nas ramagens da nogueira imensa; ele, empoleirado na alpendrada de madeira e zinco, dava conta do catarro do velho Silvestre, dos seus primeiros passos no quarto, estendia a vista pelos currais, pelas culturas encharcadas de orvalho; o sino espargia sobre a gândara o som antigo do amanhecer e nas casas nascia o lume que a dejua; engolia à pressa o leite quente e ia mirar, com Leopoldino ao lado, a partida para um amanhã de voo daquela orgulhosa fauna do pombal, raça dinamarquesa ou belga, não se lembrava ao certo: os dois folezinhos do bico brancos como a cal ou a neve, a plumagem esverdeada, um meneio de cabeça ondulado e altivo, o planar rápido do leve corpo ao vento, cortado no segundo preciso sobre o estrado minúsculo do portinholo.

E a fonte? A pobre Maria Leandra, já morta, já levada pelo tempo, à beira da pequena boca de pedra gorgolejante e fresca? A garotada seguia atrás da beata trôpega, cantando:

Maria Leandra

manqueja e não anda.

Maria Leandra e o seu cantarinho

vêm à água na falta do vinho.

Da taberna à fonte,

da fonte à igreja,

Maria Leandra

não anda, manqueja.

Escorria da bica uma água murmura, coada pelo berço do areal. Bebiam todos dela, chapinhavam num daqueles regatos breves que as chuvadas de inverno faziam transbordar do tanque de pedra carcomida. Cantavam.

A terra mal desanoitecia ainda, mas viu-a por um segundo respirar o ar transfigurado das manhãs infantis. Tudo lhe pareceu cândido e simples como outrora, quando na concha do céu a claridade nascia com a sua brancura de espuma. E pôs-se a imaginar nas ramadas das árvores o despertar das asas; na ausência humana o canto das últimas vindimadeiras; a paciência corpulenta dos bois nos chãos lavrados; na sua própria boca azedada de brandy a frialdade pura da água.

O desespero sem remédio que espreitava dentro dele irrompeu de novo. Pela madrugada irreal. Compreendeu que nada podia sufocá-lo. Duma maneira ou doutra, na indiferença da mulher ou na conversa do palheiro, fosse no que fosse, ouvi-lo-ia sempre. Agora mesmo uma voz errando no silêncio lhe insinuava: as aves largam para o espaço mas serão destruídas; há laranjas sãs pelas ramagens mas não-de apodrecer; as vindimadeiras cantam, o gado pasta, os homens cavam, mas tudo, tudo é estrume da terra. No silêncio deserto a voz obsidiante persistia: quando quiseres matar a sede, lavar o sarro desta noite, das conversas tidas, das palavras ouvidas, a água secará de vez.

Levantou-se e tomou o caminho de casa. Na lama onde ia afundando os passos fermentavam as folhas caídas de outubro, oiro conspurcado que os vermes devoravam. Sentiu um arrepio à ideia do seu corpo num desamparo, numa miséria daquelas.

A superfície da madrugada iam correndo sons ligeiros, apenas pressentidos. O distender imperceptível das plantas aliviadas do orvalho, o frêmito leve de mil e um movimentos ignotos. A vida ínfima acordava. Depois, principiou o restolho fugidio dos coelhos no tojo, o primeiro e breve alvoroço das asas. Os galos cantavam já soprando a última névoa do amanhecer. Pela aldeia floria o rumor humano, de mistura com o fumo dos lares e o cheiro dos currais abertos. O dia chegava por fim. Olhando para tudo, entrevia apenas no palpitar da terra a intimidade descomposta, os sinais da destruição.

Apressou o passo e ao entrar no pátio da casa deu com Jacinto, sob a enorme copa da nogueira, a limpar os arreios da égua. De súbito, as palavras do palheiro emergiram como um grito do tumulto. Voltava a mesma luz escura; e o mesmo vento a acordar as paixões contraditórias, a empurrá-las, a dar-lhes um sentido, a rodear o ruivo, a agarrar-se-lhe ao corpo, envolvendo-o, confundindo-se com ele.

Entrou em casa pela porta da cozinha. Mariana começava a lida diária e fez uma cara de espanto ao vê-lo chegar da rua àquela

hora, derreado, coberto de lama.

Pediú café, bebeu duas chávenas com um pouco de brandy enquanto esperava que a mulher se levantasse e, mal lhe ouviu os passos no corredor, esgueirou-se para o quarto, mudou de botas e de roupa, passou um pouco de água na terriça da cara e voltou a sair.

O caixeiro acabava de levantar os taipais ondulados das montras, quando ele transpôs a porta da mercearia. Nove horas certas. Meteu-se no escritório de vidro granitado, ao fundo do estabelecimento, sem responder aos bons-dias do marçano.

A banca de trabalho: uma folha de mata-borrão verde, de lado a lado; o tinteiro, as canetas, a correspondência; os livros da escrituração. Abriu um deles ao acaso e folheou-o sem interesse. Palavras soltas, bacalhau, farinha, pregos, que mal se destacavam na aridez do papel: fôgachos breves como o hálito soprava. Como se respirasse de encontro a uma vidraça. A escrita embaciada.

Os primeiros fregueses chegavam, moedas tiniam no balcão, pés de campônios arranhavam o soalho. As conversas na mercearia:

– Açúcar, Lourenço, duzentas e cinquenta.

– O açúcar que cá tenho não te serve, torrãozinho doce. Ao pé de ti amarga mais que o sal de azedas.

– – É de Braga, este Lourenço.

De Braga não, tiozinho, sou do Inferno, e vim de lá para vocemecê ter lugar quando morrer.

Gargalhada geral. O camponês reconheceu:

- O rapaz é forte na piada.

Cabeceava sobre o livro. A noite perdida, o brandy, o cansaço. Fincou os cotovelos na banca, encostou o queixo às mãos abertas, a sustar o peso da cabeça, a lutar com o sono. Que o levava a Corgos? Um dos impulsos a que o remorso o induzia, que só a humilhação acalmava. Sem dúvida. Mas o fim real da confissão na Comarca era arrasar o orgulho da mulher: juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores, na legítima de meu irmão Leopoldino. Ligá-la mais a si, ficarem os dois mais juntos na desonra, já que o não estavam noutras coisas. Depois disso muita chuva caíra. Em poucas horas tinha resvalado de alma e corpo no pavor da morta, enfrentara o orgulho dos Alvas, ouvira a conversa do palheiro, sonâmbulo e a tremer de frio. Males que vêm por bem ao fim de contas. Os mil espinhos que o feriam tinham-se aglomerado na mesma florescência e alcançado a realidade simples e visível: o ruivo que limpava os arreios da água debaixo da noqueira.

Um chão para os seus cardos, Álvaro Silvestre; pense nesse ruivo; o pavor nebuloso, de que não sabe defender-se porque ignora donde vem, ei-lo desmascarado. Pode agora combatê-lo, acabar com ele para sempre. Olhe que valeu a pena beber este copo de vinagre até ao fundo; sente ou não sente já no paladar um gosto reconfortante de aguardente velha?

O pior era o sono. Endireitou-se para sacudir o torpor e bateram-lhe os olhos no retrato do pai, ao meio da parede, em frente da banca de trabalho. O velho parecia fitá-lo da grande moldura oval, envernizada a negro. Que diferença dos Alvas emplumados. Uma cara de labrego rude mas arguto: as feições firmes, os olhos ávidos a faiscar do fundo das órbitas que a espessura das sobranceiras sombreava; as suíças mosqueadas desciam-lhe como duas borlas sobre o colarinho de goma, larguíssimo; o pescoço contrafeito não ia muito bem ao laçarote negro, às pontas reviradas do colar, à andaina escura e domingueira. Gostava de andar em mangas de camisa, suspensórios caídos, os tamancos de pau a bater no soalho. O cabelo quase branco, mas basto, erguia-lhe ao cimo da testa um penacho como o dos garotos.

O mesmo remoinho que dava ao rosto de Leopoldino o ar simpático de valdevinos punha na figura do pai um toque de ironia escarninha. O retrato mostrava-o mais à flor da vida do que os Alvas. Em todo o caso, era um fantasma como eles: sabes o que é a miséria, rapaz não sabes, nunca por cá passaste, mas deixa-te ir que vais por bom caminho; mandei-te estudar e não quiseste, trago-te para o armazém e adormeces-me aos cantos; que te hei-de eu fazer, alma danada? Deitava-lhe a mão à gola do guarda-pó: pois a miséria, é isto, seguir por um caminho escalavrado, de terra em terra, de porta em porta, a roer a côdea das esmolas, mais dura do que um chifre, a dormir por amor de Deus nos palheiros do gado, quando se não fica ao léu, pelos atalhos. É o que tu queres, vadio? Noite velha, acorda-se enregelado e só, salta-se da palha dos currais, coberto de bichedo. A canzoada põe-se a ladrar dos pátios, atira-se ao caminho do piolhoso. Lá vai ele de ventas à lama dos vaiados e, quando aponta a nesga da manhã, toca a lavar as feridas na primeira fonte, mas o que é que tu julgas, desgraçado?, a fonte está mais seca que uma bexiga de porco no fumeiro. Hás-de lembrar-te que tens fome e já te vejo agarrado à aldraba da primeira porta, um naco de broa pelas almas que lá tem, pois hão-de pregar-te com a porta no nariz, vá com Deus, santinho, e escusas de falar nos contos de réis que estrafungaste porque é pior ainda, vá com Deus e coma-lhe dos contos, ou nos prédios, nos pinhais, nas vinhas que vendeste, vá com Deus e beba-lhe das vinhas, percebeste, cachorro? Mas a fome aperta e ala para a frente que se faz tarde, até as pernas darem, até caíres de cansaço para um canto e te pores a lambar as migalhas do alforge, entendeste, malandro? E as bofetadas estalavam.

Retraiu-se, como se tivesse acabado de as levar. Os mortos precipitavam-se a cada instante na sua vida. Estava farto de saber

o que era a miséria, remara contra ela à força de unhas, de remorsos: e então? porque não me deixam os fantasmas em paz?
Fixou a moldura oval e negra, o rosto irónico do velho, repreensivamente. Depois baixou os olhos, concentrou no ruivo toda a força do seu pensamento: era ali que tinha de teimar, até meter o ombro numa fresta da porta e arrombar o quarto sufocante em que jazia.

Nem mais, Álvaro Silvestre.

Levou o resto da manhã às voltas com a ideia e tanto lhe mexeu que a deixou a sangrar: o sangue farto das feridas recentes. Espantava o sono com goladas duma garrafa de aguardente que escondia no cofre. Pouco a pouco, ressuscitava nele o homem implacável que a intensa amargura dalguns dias arrancava ao desespero a que descia, como se o vento desse na poeira da sua consciência desmoronada e as pedras limpas se reerguessem umas sobre as outras. Nesses acessos tornava-se rígido, cruel. Orelhas surdas e lágrimas ou rogos. Por exemplo, saltava às suas terras, ao pegar do trabalho, e camponês que não chegasse a horas já sabia, a jorna descontada ou despedido pura e simplesmente. A indiferença dum capataz na roça. No geral, porém, semelhante crueza de carácter era sol de pouca dura. Anoitecia depressa para longas insónias de remorso e ave-marias. Bebeu outra golada de aguardente. Por dentro, no recesso da alma, o homem voluntarioso e efêmero, sem escrúpulos, alcançava entretanto a estatura dum gigante. Olhava então com piedade para as próprias fraquezas, prometia à força momentânea: nunca mais, nunca mais. Em todo o caso, alguma coisa de dúbio passava da alma velha à alma nova. O que é, transformava-se-lhe o medo em cálculo, o terror religioso cedia o passo a uma crença firme e sem complicações na generosidade divina, que existe para tudo cobrir com o seu manto de perdão. E o remorso lá estava, mas encaroçado. Um quisto à margem do organismo em que se enconcha. À génese destas grandes transformações não era estranho o espectro da miséria que o pai lhe metera pelos olhos apavorados desde a infância, porque muita da dureza que o empedernia, da ganância cíclica que o empolgava, vinha daí, dessa longa lição individualista de que o homem é o lobo do homem e, portanto, entre devorar e ser devorado, o melhor é ir aguçando os dentes à cautela. Desta vez o ânimo impiedoso irrompia da sombra para saltar sobre o ruivo, que encarnava, por uma necessidade premente de fixar a angústia, o bode expiatório, o inimigo, a própria angústia. De semelhante ideia, mexida e remexida, é que o sangue brotara, e com tal ímpeto que o sentia correr pelo corpo todo, passar de simples razão mental a sustento do coração, a seiva que tornara a existência possível, e também a morte, se a fonte donde manava estiasse de repente. Daí que se pusesse a chamar o marçano aos berros, para lhe ordenar com a ânsia de quem empenha tudo na cartada:

– Dá-me um salto à olaria do cego. Que venha cá. Que preciso de lhe falar urgentemente.

– Fogo, moribundo à espera de sacramentos, ou que raio é?

Álvaro Silvestre fechou a porta do escritório:

– Nem fogo nem moribundo. A sangria desatada é outra.

Feições que pareciam navalhadas numa carrasca de pinheiro. Todo ele, altíssimo e curvado, lembrava um desses alentados troncos que a força do vento acaba por empenar no desabrigo da planície. Tinha a voz áspera, os dentes arranhavam-lhe as palavras, e ouvi-lo era desagradável como ouvir um raspar de unhas sobre vidro. Tacteu a cadeira de espaldar maciço:

– Com que então a sangria desatada é outra...

E sentou-se:

– Só se for pelos patacos que me tem fiado na mercearia.

– Também não é pelos patacos. Claro que temos de acertar as contas qualquer dia, mas não se trata disso agora. Prepare-se para um golpe duro.

– Venha de lá o golpe. Já fui curtido por muito fumo e aguento.

Ficou à espera, de queixos apertados, tenso.

– A verdade não precisa de grande palavreado e aí vai: a sua filha desgraçou-se.

Cingiu os lábios de tal forma que os transformou numa espécie de lancetada roxa. Alisou-se-lhe a pele da testa, as veias das têmporas encordoaram. Quando conseguiu falar, a linguagem tinha perdido o tom chalaceador e saiu-lhe mais rude, sem as senhorias devidas de campónio a burguês:

– Vamos conversar, Álvaro Silvestre, vamos conversar um bocado e ou isso é uma mentira refinada e a conversa há-de ter que se lhe diga ou é verdade e o cão que me mordeu a filha não morde em mais ninguém.

– Hoje de madrugada, a sua filha e o meu cocheiro estavam deitados na palha do curral onde vocemecê recolhe o gado.

Estendeu vagarosamente a mão enorme, fincou os dedos no pulso de Álvaro Silvestre:

– Qual cocheiro? O Jacinto?

– Não tenho outro cocheiro.

Dobrava o corpo para a frente e falava-lhe quase sobre a cara:

– Quem lhe disse a você que estavam no palheiro?

– Ninguém mo disse, fui eu que dei com eles.

Casar a filha com um lavrador. Desde o nascimento de Clara que embalava o sonho de sair da pobreza pela mão da rapariga: a pobreza, que é a maior cegueira.

– Jure pela salvação da sua alma.

– Juro pela salvação da minha alma.

Toda a estrutura de emoções, juízos, sentimentos, se definia agora em Álvaro Silvestre pelo perfil da paixão que o determinava: deitar o ruivo em maus lençóis. Pô-lo na rua para já, impedi-lo depois de arranjar trabalho noutras casas nem que tivesse de recorrer a invenções (patifarias, roubos, etc), mas pressentia que a sua verdadeira vingança começava a concebê-la o ânimo do cego, e portanto:

– Eu bem o preveni que o golpe ia doer.

– A vida dá-nos grandes pares de coices. Agora é arribar. E lembre-se que dívidas destas importam muito mais que meia dúzia de patacos fiados na mercearia. Os patacos podem esperar. Dívidas destas é que não. A mim, pagavam-mas depressa e com língua de palmo.

– Peso, conta e medida nas palavras. Sim, senhor. Que irá sair daqui?

Ergueu-se bruscamente. Era de facto um gigante:

– O seu cocheiro vai dançar na corda bamba, Álvaro Silvestre.

Abanava a cabeça guedelhuda e repetia:

– Dançar na corda bamba, aprender quantas cabaças de água são precisas para matar a sede no inferno.

Passou o dia a retocar a imagem de Nossa Senhora do Montouro, que D. Maria dos Prazeres lhe encomendara. O servente cuidava das tarefas miúdas, amassava o barro, esquecia os olhos nas mãos ágeis do velho a modelar. Os dois em silêncio. Até que o crepúsculo chuvoso arrefeceu de todo a oficina.

– Deve ser tarde, não?

– Ainda não deram as trindades. Mas pouco falta, mestre.

– O tempo voa. Mal a gente cuida, lá se vai outro dia.

E, de súbito, sem o rapaz contar:

– Sempre é verdade que gostas da Clara? Quero isso em pratos limpos: sim ou não?

Apanhado de surpresa, o moço gaguejou:

– Ora esta... ora esta...

– Sim ou não?

O certo é que a voz intimativa do mestre não tinha o azedume habitual. E o moço sempre se atreveu a confirmar:

– Vocemecê está farto de saber que gosto.

– E se eu ta desse para casar, o que é que dizias?

– Deixe-se lá de brincadeiras.

– O que é que dizias? Sim ou não?

A insistência tentadora alvoroçou-o:

– Dizia que sim três vezes, mestre António.

– Pois dou-ta. Trago aí umas contas em aberto e se me ajudares a liquidá-las dou-ta.

O pasmo e a felicidade transtornaram-no. Nem era para menos.

Habituará-se a ouvir: tira a ideia da moça, olha que sou capaz de te rachar. E agora aquilo, o próprio mestre a oferecer-lha, toma lá, é tua, amanha-te com ela. Muito grande é o poder de Deus para se atrever a um milagre destes. E a promessa saltou-lhe da boca, rápida, que podia o deslumbramento desfazer-se em fumo:

– A paga é boa. Tem homem para o ajudar.

Nisto, sentiram os passos de Clara no terreiro. A rapariga assomou à porta, de cântaro no braço:

– Vou à fonte num instante. O caldo já ficou ao lume.

Havia luz ainda para se ver o redondo dos seis aconchegados na blusa justa, o cachiné de ramagens azuis sobre o cabelo negro que devia ser fino como a seda, as pernas altas, pouco vulgares nas camponesas. Olhou-a com um amor diferente. Pela primeira vez, Clara descia das nuvens a calcar o mesmo chão do que ele. Sumiu-se a rapariga. Mas a sua presença breve bastou para encher a olaria toda. Foi preciso que o mestre gritasse para o acordar do encantamento:

– Temos de ir atrás dela. Ouviste ou não, Marcelo?

Perguntou, estremunhado:

– Atrás dela, porquê?

– Já vais saber.

Saíram-lhe no rasto, cuidadosos como dois ladrões, e foram acoitar-se entre o arvoredado ao pé da fonte.

– Quem é que está com ela?

– Não se vê quase nada, mas penso que é o ruivo.

– O cocheiro do Silvestre?

– Parece-me que sim.

– Parece-te ou é mesmo?

Firmou a vista no crepúsculo:

– É ele.

– Toca para a azinhaga.

– Fazer o quê, mestre António?

– Há-de por lá passar o cão no regresso da fonte.

A chuva engrossava pouco a pouco. Ao longe, o fogo de um relâmpago abriu o céu.

– Aí vem a trovoada. Sente-a?

– Não.

Rodearam a fonte e cortando pelas terras de cultivo chegaram à azinhaga.

– Já é noite cerrada?

– Quase.

Estiveram em silêncio algum tempo abrigados nas moitas. Depois o moço insistiu um pouco receoso:

– Que vamos nós fazer?

– Estás a roer a corda, malandro? Queres ou não queres a rapariga?

A chuva, cada vez mais pesada, ia ajoujando os silvedos. O vento crescia e arrastou da distância o marulho de um trovão maior.

– Ouviu agora, mestre?

– Cala-te. O que eu oiço são passos.

Ficaram alerta, de respiração suspensa.

– Vai agarrando no cacete.

O vulto surgiu entre montões de espinheiros derreados de água. Cantarolava. Reconheceram-lhe a voz e o velho ciciou:

– Arreia-lhe a matar.

Uma sombra quase indistinta não é bem um homem. Falta-lhe a luz dos olhos, o sorriso, as feições, a alma à flor da pele. É uma coisa anónima e sem rosto, mesmo quando tem voz e passa a cantar pelas azinhagas. Custa menos a ferir que um homem verdadeiro, à luz do dia. A cajadada apanhou o ruivo pela cabeça:

– Ai!

Abriu os olhos e foi de escantilhão aninhar-se no lamaçal da estrada. Chape. Inerte como um pedregulho.

– Temos de o deixar escondido no silvedo e dar um pulo a casa, não vá a rapariga suspeitar da ausência. Come-se o caldo e, mal ela der as boas-noites, saltamos ao palheiro. Traz-se o jumento, como quem não quer a coisa, põe-se-lhe o corpo em cima, amarra-se, e ala para o mar. As águas lá se encarregam de lhe dar sumiço.

Ali iam agora, com a chuva a fustigá-los. A cada passo para o litoral a invernia adensara. Seguiam ombro a ombro, o moço aterrado, o velho ora agreste ora chalaceador. Pela tempestade dentro.

Alcançado o grande areal que separa do mar as terras interiores, começavam a trepar a encosta da primeira duna. O aguaceiro enrijecia o chão de sílica e facilitava um tanto a marcha, mas o vento batia no cume do frágil monte e atirava de mistura com a chuva um granizo de areia.

– Paremos aqui. Vou cego com estas chapadas de terra na cara.

– Para que diabo queres tu os olhos na escuridão, tratante? Fecha-os. Mais cego que nós vai esse aí, no lombo do jumento.

Um clarão recortou os vultos do velho, do rapaz e do burro com a carga suspeita sobre o dorso, o trovão estalou.

– Ui!

– Que é lá, Marcelão?

E antes que o moço pudesse responder:

– Bendita Santa Bárbara dos cegos, poupa-me sempre o fogo dos relâmpagos.

Gritavam as palavras para vencer a chuva, o céu furioso. Marcelo segurava numa das mãos o cabresto do animal e na outra a chibata. O demónio à solta pelas dunas. A noite de água, a torrente sem leito. O velho indagou:

– Deste-lhe a matar?

– Sei lá, puxei o cajado atrás das costas...

– Mestre, temos meia noite andada, deixemo-lo mesmo aqui.

– Só paramos no mar. Há-de uma onda levá-lo para os baldões da água. Se alguma vez tornar à costa, vão lá saber quem era.

Quando atingiram o alto dos pequenos alpes movediços, a ventania feriu-os cara a cara.

– Ele irá morto, mestre?

Palavras não eram ditas, acendeu-se um relâmpago ainda maior, o burro relinchou de espanto, empinou-se nas patas traseiras e arrastou consigo o moço entontecido, o moço ao cair desequilibrou por sua vez o velho, e rolaram todos pela encosta da duna.

Houve um silêncio breve, um segundo apenas, mas bastou para o rapaz dar conta de um gemido ténue, coisa como se uma criança adormecida chorasse.

– É vocemecê que geme?

– É o raio, é o inferno que geme.

– Então é ele, que nunca ouvi um burro gemer assim.

O que foste dizer. Já a voz do mestre o intimava:

– Arreia-lhe outra, malandro.

Lá isso, não. Não lhe arreio mais nenhuma, nem que me rache uma faísca de meio a meio.

– Acaba-me com ele de uma vez.

Mas agora, que o moço emergia do letargo em que viera, meio cobiçoso, meio atormentado, a insistência do cego batia-lhe no coração como a chuva no mar, inutilmente, porque o sentimento de ter vendido a alma, que o lacerara toda a viagem, começava a desvanecer-se com a certeza de que o ruivo ainda vivia: não e não, mestre António, estou farto de aguentar esta loucura cheia de água, a escuridão, o moer da consciência.

Nisto, a areia rodopiou com mais força em torno deles, ouviu-se um tropel desenfreado, o rapaz pensou de novo no demónio mas de repente compreendeu: a laçada da arreata desprende-se-me do pulso e o jumento abalou.

– Agarra o animal, agarra-o ou estamos perdidos.

A rebeldia do moço encontrou por fim as palavras precisas:

– Cá vou atrás do burro (avançava já no areal convulso), cá vou atrás do vento, mas não volto.

Podes dizer adeus à rapariga (procurava retê-lo, mas não era nenhuma brincadeira ficar para ali ao abandono, com a tempestade a em bravecer e o burro levando o corpo do ruivo, a romper no Montouro, a descobrir o crime), volta para trás, havemos de encontrar o bicho, havemos de atirar o ruivo ao mar (mas o que veio foi um novo trovão em que a chuva, o moço, o vento, os gritos, se sumiram), Marcelo, Marcelo.

E nada, mestre António; o deserto, o temporal furioso; em redor, há apenas som, o ar vibra, levanta enormes punhados de areia; puxe a gola do capote para a nuca e encolha-se mais, tente criar uma carapaça de vácuo que o isole da violência exterior, é inútil mas tente; não ouve nada por entre o torvelinho?; ponha a concha da mão na orelha, ouve ou não ouve?; exactamente, o queixume do ruivo; arraste-se para o sítio donde vem o murmúrio, e o resto é lá consigo.

Esbarrou de súbito no corpo; apalpou-lhe as roupas que podiam torcer-se, o peito, um braço, a corda deslaçada na queda; procurou-lhe a garganta, tacteou melhor, e cingiu-lhe o pescoço com as duas mãos.

Tão desprezível que nem o burro o quis salvar, não é?, e vocemecê matava-o se não fossem estes dois fragões aéreos que chocaram agora mesmo por cima de si, matava-o, sim senhor, mas o trovão atordoou-o obrigando-o a levar as mãos à cabeça e portanto a tirá-las do pescoço do ruivo; repare como o seu coração ficou a bater, tal e qual um cavalo cansado; isso, mestre António, medo, porque de facto trovoadas são trovoadas, e nesta aflicção o gemido intermitente que sobe aos lábios do ruivo sempre é um pouco de calor humano; não faça cerimónia, aproveite-o.

O mar não estava longe, as ondas lançavam à praia o moliço, as algas salgadas, e o ímpeto do ar pegava neles, arrastava-os por centenas de metros.

Cheira a iodo, o que é normal, mas também cheira a enxofre, já notou?; não pergunte porquê; estando eu aqui, precisa de perguntar?; olhe que o ruivo pode morrer de um instante para o outro, a cacetada deixou-o prostrado há um bom par de horas, e vocemecê fica sozinho enquanto o moço não voltar; o vento e a chuva caem nessa vida como numa fogueira muito fraca; levante a aba do capote e agasalhe o ruivo, que aliás não perde pela demora. Bom trabalho, mestre, e boa-noite.

Caminhava, disposto a levar a fuga por diante, quando foi apanhado pela mesma descarga que deixara o velho atónito. Caiu a um fundão de areia, enovelou-se no capote e murmurou:

– Mestre, mestre.

Como se rezasse. Ciclos sucessivos de luz entravam-lhe nos olhos, apesar de ter apertado as pálpebras com força. O fogo lambia a tempestade baixa como faz à lenha húmida, sem a queimar. Parecia o fim do mundo.

A olaria, as imagens a cozer no lar do forno antes de subirem aos oratórios e aos altares das capelas; tardes cheias de paz, a pintar sob as ordens do mestre as roupagens de uma infundável população celeste; Feiras barulhentas, a vender S. Gonçalos, o S. Miguel Arcanjo, o frade Santo António, os Anjinhos da Guarda, a Virgem e o Menino, os Presépios, a Fuga; a bem amada Clara sobre essas coisas familiares e doces como o sol sobre a terra.

A chuva fazia da cova onde ele tombara um poço transbordante. Ou saía dali ou morria afogado. Marinhou pelo declive fincando as mãos na areia, na urze rala, até ao bordo da cratera; esfarrapou as calças, o casaco; o gorro de lã voou-lhe; que hei-de eu fazer no meio disto, senão voltar atrás? Os relâmpagos permitiam-lhe o regresso sobre o próprio rasto, mas tinha de apressar-se porque o dilúvio ia alisando a praia, destruindo os indícios das pegadas. Um bicho acossado a fugir, mestre, mestre, o instinto de conservação, o resíduo do sonho, Clara, Clara. Até que a luz providencial lhe mostrou o cego alapado no sopé da duna. Não viu o corpo do ruivo que o mestre agasalhava com o seu próprio corpo. O capote do velho, desdobrado, ondulante de vento, parecia uma ave enorme e trémula que a tempestade despenhara na praia.

Deu as últimas passadas arquejante e deixou-se cair de joelhos:

– Mestre António, voltei.

– Voltaste?

– Aqui estou. E agora precisamos de encontrar o burro...

– Voltaste. Cá me parecia que não eras homem para deixar a obra a meio.

– O burro e o ruivo. Temos de dar com eles.

– Não te rales com isso. O burro foi para casa e o ruivo ficou a guardar-me o medo enquanto não vieste.

Outro clarão. O mestre levantou o dorso rígido; uma aparição de pedra roída; antiga e implacável:

– Agarra no cacete. São horas de acabar a festa.

– Pega-se nele e arruma-se ao mar.

– Lérias.

– Já não há precisão de mais cacete.

– Chega-lhe, malandro. O seguro morreu de velho.

– O mar dava conta do serviço.

– Arreia-lhe, tratante.

– E a rapariga? Ainda é minha?

– Arreia-lhe e veremos.

Segurou no cacete; precisava apenas de uma chispa de luz para desfechar o golpe; a cabeça ruiva iluminou-se e a cacetada veio, de alto a baixo, rasgando a chuva densa.

– Acertaste-lhe?

– Agora tem que ma dar.

– Acertaste-lhe ou não?

– Tem que ma dar, mestre António.

– Já acabámos o serviço, já o atirámos ao mar?

Às apalpadelas, o velho segurou nas pernas do ruivo:

– Apanha-o pelos sovacos...

O moço obedeceu.

– E vamos indo.

A tempestade afastava-se para o interior, a chuva decrescia. Galgada a última duna, ouviram o quebrar das ondas no areal. A beira da água, o vento era pouco mais que uma aragem mansa, gelada. Entraram três ou quatro passos pelo mar dentro, cautelosos, e tomando balanço atiraram o corpo à ressaca. Só depois é que o cego rosnou:

– Lá se foi, Marcelão, que o mar lhe seja leve.

A orla marinha; o sargaço e os limos a enredarem a marcha.

– Sabes porque o matámos?

– Foi vocemecê que mandou.

– Boa resposta, sim senhor.

– E a rapariga, mestre António?

– Talvez a tenhas ganho.

As serras longínquas, onde a tempestade se despedaçara, os altos picos raiados de um alvor de dia.

– Apressemo-nos, mestre, a madrugada vai nascer nascer.

– Deixa-a nascer. E quanto à rapariga... Vocemecê já disse que ma dava.

– Mas tornei a pensar...

O tinido breve das conchas na maré.

– E julgo que a perdeste.

O som matinal das trindades ondeou pela aldeia. Entrando no quarto de Clara, apanhou-a acordada. Não veio ao palheiro, faltou à promessa que me fez na fonte; o temporal impediu-o com certeza. A noite em branco. E agora, debruçada sobre o lavatório, esfregava os braços, a cara, penteava os longos cabelos negros, com o prazer involuntário que lhe vinha sempre de passar as mãos nas tranças macias, macias como o pêlo duma coelha nova, não é Jacinto? Acabou de arranjar-se e foi à cozinha preparar a dejua. Nem o pai nem Marcelo davam sinais de vida. Acendeu o lume, fez o café, cortou as fatias da broa, e nenhum deles apareceu entretanto. A demora espantou-a e decidiu ir acordar o velho. Empurrou-lhe a porta do quarto, mas que é dele? Correu à olaria. Fechada. Da olaria correu ao palheiro. Estranhara qualquer coisa quando lá tinha ido na véspera à noite; enquanto esperava pelo ruivo na escuridão, o seu faro de camponesa, habituada a lidar com os bichos desde a infância, presentira a ausência do jerico. Dali saltou à janela do servente:

– Marcelo!

Ninguém. Indício sobre indício, a suspeita encorpava. Parou a meio do terreiro, indecisa, ofegante, e nisto chegou-lhe do alto um grasnar de aves. Ergueu a vista ao firmamento, que a tempestade não limpava de todo, e viu um bando de patos bravos, a caminho do sul. Quando baixou os olhos (Nossa Senhora do Montouro!) Marcelo e o velho apareciam ao fundo do caminho, trôpegos como os bêbados, com lama até à boca. O rapaz em guedelha e a cabeça caída sobre o peito. O velho exausto, mas de pescoço firme, a cara levantada e o dia a cobri-la de um tom de cera mortuária. Desatou aos gritos. A evidência embateu na suspeita; e a suspeita, sob a luz gelada do céu à terra, transformou-se em verdade: mataram-no, meu Deus, mataram-no. Largou pela azinhaga abaixo, passou por eles sem parar, galgando a lama, de braços abertos como se fosse voar do chão, sumiu-se entre os espinheiros, rápida como as aparições, estou só no mundo com o meu filho, e atirou-se à ladeira que levava a casa de Álvaro Silvestre. Ao vê-la entrar pela cozinha, Mariana assustou-se:

– Que é isso, mulher?

– O Jacinto?

A outra começou a tremer.

– Vamos ao quarto dele.

Atravessaram o pátio, subiram a escada de madeira, meio apodrecida, investiram pelo sótão das cocheiras:

A cama por abrir.

Talvez tenha dormido fora.

Olhou-a sem compreender; depois levou as mãos ao rosto:

– Era para dormir comigo, mas não apareceu.

Quase num murmúrio. Então, voltou-se bruscamente e fugiu espavorida:

– Mataram-no, meu Deus, mataram-no.

Álvaro Silvestre, que passara mais uma noite no escritório, aproximou-se da janela, que diabo de gritos são estes?; e viu-a ainda desaparecer para lá da noqueira do pátio.

Aninhou-se no meiple. É agora a minha cama. A mulher fechara-se outra vez no quarto: e por sinal que estive vai não vai para meter a porta dentro, mas nessa altura a trovoadá começou e pronto.

O queixo descaído, os refegos da barbela a ondear num tremor leve mas contínuo. O homem determinado e frio, que revelara a história do palheiro a mestre António, onde ele ia. Oscilava por dentro toda a noite e a visão fugidia de Clara, aos gritos, como se tivesse um ninho de vespas na garganta, acabou de o desmoronar.

Mariana, excitada, veio dar-lhe a notícia da morte de Jacinto, mas ele limitou-se a erguer as espáduas maciças: que se há-de fazer. Procurou uma posição mais cómoda. As noitadas ali moíam-lhe o corpo até aos ossos. Precisava de ir a Corgos e comprar um divã: com franqueza, não haver nesta casa uma enxerga disponível, uma tarimba que seja, onde estender as pernas à vontade. Arranjos da mulher. Ainda o velho Silvestre não esfriara bem, já ela tinha decidido mobilar tudo de novo. Uma cama de ferro a este, duas cadeiras de pinho àquele, uma cómoda vendida, um armário trocado. Vieram depois as outras mobílias, os tapetes, as louças, os talheres de prata, os reposteiros. É preciso aquecer estas paredes, Álvaro. Porcarias. Contos e contos pela janela fora. Pois se queres dormir um pouco, Álvaro Silvestre, aqui tens este meiple, e podia ser pior, podias ter apenas o soalho. Há o quarto de hóspedes, é certo, mas ela, com a carta de Leopoldino na mão, resolveu logo fazer obras, renovar as caiações, pintar as madeiras, encerar os móveis, por outras palavras, mexer, revolver, tornar inabitável.

Lá dentro, a mulher interrogava Mariana sobre o crime. Se me deixassem dormir é que campavam. Levantou-se, começou a palmilhar o escritório numa tentativa inútil de se enfurecer com elas, de iludir o desespero que o espreitava. Apeteceu-lhe chegar à porta: acabem com essa chiadeira, mas as pernas pareciam arquear-se cada vez mais ao peso do corpo e os dados do problema a que fugia iam tomando vulto, o palheiro, a conversa com o cego, o desvairo de Clara, a morte do ruivo. Não que o sensibilizasse por aí além a dor da rapariga. Tão pouco lamentava a sorte do cocheiro. Ali para ele, que ninguém o ouvia, fora-se o bicho fora-se a peçonha. O que o ralava a sério, obrigando-o a gemer, para cá, para lá, encurralado entre quatro paredes, era o aspecto pessoal do caso, a responsabilidade que a si mesmo atribuía em tudo aquilo. Atascava-se contra a vontade do problema: se não tivesse falado ao velho, o ruivo estava vivo a estas horas; verdade seja que o cego chegou às do cabo lá por sua conta, mas o impulso inicial do crime onde é que pode procurar-se? na conversa, na denúncia que lhe fiz.

Lançou mão do derradeiro estratagema, simular pelo assunto a curiosidade de um mero espectador; por exemplo: como é que o velho liquidou o ruivo? Mas não pôde enganar-se muito tempo e caiu com dobrada violência no dilema: sou ou não culpado? Continuou a debater-se, a argumentar, porque vistas as coisas não lhe disse: mate-o, mestre António; nem sequer me passou a ideia pela cabeça, quer dizer, não me passou com esta nitidez brutal, pelo menos; e contudo era forçoso admitir que sim, que a denúncia condicionara o resto: mágoas que não se vêem não se sentem; ignorante de tudo, o velho ficaria em casa, inocente como uma criança; portanto...

E voltava ao princípio. O lento resmoer do medo, do remorso, etc; figuras dum xadrez sem fim. O próprio ímpeto, que de tempos a tempos o erguia à frieza calculada e egoísta, não se afastava do âmbito do jogo. Uma simples troca de pedras, pouco mais.

Sentiu-se exausto. Baralhava as ideias, as pernas fraquejavam-lhe, e teve de voltar ao meiple. Reparou que o silêncio enchia a casa toda. A solidão carregava os móveis, o ar, a luz, de um segundo sentido. Que sumiço levava a mulher? e Mariana? Já não as ouvia. Estremeceu ao rápido murmúrio da noqueira tangida pelo vento inesperado. Um raio de sol, fugindo às nuvens da manhã, ardeu por acaso nos vidros da janela e a picada luminosa entrou-lhe pelos olhos, encandeou-o. As duas noites perdidas carregaram-no de chumbo e sem querer afogou-se num mar estonteante, de uma brancura incrível. Adormeceu.

Um sono agitado, com laivos de pesadelo; sufocava na água densa, irrespirável; não havia peixes, plantas, conchas, nada: apenas o deserto líquido, cada vez mais espesso, a transformar-se em gelo, em peso; cintilava, doía. Mas acordou depressa e a primeira sensação foi de alívio; breve, porque logo depois o problema da morte do ruivo assaltou-o outra vez. Pareceu-lhe de tamanha evidência a sua responsabilidade moral no crime que se espantou de a não ter reconhecido no primeiro instante. Ergueu-se, bateu com os punhos fechados na cabeça:

– Mataram-no e o culpado fui eu.

O despertar, à parte o passageiro alívio inicial de quem foge às forças terríveis e obscuras do sono, aniquilou-o:

– Sem dúvida, fui eu.

As mãos apertadas agora uma na outra, o entrecocar convulsivo dos queixos, as orações despedaçadas entre os dentes; e o inferno, os caldeirões de enxofre, o lume sem remédio. Todo ele tremia; a barba de dois dias azulava-lhe o rosto flácido.

De súbito, parou a meio do escritório. Deixou cair os braços ao longo do corpo e ficou imóvel. Só as mãos sapudas e brancas palpitavam ainda. Que tumulto seria aquele lá para o fundo da aldeia? Tropear de tamancos, berros, choro de crianças. O marulho humano aproximava-se e ele julgou ouvir à tona do alarido os gritos de Clara.

Correu à garrafeira e pôs à boca o primeiro gargalo que apanhou. Deu com os olhos no velho elmo de D. Jerónimo, nos retratos dos Alvas manchados de licores e tinta, mordidos pelo vidro estilhaçado das garrafas, dos corpos: não era preciso tanto caco, os cocheiros conhecem-se bem pelas palavras.

A casa continuava silenciosa, como um jazigo enorme, de paredes altas. Desviou o olhar para a janela. Da boca da azinhaga surgia agora um punhado compacto de povo. O regedor à frente. Procurou com avidez a figura de Clara. Não a viu, mas os outros apontavam na direcção da casa, quem sabe se a acusá-lo.

Romperam pelo pátio. Como demónios irritados. Que querem eles, afinal? Pedir-me contas, com certeza; trucidar-me.

Alcançou a janela e aferrolhou as portadas. A exaltação grassava lá por baixo, as vozes desmedidas embatiam nas paredes, as paredes pareciam oscilar.

La ficar ali, inerte, à espera de o matarem, quando lhe ocorreu a ideia de fugir. O padre Abel, o refúgio da igreja. Não lhe sobrava grande força para a empresa, mas entre ela e a morte que o fragor do pátio prometia, que remédio senão tentar descer a escada interior, escapar-se pelo jardim, salvar a pele.

A aventura gorou-se-lhe aos primeiros passos porque mal tinha aberto a porta do escritório Mariana apareceu:

– O povo está lá fora, patrão, vêm falar-lhe, o regedor traz novidades.

Sentiu o chão tornar-se instável, as coisas vacilarem, e caía redondo se não fosse a mulher assomar ao fundo do corredor, o que lhe deu algum alento; tentou segurá-la:

– Mataram-no e a culpa é minha.

Embora o tempo a tivesse habituado àqueles exageros (alucinações, pavores, remorsos), não conseguiu furtar-se a uma primeira sensação de receio: quem sabe lá do que é capaz um louco destes; mas a bebedeira recente, a ofensa aos retratos dos Alvas, os palavrões, as referências soezes à mesa dos Silvestres, estavam ainda em carne viva:

– Larga-me.

– Não me abandones, não me deixes.

la lançando olhares de medo ao patamar, donde chegava o torvelinho do povo:

– Tens de me ouvir, porque podem matar-me e eu não quero morrer com este peso na consciência.

Voltou a cara, agoniada; as palavras dele eram penosas, cheias de saliva:

– Foi ontem pela madrugada, não consegui dormir e tinha sede, larguei por aí fora, talvez um pouco de chuva ou de orvalho, passei ao palheiro da olaria e ouvi-os lá dentro, o ruivo e a filha do cego, espojados com o gado, a falarem de ti.

Tornou a olhá-lo, um tudo nada inquieta.

– E esse namoro da patroa, Jacinto? Lá que a D. Prazeres me comia com os olhos.

Começou a sentir um desejo irresistível de gritar; avançava pelo braço do pai, toda de branco, entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas; o grito que nascia, o grito sempre reprimido.

– Riam-se de nós, da nossa vida. Quando voltei a casa, vi-o no pátio a limpar os arreios da égua debaixo da noqueira, fui para a loja, pensei toda a manhã, depois mandei chamar o velho, contei-lhe que a filha dormia com o ruivo na palha dos currais. Saiu dali e foi o que se vê, deu-lhe cabo da raça. Mas a culpa é minha, Maria, e aí estão eles prontos a matar-me.

Ela gritou por fim:

– Não te matam, descansa, posso lá ter tamanha sorte; hei-de aturar-te até ao fim da vida, até que Deus me leve deste inferno que é a tua casa. Tenho nojo de ti, nojo, entendeste bem? Que te admiras tu que eu sonhe?, sonhos sobre sonhos, sempre, para esquecer a tua cama, o pão da tua mesa. O que nunca supus foi tê-lo dado a perceber e agora, mesmo depois de morto, odeio esse maldito ruivo, talvez te sirva de consolo, odeio-o, por ter dado conta do que era só comigo, tão íntimo, que o esconderia a mim própria se pudesse.

O céu toldara-se de novo, caía uma chuva leve, farinhenta, mas no pátio a multidão continuava firme. Nem o dilúvio a afastaria, quanto mais aquela poalha de água. Camponeses ásperos como o areeiro que fazia desabrochar em milho e vinho, crianças sujas, pobres de pedir, mulheres envelhecidas.

Mariana apareceu outra vez:

– O regedor...

O regedor, o fim da festa. Avançou para a porta do patamar, sem ouvir o recado.

Surgiu, como se viesse de outro mundo, inesperada e pálida. Havia nela o que quer que fosse de ritual: talvez a lentidão dos últimos passos que deu, antes de ficar terrivelmente quieta; ou o fogo de neve que consumia o rosto; ou ainda a própria imobilidade, em que se adivinhava uma energia tremenda quase a explodir.

Surpreendido, o regedor arrancou o chapéu da cabeça:

– A gente veio...

Faltaram-lhe as palavras e pôs-se a moer como um realejo avariado:

– A gente veio, bem, a gente veio...

– Já sei que vieram e agora voltam pelo mesmo caminho. Que eu saiba o pátio não é praça pública.

Sentiu-se atingido na sua autoridade:

– Peço desculpa, mas como regedor tenho o direito... De me transformar a casa numa feira.

– Valha-me Deus, não é bem isso. Vinha dar-lhes conta do que apurei, prendi o cego e o moço da olaria, o moço já confessou o crime, ele e o mestre esperaram o ruivo na azinhaga, o rapaz derrubou-o à cacetada, alçaram-no depois ao lombo do jumento e foram atirá-lo ao mar. Ao mar, que diabo de ideia. Podiam tê-lo enterrado aí em qualquer sítio. Mas enfim.

– Pensei que os interessasse estar ao corrente disto, na qualidade de patrões do morto, de única família, por assim dizer. Vinha também passar os olhos pelo quarto dele, é o que manda a lei, talvez se encontre algum indício, papéis, cartas de namoro, coisas dessas, que às vezes explicam um crime de cabo a rabo.

– O cego não diz nada e o rapaz, já se vê, matou porque o mandaram. Mas não quero incomodar, de maneira nenhuma.

Falou à pressa, de olhos baixos, a rodar o chapéu entre as mãos, e foi com verdadeiro alívio que a ouviu chamar:

– Mariana, leva este senhor ao quarto do cocheiro...

O regedor e a criada começaram a descer a escadaria quando ela acrescentou:

– E acompanha-o depois ao portão.

O que devia era voltar-se para cima, largar uma das suas arrieiradas, mas reconhecia que ela o atrapalhara, branca, fuzilante, uma visão, e diante de visões quem é que não fraqueja: demais a mais, a contar que me aparecesse o parrana do Silvestre.

A chuva tornara-se mais forte, a manhã suja pesava no arvoredo. Enquanto o regedor se encaminhava ao sótão das cocheiras, D. Maria dos Prazeres correu os olhos pelo povo. Encharcados até aos ossos, mortos de curiosidade, porque não estavam ali senão a farejar o escândalo, imagens negras e grosseiras, feições que lembravam a dureza das madeiras escuras, ranho de crianças, alforques, imundície; uma sensação de náusea, de repulsa física.

Os camponeses aguardavam. Ouvia-se bater a chuva nas ramagens, no zinco da alpendrada. O silêncio, a água, a aparição imóvel ao cimo da escadaria, tinham transfigurado tudo. De repente, ela estendeu o braço:

– Rua.

Garotos saltaram das ramadas da noqueira e chegaram-se às mãos, velhos sacudiram com o braço a água do rosto paciente, as mulheres resmungaram, é certo, mas o magote começou a escoar-se pelo portão, sem grandes complicações. Continuava de braço estendido e a sua voz vibrava a espaços regulares:

– Rua, rua, rua...

Se não fosse um tique dela a repetição mecânica da mesma palavra nos acessos de cólera, dir-se-ia sugestionada pelo ritmo da multidão, que saía do pátio, às golfadas.

Ouvia-lhe os brados imperiosos e murmurava:

– Que mulher, santo Deus. Atreveu-se a entreabrir uma das janelas do escritório e ao dar fé por si próprio do milagre que era o recuo daquele bando sombrio, quase lhe perdoou as injúrias de há pouco: nojo de ti, nojo, entendeste bem? Por obra dela é que a maré escura refluía e a paz voltava.

Instável, já se vê. Como sempre. Mas do mal o menos. Os primeiros protestos ecoaram na rua. O vento levantava as folhas do chão e colava-as às roupas ensopadas. Alguém apedrejou a casa; vidros estilhaçados retiniram. As pedradas não alcançaram a janela donde ele seguia a retirada dos invasores. Ainda assim, o som das vidraças partidas obrigou-o a dar um salto para trás. Reconheceu o passo vagaroso da mulher no corredor. E se a abordasse outra vez? Se lhe pedisse auxílio? Não teve coragem.

Valeu-lhe Mariana, que voltara entretanto de acompanhar o regedor na diligência inútil ao quarto do ruivo. Ouviu-a na cozinha, e chamou-a. A rapariga, alvoraçada, pô-lo a par circunstâncias do crime, da prisão do cego e do moço, das opiniões do regedor, mas ele o que queria saber era se o povo continuava lá por baixo e só descansou quando a criada lhe garantiu que não.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– É melhor espreitares.

Ela espreitou:

– Ninguém. A chuva levou-os para casa.

– E as pedradas?

– Coisa de garotos.

Sentou-se, convencido. Aliviado. Os nervos, demasiado tensos, cederam todos ao mesmo tempo, aluíram de repente. Claro, duas noites perdidas, comoções terríveis, a morte por um fio, talvez por menos. Esbarrondou-se, bocejou de cansaço. A loja, ir trabalhar um pouco, pensou ele ainda mas já confusamente. Afinal, o meiple do escritório não é assim tão confortável. Longe disso. E a cabeça descaiu-lhe para a frente num movimento curto, brusco.

Nenhum dos íntimos da casa presenciou os acontecimentos da manhã. Uma série pouco vulgar de coincidências, acasos, ou coisa parecida.

O dr. Neto largou para a Fonterrada ao alvorecer: a terceira mulher do lavrador Gonçalves outra vez de parto; o velho, à beira dos oitenta, continuava com firmeza a faina de povoador (quinze filhos vivos e trinta e cinco netos e bisnetos) mas queria mais: até ao lavar dos cestos é vindima; um prodígio patriarcal.

O padre Abel, dita a missa das sete, partiu para Corgos metendo a charrete cautelosa por um mar de barrancos (a reunião mensal do arciprestado: de puro carácter religioso estas assembleias periódicas do clero, não se trata de política como pretendem os agitadores da vila, coordena-se, orienta-se, aprofunda-se a missão católica, mas no seu foro próprio que é o do espírito, política só conhecemos uma, a salvação das almas).

A D. Violante aproveitou a viagem do irmão (há anos que se encarregava de vestir os anjos que saíam na procissão da Senhora do Montouro e agora a festa estava à porta) para ir falar com a D. Serafina Teles, a sua fornecedora de asas, túnicas, sandálias, resplendores.

A D. Cláudia passou o dia no Montouro, como se o tivesse passado na lua, mais ou menos, e entreviu o tumulto (soube do que era pelos poucos alunos que lhe puseram os pés na aula) mas ao fim da lição, como morava no próprio edifício da escola, pôde evitar a rua e refugiou-se logo na saleta dos folhetins e dos bordados, abriu o estojo de pirogravar, perdeu-se entre os choupos, as nuvens, a paisagem da almofada que tencionava oferecer ao Dr. Neto pelo Natal.

Uma algararra de selvagens, como se o pátio de cada um fosse a feira de Corgos. Corri-os e a minha vontade era corrê-los a chicote.

- Nem de propósito. Esta casa em apuros e nós por fora. Pelos vistos, o regedor não foi capaz de ter mão neles.
- As janelas que o digam.
- Com franqueza. Uma autoridade que permite tais desmandos não é autoridade, não é nada, mas o presidente da Câmara há-de sabê-lo. Encarrego-me disso.
- Não te esqueças do Antunes. Há testemunhas de que esteve entre os desordeiros.
- Chegou a altura de o pores a andar da igreja.
- Castigo a um é exemplo a cem.
- Nunca julguei que o Antunes...
- O choco faz o pinto, Abel, a ocasião faz o ladrão, e o sangue do Antunes é ruim, já to disse não sei quantas vezes.
- Realmente, a estilhaçar vidraças.

Na mesinha holandesa, o grande candeeiro de petróleo envolvia as chávenas, os cálices quase vazios, num halo indeciso entre o ouro e a prata. Pouco a pouco, a quebreira do lume, o rumor insistente da chuva pela noite, a comodidade das cadeiras de braços bem almofadadas, amoleciam a conversa, e as frases começavam a cair no calor da sala mais pausadas:

- Os guardas vieram pelo meio da tarde buscar o cego e o rapaz.
- Lá estão a dar contas à justiça dos homens.
- Cá se fazem, cá se pagam.
- Quando pagam. Desta vez, se não fosse a rapariga denunciar o pai, o que é um verdadeiro atentado à moral familiar...
- Repugnante, padre Abel, tem razão. Mas o povo é assim.
- Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.
- Também há virtudes no povo. Há qualidades.
- E frescas. Mancebia, arruaças, assassínio.
- Com efeito, o que se passou abona pouco.
- Muito pouco.

O reflexo trémulo das chamas batia-lhes no rosto e desfigurava-os: os olhos do padre muito mais encovados, a cana do nariz mais torta e luzidia; as bochechas da D. Violante inchadas como se tivesse a boca cheia de ar; uma recôndita sensualidade nos lábios de D. Maria dos Prazeres; a palidez de Álvaro Silvestre a resvalar num amarelo de cidra e idiotia. A D. Cláudia, não: incorruptível, pura, a mesma; não lhe toca o lume (nem a sombra) que os deforma e se ela, alma de mel translúcido, escapa ao sortilégio é que a alma dos outros não tem a mesma transparência.

À primeira vista, o gosto da razão científica tão arreigado no seu espírito não se coadunava muito com deduções desta natureza. No entanto, pensando melhor, tais juízos partiam de argumentos alicerçados no real: manias, doenças, tiques psicológicos e morais, etc. Não eram construções à toa. De maneira nenhuma.

Podia bem deduzir o seguinte sem se atraiçoar: vê-los desfigurados é vê-los verdadeiros; todos eles fabricam fel; abelhas cegas, obcecadas.

– Então, dr. Neto, que silêncio é esse?

Não se fez rogado:

– Pensava eu que há por certo um provérbio mais ou menos assim, D. Violante: ver cada um com os olhos que tem.

– Com os olhos que o Senhor lhe deu.

– Ou isso. Pois devo ter cataratas nos olhos.

– Cataratas?

– Sim. Calcule que, de conjectura em conjectura, estou quase a admitir que a morte do Jacinto é tão importante como as janelas estilhaçadas.

D. Maria dos Prazeres pensou: o perfil luminoso apagado, a moeda de oiro gasta; tudo mais escuro e empobrecido; mas contrapôs ao médico uma frase rouca, terminante:

– Tanta filosofia por causa dum cocheiro, doutor.

O padre Abel levantou a mão direita para serenar os ânimos:

– O que lá vai, lá vai, como dizia não sei quem, creio que o marquês de Pombal depois do terramoto, enterrar os mortos... não é bem o caso, não se pode enterrar o Jacinto... mas paciência, enterrar os mortos e cuidar dos vivos. Que notícias há do Leopoldino, D. Prazeres? Voltaram a ter carta?

Um frio indefinível. O cunhado, outro sonho. Fixou as chamas quase mortas e por um instante viu-o, sentado ao pé do lume, a desfiar as trapalhadas fabulosas, os canibais, as minas para o lado das de Salomão. Perdoou-lhe as negras, as aguardentes levedas, e chegou a sorrir, mas ao erguer os olhos deu com o marido, quase informe, na cadeira de verga. A imagem de Leopoldino dissipou-se, o sorriso também. A braços com a saciedade das próprias ilusões, baixou a cabeça outra vez; o cabelo negro cintilou.

– Não, padre Abel, não tornou a escrever.

Álvaro Silvestre continuava como tinha acordado pouco antes de jantar. Com a alma em torpor. Não era a frieza habitual que alternava nele com o desespero extremo. Agora, não havia o completo banimento dos remorsos, do medo ou dos escrúpulos, antes uma espécie de letargo em que tudo isso persistia, mas inerte, suspenso.

O serão nessa estranha placidez interior; nenhum comentário, nenhuma referência ao crime o abalara; e só quando o padre perguntou por Leopoldino, qualquer coisa estremeceu no lastro pantanoso e quieto. Pôs-se a indagar o que seria. Tinha ainda vestida a samarra que levava a Corgos e, afundando a mão no bolso, encontrou o papel amarfanhado à pressa no escritório do Medeiros: juro por minha honra que passei a vida a roubar ao balcão, nas feiras, na legítima de meu irmão Leopoldino; juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo. E ferido pela compreensão confusa mas brutal de que tinha voltado ao ponto de partida, traçando um círculo vão com o sofrimento daqueles dias, ergueu-se de repente com a garrafa vazia na mão. Caminhou para a porta, oscilando tanto que parecia aluir a cada passo, e desatou aos gritos, sem ninguém saber se pedia ou protestava:

– Onde é que há brandy nesta casa? Onde é que há brandy nesta casa?

Na manhã seguinte, com o largo da aldeia coalhado de povo, os comentários fervilhavam. Grande novidade: Álvaro Silvestre é que dera a notícia do namoro ao cego, do namoro e do resto, porque o ruivo e a rapariga, enfim, tinham-se adiantado, mas que diabo era lá com eles ou não era? O Silvestre apanhara-os no palheiro da olaria, sexta de madrugada, é boa, que terá o Silvestre ido fazer à olaria a essa hora?, apanhara-os com a boca na botija e depois...

– Depois?

Homem, mandou chamar o cego e contou-lhe tudo. O Lourenço, o caixeiro, ouviu-lhes a conversa, que foi ao escritório da mercearia, e ontem à noite, estavam lá o Torreira, o Albano barbeiro, o Guedes e outros a falar do crime, vai o rapaz e abriu-se. Aí tem vocemecê.

Por isso nos correram do pátio. Era a consciência a morder-lhes.

– Nem mais. E o Lourenço que trate de arranjar emprego.

– Sim, que trate de o arranjar, e longe.

Domingo, dia de missa, consultório e chinquilha nas tascas, dia de levar a garotada à malga do barbeiro: enfia-se a malga pela cabeça dos rapazes e o Albano faz a tosquia circular ao longo do rebordo; vem depois o disfarce, operação de pente e tesourada larga, que só não acaba de tornar o cachopo num verdadeiro urso, porque a cabeça dos ursos não é às escadinhas, como dizia depreciativamente o Rocha, que trazia um filho, em Corgos, a aprender o ofício na Barbearia Perfeição.

No adro, nas tabernas, o Guedes, o Torreira, os da conversa com o Lourenço, confirmavam a história. Debaixo do grande ulmeiro que servia para afixar os editais da Junta, o Albano, perante a curiosidade dos fregueses, e enquanto aplicava a malga ao filho do sacristão, anuíá também:

Foi o Lourenço que nos disse, almas de Deus, foi o Lourenço, e tu vê se me tens a cabeça firme. Ou ele se aguenta, Antunes, ou eu não me responsabilizo pelo trabalho. Freguesia desta é que faz o palerma do Rocha andar-me com graçolas.

– Não tarda muito vai lambada, assegurava o sacristão.

O padre Abel, após a missa este valeu-se da prédica dominical para fazer o que podia por Álvaro Silvestre:

– O boato é um vício detestável, sobre ser pecado de arrastar as almas às portas do inferno. E porquê? Porque gera a calúnia engendra a infâmia e das infâmias há-de Deus pedir-nos contas quando chegar a hora. Ver para crer, dizia S. Tomé, e se o dizia de santíssimas verdades, que razões temos nós para o não dizer da primeira atoarda que nos murmuram aos ouvidos?

No consultório, quando o último doente saiu, o dr. Neto encostou-se à janela a enrolar o cigarro. Também ele tinha ajudado, anos e anos, aquela obra de pintar, repintar, a colmeia dos Silvestres, sem atender a que lá dentro o enxame apodrecia. Riscou um fósforo, acendeu o cigarro. Pensaria nisso mais tarde. Agora, preocupava-o a situação de Clara: pobre rapariga.

Uma noite longínqua que lha tinham trazido quase morta, sufocada pelo garrotinho, o rosto aflito, o olhar com pouca luz; uma festa escolar que a D. Cláudia organizara e a moça, no bibe de riscado azul, a adiantar-se para entregar um ramo de rosas ao senhor Inspector (o momento solene), quando o diabo do pé se lhe prende no degrau do estrado: chorou toda a manhã.

Acendeu o cigarro outra vez. Atravessou a casa, saiu pelo quintal, metendo ao caminho da olaria. Estugou o passo entre silvas e fundões barrentos. Ao dobrar as enormes moitas de espinheiros, esbarrou num grupo de mulheres que vinham à procura dele:

– Acuda, senhor doutor, a Clara atirou-se ao poço da olaria.

Arredou-as e largou a correr. Gente excitada rodeava a oficina. Acabavam de tirar a rapariga do poço. Rompeu o ajuntamento e foi dar com ela no poial da cozinha. Roxa, desfigurada; um certo halo de distância, que ele conhecia bem. Mesmo assim, tentou reanimá-la, farto de saber que era inútil. Tentou, como da outra vez, quando havia ainda alguma luz no olhar assustado. Virou-a de bruços, comprimiu-lhe as espáduas para aliviar os pulmões carregados de água. Inútil, mas continuou até o suor lhe correr pela cara. E as lágrimas também, apesar da sua velha convivência com a morte. Em volta, os homens rosnavam pragas ao acusa-cristos do Silvestre, as mulheres lamuriavam o responso.

De regresso a casa, ao entrar no quintal, começou a chover. Acolheu-se às ramagens da laranjeira grande. Cigarro sobre cigarro; difíceis de acender: tabaco húmido, muito vento. A chuva luminosa parecia deslizar numa superfície de cinza. A noite longínqua, o rosto aflito; o bibe de riscado, as rosas, o diabo do pé; o chocalho da água nos pulmões.

Desfigurados, verdadeiros, sob o reflexo das chamas. A D. Cláudia, não: incorruptível, pura, não lhe toca o fogo.

Por hábito, lançou os olhos as colmeias, que lhe ficavam mesmo em frente, dez ou doze metros, se tanto, e viu uma abelha voar da Cidade Verde. Baptizava as colmeias conforme a cor de que as pintara, Cidade Verde, Cidade Azul, Cidade Roxa. A abelha foi apanhada pela chuva: vergastadas, impulsos, fios do aguaceiro a enredá-la, golpes de vento a ferirem-lhe o voo. Deu com as asas em terra e uma bâtega mais forte espezinhou-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem

acabou por levá-la com as folhas mortas.

[»»](#)

Vida e obra de Carlos de Oliveira

ANO	A ÉPOCA
1921	Carlos de Oliveira nasce a 10 de Agosto, em Belém do Pará (Brasil), filho de portugueses emigrados. Dois anos mais tarde virá, com os pais, para Portugal. Fundação do PCP. Revolta militar em Lisboa «Noite Sagrenta»: assassinato de António Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia, entre outros. Começa a publicar-se a revista Seara Nova. Almada Negreiros: A Invenção do Dia Claro
1937	Publica com Artur Varela e Fernando Namora o livro Cabeças de Barro, onde participa com três contos e um poema.
1942	Publica o seu primeiro livro de poesia, Turismo, na colecção Novo Cancioneiro, iniciada no ano anterior com o livro Terra de Fernando Namora. A aviação alemã destrói a cidade basca de Guernica. Picasso pinta Guernica. (Anos depois Carlos de Oliveira escreverá o poema «Descrição da Guerra em Guernica».) Atentado contra Salazar. Acções do movimento estudantil (Bloco Académico Antifascista). Vitorino Nemésio: A Casa Fechada; José Marmelo e Silva: Sedução; M. de Sá Carneiro: Índicios de Oiro; Miguel Torga: A Criação do Mundo; Irene Lisboa: Havias de Vir; Casais Monteiro: Sempre e sem Fim; João José Cochofel: Instantes. Constituição do Bloco Ibérico entre os governos de Salazar e Franco. Greves na região de Lisboa e marchas da fome em várias localidades do país. José Régio: O Príncipe com Orelhas de Burro; Alves Redol: Avieiros; Manuel da Fonseca: Aldeia Nova; Castro Soromenho: Homens sem Caminho. Começam a publicar-se as Obras Completas de Fernando Pessoa; Casais Monteiro: Canto da Nossa Agonia; Jorge de Sena: Perseguição; Eugênio de Andrade: Adolescente; Teixeira de Pascoaes: O Penitente (Camilo). É fundada a revista Vértice.
1943	Publica o seu primeiro romance, Casa na Duna na colecção Novos prosadores. Vitória soviética em Estalinegrado. Desembarque aliado na Sicília. Cedência de bases aéreas aos EUA nos Açores. Mantém-se relações com a Alemanha nazi e a Itália fascista. Importante surto grevista, manifestações e protestos. É criado o MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Antifascista). Branquinho da Fonseca: O Barão; José Marmelo e Silva: O Sonho e a Aventura; Alves Redol: Fangá; Fernando Namora: Fogo na Noite Escura; Manuel da Fonseca: Cerro-maior; Domingos Monteiro: Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária; Irene Lisboa: Apontamentos; Armindo Rodrigues: Voz Arremessada ao Caminho; Miguel Torga: Lamentação; Tomaz Kim: Os Quatro Cavaleiros.
1944	Publica o segundo romance, Alcateia, na mesma colecção. O livro virá a ser apreendido. Desembarque aliado na Normandia. Congresso da UN. Criação do SNI, em substituição do SPN. Greves operárias e lutas camponesas. Aquilino Ribeiro: Volfrâmio; Miguel Torga: Novos Contos da Montanha; Vitorino Nemésio: Mau Tempo no Canal; Mário Dionísio: Dia Cinzento; Miguel Torga: Libertação; Políbio Gomes dos Santos: A Voz que Escuta; Sophia de Melo Breyner Andersen: Poesia.
1945	Mãe Pobre (poesia). Nova edição, modificada, de Alcateia. Colabora na revista Seara Nova e integra o grupo de escritores que prepara a renovação da revista Vértice. Conferência de Yalta. Bombas atómicas em Hiroxima e Nagasáqui; fim da Segunda Guerra Mundial. Manifestações em Portugal saudando a vitória sobre o nazi-fascismo. Constituição do MUD (Movimento de Unidade Democrática). Protestos contra a farsa eleitoral, greves e manifestações. A repressão aumenta. Branquinho da Fonseca: Rio Turvo; Miguel Torga: Vindima; Favre da Rosa: Fuga; Eugênio de Andrade: Pureza; Sebastião da Gama: Serra Mãe.
1947	Conclui a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, com uma tese intitulada «Contribuição para Uma Estética Realista», que não foi publicada. Plano Marshal. Independência da Índia e do Paquistão. Tentativa de golpe militar; o Governo de Salazar demite vinte e seis professores universitários pelas suas ideias democráticas. Greves e manifestações. Ferreira de Castro: A Lã e a Neve; Tomaz de Figueiredo: A Toca do Lobo; Branquinho da Fonseca: Porta de Minerva; Domingos Monteiro: O Caminho para lá; Afonso Duarte: Ossadas; Sophia de Melo Breyner Andersen: Dia do Mar; Natália Correia: Rio de Nuvens; José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe; Eduardo Lourenço: Heterodoxia. Formação do grupo surrealista.
1948	Colheita Perdida, poesia, (com um retrato do autor por Júlio Pomar), na colecção O Galo que organizou com Joaquim Namorado. Terceiro romance: Pequenos Burgueses. Formação do estado de Israel. Formação da OEA. Novas independências de estados asiáticos. Eleições sindicais. José Marmelo e Silva: Adolescente
1949	Casa com Ângela. Publica um longo poema «Descida Aos Infernos» (com um retrato do autor por Manuel Mendes). Agrilhoado; Aquilino Ribeiro: Cinco Réis de Gente; Agustina Bessa-Luís: Mundo Fechado; Miguel Torga: Nihil Sibi; José Gomes Ferreira: Poesia; A. Manuel Couto Viana: O Avestruz Lírico; Eugênio de Andrade: As Mãos e os Frutos. Triunfo da Revolução Chinesa e formação da República Popular da China. Criação da NATO. Portugal é admitido na NATO e adere ao Plano Marshal. Eleições presidenciais, boicotadas pela Oposição que apoia o general Norton de Matos; a repressão conhece novo aumento. Vitorino Nemésio: O Mistério do Paço do Milhafre; J. A. França: Natureza Morta; José Cardoso Pires: Caminheiros e Outros Contos; F. Namora: Retalhos da Vida de Um Médico (I); V. Ferreira: Mudança; Jacinto do Prado Coelho: Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa.
1950	Terra de Harmonia (poesia). Este livro inclui o poema publicado no ano anterior. Dele foi feita uma edição especial, com um retrato do autor por Armindo Rodrigues. Começo da guerra da Coreia. Em Portugal, a repressão continua; constitui-se a Comissão Nacional para a Defesa da Paz. Ferreira de Castro: A Curva da Estrada; Joaquim Paço d'Arcos: Espelho de Três Faces; José Gomes Ferreira: O Mundo dos Outros; Miguel Torga: Cântico do Homem; Jorge de Sena: Pedra Filosofal; Sophia de Melo Breyner Andersen: Coral; Vitorino Nemésio: Festa Redonda; J. G. Ferreira: Poesia II; M. Dionísio: O Riso Dissonante; Mário Cesariny: Corpo Visível; E. de Andrade: Os Amantes sem Dinheiro.
	2ª edição de Pequenos Burgueses. Revolução Nacional no Egito: fim da monarquia. Reunião da NATO em Lisboa que motiva protestos.

1952	Branquinho da Fonseca: Mar Santo; Joaquim P. d'Arcos: O Navio dos Mortos e Outras Novelas; D. Monteiro: Contos do Dia e da Noite; Tomaz de Figueiredo: Uma Noite na Toca do Lobo; Favre da Rosa: Retrato de Família; Saul Dias: Sangue; M. Torga: Alguns Poemas Ibéricos; Afonso Duarte: Canto da Babilónia e Canto da Morte e Amor; M. Cesariny: Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano; A. Maria Lisboa: Ossóptico.
1953	Uma Abelha na Chuva. Fim da guerra da Coreia. Farsa eleitoral em Portugal e protestos da Oposição. Alves Redol: Vindima de Sangue; M. da Fonseca: O Fogo e as Cinzas; A. Bessa-Luís: Contos Impopulares; José Régio: Jacob e o Anjo e Introdução a Teixeira de Pascoaes; A. Cortes-Rodrigues: Horto Fechado e Outros Poe-mas; Fernando Lemos: Teclado Universal; M. Cesariny: Louvor e Simpli-ficação de Álvaro de Campos; A. Maria Lisboa: Isso Ontem Único.
1957	Organiza, com José Gomes Ferreira, Contos Tradicionais Portugueses. Colabora na Revista Musical e de Todas as Artes de Fernando Lopes Graça e João José Cochofel. Lançamento do primeiro Sputnik. Lutas estudantis e operárias; 1.º Com-gresso Republicano. A. Ribeiro: A Casa Grande de Romarigães; F. Namora: O Homem Disfarçado; Fernanda Botelho: O Ângulo Raro; J. Régio: Três Peças em Um Acto; Bernardo Santareno: A Promessa; M. Cesariny: Pena Capital; Salette Tavares: Espelho Cego; Natália Correia: Dimensão Encontrada.
1960	Cantata (poesia). Organiza com João José Cochofel a edição de Lápides e Outros Poemas de Afonso Duarte. Formação em África de dezassete estados independentes. Constituição da OCDE. Manifestações importantes em 31 de Janeiro, 1.º de Maio e 5 de Outubro. J. Rodrigues Migueis: A Escola do Paraíso; A. Redol: O Cavallo Espantado; António Ramos Rosa: Viagem através de Uma Nebulosa e Voz Inicial; Jorge de Sena: Andanças do Demónio; Augusto Abelaira: Os Desertores; Alfredo Margarido: No Fundo Deste Canal; Luís de Sttau Monteiro: Um Homem Não Chora; Alexandre O'Neil: Abandono Vigiado; José Blanc de Portugal: Parca Naturalia; Luíza Neto Jorge; A Noite Vertebrada; Cardoso Pires: O Render dos Heróis.
1962	Poesias (poesia). Este livro reúne os livros anteriores de poesia, com exclusão de Turismo. Fim da guerra da Argélia. Início do Concílio Vaticano II. Tentativa insurreccional em Beja. Importantes lutas estudantis e manifestações em torno do 1.º Maio. Os assalariados agrícolas do Alentejo conquistam as oito horas de trabalho. Criação da FPLN (Frente Patriótica de Libertação Nacional). T. de Figueiredo: Dom Tanas de Barbatanas; A. Redol: Barranco de Cegos; V. Ferreira: Estrela Polar; Jorge Reis: Matai-vos Uns aos Outros. Sophia de M. B. Andersen: Contos Exemplares; David Mourão-Ferreira: In Memoriam Memoriae; A. O'Neil: Poemas com Endereço; Pedro Tamen: Poemas a Isto; Herberto Helder: Lugar; Teresa Horta: Verão Coincidente.
1964	3.ª edição de Casa na Duna, com texto refundido, e com um importante prefácio de Mário Dionísio. 1.º Congresso do PAIGC. A Frelimo inicia em Moçambique a luta armada. Fernanda Botelho: Xerazade e Outros Contos; Natália Nunes: Assembleia de Mulheres; Luandino Vieira: Luvanda; Ruben A.: A Torre de Barbel; E. de Andrade: Ostinato Rigore; António Gedeão: Poema para Galileu; Herberto Helder: Electronicólrica (depois: A Máquina lírica); M" T. Horta: Candelabro; Rui Knopfli: Máquina de Areia.
1968	Publica dois novos livros de poesia: Sobre o Lado Esquerdo e Micropaisagem. Revolta estudantil e greve geral em França. Suspensão dos bombardeamentos americanos no Vietname do Norte. Congresso da Frelimo. Marcelo Caetano sucede a Salazar. Importantes lutas e movimentações operárias e estudantis. Manifestações em Lisboa, contra a guerra colonial e a guerra no Vietname. F. de Castro: O Instinto Supremo; J. Marmelo e Silva: O Ser e o Ter; J. C. Pires: O Delfim; A. Abelaira: Bolor; N. Correia: A Madona; M.ª Ondina Braga: A China Fica ao Lado; D. Mourão-Ferreira: Os Amantes e Outros Contos. Herberto Helder: Apresentação do Rosto e O Bebedor Nocturno; E. de Andrade: Os Afluentes do Silêncio; Raul de Carvalho: Talvez Infância; Ana Hatherly: Eros Frenético.
1970	3.ª edição de Pequenos Burgueses (refundida). Recomeço dos bombardeamentos americanos contra o Vietname do Norte. Salvador Allende é eleito no Chile. Manifestações (31 de Janeiro e 1.º de Maio). Criação da Intersindical. Sophia de M. B. Andersen: Grades; Ana Hatherly: Anagramático; Pedro Tamen: Daniel na Cova dos Leões; João Pedro Grabato Dias: 40 e tal Sonetos e Uma Canção Desesperada; Fiamma Hasse Pais Brandão: (Este) Rosto; Nuno Guimarães: Corpo Agrário;
1971	Publica O Aprendiz de Feiticeiro (Prosas) e Entre Duas Memórias (poesia), livro que no ano seguinte recebe o Prémio de Imprensa para a Literatura. Derrota da ofensiva militar contra a via Ho Chi Minh. Crise do dólar. Movimentação estudantil em Lisboa, Coimbra e Porto. Movimentações operárias de bancários, médicos e militares. V. Ferreira: Nítido Nulo; Álvaro Guerra; Memória; E. de Andrade: Obs-curo Domínio; Raul de Carvalho: Poemas Inactuais; A. Alçada Baptista: Peregrinação Interior; D. Mourão-Ferreira: Cancioneiro de Natal; Luiz Pacheco: Exercícios de Estilo; Herberto Helder: Vocaçao Animal; E. de Melo e Castro: Álea e Vazio; F. Guimarães: As Mãos Inteiras; José Miguel Fernandes Jorge: Sob sobre Voz.
1976	Trabalho Poético (2 volumes). Reúne todos os seus livros de poesia, já publicados, incluindo Turismo. Muitos poemas deste e de outros livros são entretanto profundamente reescritos. Inclui um livro ainda inédito, «Pastoral». Proclamação da Constituição da República Portuguesa. Primeiras eleições legislativas e autárquicas depois da derrota do fascismo. José Gomes Ferreira: O Senhor das Trevas; Jorge de Sena; Os Grãos-Capitães; A. Bessa-Luís: Crónica do Cruzado Osb.; Maria Velho da Costa: Cravo; Rui Nunes: Sauromaquia; A. Silva Carvalho: O Uso e o Abuso; E. de Andrade: Limiar dos Pássaros; Ruy Belo: Toda a Terra; Casimiro de Brito: Corpo Sitiado; António Franco Alexandre, Helder Moura Pereira, J. Miguel Fernandes Jorge e J. M. Magalhães: Cartucho; J. M. Magalhães: Dos Enigmas; Assis Pacheco: Memórias do Contencioso e Catalabanza, Quilolo e Volta; J. M. F. Jorge: Meridional.
1977	Pastoral, aparece em edição autónoma. Congresso do PS. Congresso dos Sindicatos (a Intersindical passa a chamar-se CGTP-IN). Greve nacional do ensino superior. Greves e manifestações populares. Queda do Governo PS, por derrota de uma moção de confiança, na Assembleia da República. A. Bessa-Luís: As Fúrias; M.ª Velho da Costa: Casas Pardas; Nuno Bragança: Directa; Dinis Machado: O Que Diz Molero; Luís de Sousa Costa: Cancioneiro Policial da Menina Alzira; Casimiro de Brito: Imitação do Prazer; A. Silva Carvalho: Portugues; Alexandre P. Torres: A Nau de Quixibá; Manuel da Silva Ramos e Alface: Os Lusíadas; Nuno Júdice: Última Palavra: Sim; Rui Nunes: Os Deuses da Antevéspera. Vitorino Nemésio: Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas; A. Ramos Rosa: Boca

	Incompleta; M. Cesariny: Titânea e a Cidade Queimada; Herberto Helder: Cobra; Rui Belo: Despeço-me da Terra da Alegria; F. A. Pacheco: O Arante da Osselõa; Rui Diniz: Ossuário; J. M. Magalhães: Intervalo e Tentativa, Pelos Caminhos da Manhã e Vestígios; João F. M. Jorge: Crónica; Diogo Pires Aurélio: A Herança de Hölderlin.
1978	Finisterra (romance), que receberá no ano seguinte o Prémio Cidade de Lisboa. Mário Soares é nomeado primeiro-ministro do II Governo Constitucional. É assinado o acordo PS-CDS que serve de base ao Governo. O Governo será exonerado. O Governo Nobre da Costa é rejeitado na Assembleia da República. Toma posse o Governo Mota Pinto (III Governo Constitucional). Homenagem às vítimas do Terrafal, trasladação dos corpos para o cemitério do Alto de S. João. Almeida Faria: Cortes; Teresa Salema: Entre Dois Países; E. de Andrade: Memória Douro Rio; Pedro Tamen: Poesia (1956-1978); Herberto Helder: O Corpo o Luxo a Obra; José Bento: Sequência de Bilbao; António Osório: A Ignorância da Morte; João M. F. Jorge: Direito de Mentir e Vinte e Nove Poemas; J. M. Magalhães: António Pablo; José Agostinho Baptista: Jeremias o Louco.
1981	Morre em sua casa a 1 de Julho. As últimas edições dos seus livros traziam como promessa a edição de um 3.º volume de Trabalho Poético e de um livro intitulado O Inventor de Jogos. Trabalhava na reescrita de Alcateia, o seu segundo romance que não consentira que fosse reeditado senão reescrito. A. Abelaira: O Triunfo da Morte; Nuno Bragança: Square Tolstoi; Almeida Faria: Lusitânia; Nuno Júdice: Plâncton; Teolinda Gersão: O Silêncio; Rui Nunes: O Mensageiro Diferido; Mário de Carvalho: Contos da Sétima Esfera; Alberto de Lacerda: Tauromagia; Herberto Helder: Poesia Toda (1953-1980); Egito Gonçalves: Os Pássaros Mudam no Outono; Fernando Echevarria: Introdução à Filosofia; João M. F. Jorge: O Roubador de Água; Ruy Cinati: 56 Poemas; Casimiro de Brito: Labyrinthus; António Osório: O Lugar do Amor; Nuno Júdice: O Voo de Igitur Num Copo de Dados; J. M. Magalhães: Segredos, Sebes e Aluviões e Os Dias, Pequenos Charcos.

Antologia crítica

Escritor de dentro para fora, não se trata nunca, para Carlos de Oliveira, de coser uma história, mas de servir-se duma história para criar uma nova realidade significativa no plano da reinvenção estética, de transformar o que desprevenidamente viu, sentiu, viveu (de transformar-se) nesse tal mundo dentro do mundo, que do mundo vem, para o mundo volta e nele permanece, alargando-o, enriquecendo-o, através dessa operação prodigiosa em que as palavras, sem deixarem de ser um meio – o meio por excelência –, são também um fim. Escritor de dentro para fora, Carlos de Oliveira tem um só tema: ele próprio. Um ele próprio que se define pela identificação interior e espontânea com o sofrimento do homem. Não do homem ideia geral, desfocado pelos enganosos prestígios da maiúscula. Do homem-homens num dos pontos mais dolorosos da sua alienação, que na sua obra simultaneamente se afirma e se desmente, que tanto a sofre sem prevenção possível como a conhece sem poder evitá-la e sem poder recusar-se a tentar ultrapassá-la. O sofrimento que arde no mais oculto da noite humana («sou convosco a treva florescendo»), na treva que «floresce» em desalento, violência, morte. Não na Morte: em várias mortes. Pois não é a mesma a morte de Hilário de Casa na Duna, a de Xavier ou de Capula de Alcateia, a de Jacinto de Uma Abelha na Chuva ou a que, no mesmo livro, ronda cada minuto de Álvaro Silvestre. Não a Morte e a Vida, mas as mortes e as vidas do homem reenquadrado no seu todo social, múltiplo e inesgotável, em que está preso, de que se liberta ou tenta libertar-se pela violência cega, como, por bem diversas razões, um Tendeiro ou um Hilário, pela ganância sórdida de um Miranda, pela compreensão da mecânica económico-social, como o Dr. Seabra, pelo mito dum destino de sombras, como Mariano Paulo. E, contra a morte, pela vida fora, uma sofreguidão de ternura que, em planos diferentes, a todos toca, que embate contra «a chuva que em nós chora» e constantemente se debate entre o fim e o recomeço de tudo:

E escrevendo à luz débil me pergunto se é a morte ou a manhã que espero!

Quantas vezes, pedaços isolados, capítulos, falas, versos nos fazem perguntar se o que Carlos de Oliveira verdadeiramente visiona é a transformação radical do homem pela transformação radical da sua vida ou o desespero que negaria toda a possibilidade final de transformação! [...]»

(Mário Dionísio, Prefácio à 3ª edição de Casa na Duna, 1964.)

A obra de Carlos de Oliveira pode na verdade ser qualificada globalmente como um romance da gândara: não apenas porque a Gândara é o palco onde a sua acção se desenvolve e gandrareses são as suas personagens; mas também e sobretudo porque toda a obra tem a ver com o mistério da formação desse universo de areia, do seu povoamento, da sua apropriação, da criação dos homens pela paisagem e da criação da paisagem pelos homens.

«Paisagem e Povoamento» é o subtítulo de Finisterra, o último romance do escritor. Publicado um quarto de século depois de Uma Abelha na Chuva, muito distanciado portanto dos seus primeiros quatro romances, Finisterra não é, todavia, menos «gandarês» do que os anteriores. Pelo contrário: é talvez o último capítulo do grande romance gandarês, a última pedra de um edifício iniciado com Turismo, sendo porventura a chave de decifração de toda a obra, desenvolvendo e esclarecendo temas e problemas sempre recorrentes dos livros anteriores: a formação e instabilidade da paisagem; o povoamento, a ocupação, a apropriação da terra; finalmente, a obsessão da casa como ponto de ancoragem do homem na paisagem. [...]

Na verdade, «paisagem e povoamento» poderia ser subtítulo de todos os livros de Carlos de Oliveira, ou, até, porventura, o título do único romance que ele escreveu, ora em prosa ora em verso, em vários capítulos e versões – ou seja, o romance da gândara, não num sentido regionalista ou folclórico, mas sim no sentido simbólico de romance do homem e da terra.

Através da sua reconstituição literária na obra de Carlos de Oliveira a Gândara assume, assim, um significado metafórico, universal, apelando para a representação do enigma da paisagem povoada.»

(Vital Moreira, «Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira», Vértice, n.º 450-1, 1982.)

De um equilíbrio de que nenhum dos seus anteriores romances beneficia, Uma Abelha na Chuva mostra-nos um Carlos de Oliveira reintegrado no que de melhor se revela na sua personalidade de escritor – essa espécie de hipertrofia da decadência, esse culto da degenerescência do individualismo, que o leva, que o tem levado sempre, a antepor à doutrina de que se nutriu a sua juventude – o neo-realismo – uma maneira muito pessoal de conceber a vida e as relações entre os homens. Na galeria das suas personagens, que não são muitas, conta Carlos de Oliveira uma série de retratos inconfundíveis com os das figuras espalhadas pelas obras dos seus confrades. Este Álvaro Silvestre, de Uma Abelha na Chuva, é da estirpe do Mariano Paulo, de Casa na Duna, ou de Leandro, do João Santeiro ou do Troncho, de Alcateia ou de qualquer outro de Pequenos Burgueses. A força e a personalidade das melhores criações de Carlos de Oliveira encontram-se no seu individualismo obstinado. Dir-se-á que o romancista as apresenta contrariado e com o exaspero e a repulsa de quem não pode nem sabe vencer o que em si próprio se rebela contra uma disciplina ideal entronizadora das virtudes que neutralizam na pessoa humana os fermentos de rebeldia.

[...]

Há, de facto, um elemento nos «romances» deste escritor que supera a tese e transcende a sátira, embora tanto uma coisa como outra pesem razoavelmente na mentalidade de Carlos de Oliveira. A figura de Álvaro Silvestre está aqui, em Uma Abelha na Chuva, que nos não deixa mentir. Quem criou esta alma atormentada pela consciência do pecado – o pecado social, é certo, não o pecado moral – tem estofo para nos dar uma figura de rara psicologia e excepcional carácter frente às figuras assaz elementares da novelística portuguesa. Que estamos diante de uma natureza complicada ou complexa? Não. Mas já não é pouco a compleição atormentada de um homem que num lodaçal da Gândara, entre dunas e pinheirais, corre à gazeta da vila mais próxima para lançar na primeira página do periódico local a confissão pública dos seus desmandos e poucas vergonhas. Há qualquer coisa de eslavo neste ser mole e cobarde em cujo cérebro fermentam apocalipses de ira contra a mulher com quem o casaram numa aliança desigual: ela, de cepa fidalga e presunçosa, D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho; ele, de procedência plebeia e condição mercantil. E o conflito, muito mais secreto que público, cresce e floresce num meio em tudo favorável a esta espécie de nevroses sociais.

É pena que Álvaro Silvestre tivesse escutado a conversa do palheiro entre Jacinto, o cocheiro, e Clara, a filha do cego. É sempre de lamentar que um romance de consciências ou de psicologias invulgares peça emprestado ao romance de situações o seu deus ex-machina. É verdade que o assassinio de Jacinto, e a tropeada, areal em fora, com os trovões e os raios, a chuva e o vento a castigarem o burro, o moribundo e os dois criminosos se prestam a que o escritor saque da pena com que se escrevem as epopeias românticas. No entanto, tudo isso, embora belo, é adstrito. E trágico de mais para nosso gosto. Quando os elementos se associam ao homem no crime e na traição – estamos mais perto do teatro, ou seja, do melodrama, que do romance, ou seja, da vida. Neste ponto, parece-nos que Carlos de Oliveira trai o seu mais íntimo e vero talento. A facilidade empolga-o. E ele, que tem um estilo sóbrio e directo, e que sabe, como poucos dos seus confrades de geração, manter as suas narrativas num alto acorde dramático, afasta-se, inclusivamente, do que há de melhor na sua paleta de pintor literário: os retratos dos homens fracos sedentos de vingança, Hamlets burgueses. O contraste D. Maria dos Prazeres – Álvaro Silvestre é o que de melhor se nos oferece neste livro, livro que vale a pena ler e conservar. Com ele, Carlos de Oliveira firma uma posição segura na fruste galeria dos nossos novelistas contemporâneos. Eis aqui uma obra que resgata a literatura de ficção do nosso País da decadência em que ultimamente caiu. Assim Carlos de Oliveira se decida a trabalhar e a prosseguir na exploração do lado mais difícil, mais obscuro e mais sério da sua rica natureza de escritor.»

(João Gaspar Simões, «Uma Abelha na Chuva», Diário Popular, 29 de Julho de 1953.)

Ora é neste livro que Carlos de Oliveira demonstra, com maior brilho, o seguinte, fundamental no neo-realismo: é que há um processo anterior às coisas, aos acontecimentos, às personagens que explica as relações mútuas entre estas. Não se trata, afinal, de se fazer apenas referências às coisas, personagens e acontecimentos enquanto estão em relação. Uma estética realista exigiria isto com o mais perfeito rigor. Mas necessário é recuar no tempo para penetrar no processo que explica a mecânica dessas relações. Processo que é a resultante de um complexo vectorial cujas linhas de força são a economia, a sociologia, a história, a cultura, a religião, etc. Se Álvaro Silvestre se dirige ao Medeiros da Comarca de Corgos para confessar publicamente, na folha da terra, as suas desonestidades, não o faz só, como é evidente, por fécula religiosa. Nem mesmo o faz, sequer, por esse motivo. Sem que talvez o saiba, é a forma com que aparece travestido o seu ódio de pequeno-burguês pela classe aristocrática, embora decadente, a que não pode ascender. Se as suas culpas fossem divulgadas no jornal, ele arrastaria a mulher, a aristocrata, na sua queda. O antagonismo irreduzível das classes é o que explica, pois, as relações que acabam por se estabelecer entre aquelas personagens, como consequência de situações determinadas.

Quando se faz um estudo comparativo (mesmo superficial, como é o presente caso) dos romances de Carlos de Oliveira, verifica-se que *Uma Abelha na Chuva* evidencia um notável progresso estilístico. Um dos aspectos em que esse progresso se evidencia é na tendência antidiscursiva que caracteriza a forma como a vida psicológica das personagens nos é facultada. Carlos de Oliveira recorre ao plástico de uma linguagem metafórica, chegando mesmo à tradução dos estados psicológicos por meio de metáforas puras. Não lança, pois, mão da análise congemiativa tradicional. Exemplos: «A certas coisas, rompia na alma de D. Maria dos Prazeres um velho fogo emboralhado e sempre à espera de o soprare; nunca se sabia quando nem porquê, mas nos piores dias, então, as palavras, a simples existência do marido, dava no lume como vento. E a labareda vinha.» Outro exemplo: «Quantas vezes o vira meter esforçadamente o ombro à muralha que ela erguia entre os dois! Mas desajeitado e tonto, como quem bate às cegas numa porta recôndita que não sabe onde é nem para onde dá; e que ali fica toda a noite, aos umbrais, gelado e miserável. Lá pela madrugada açulam os cães da casa a quem bater: o que ela tinha feito sempre, depois de o abandonar ao silêncio onde não há ninguém: ou se há, não acorda; e se acorda, não responde nem abre. Nunca lhe estendera a mão para um pouco de compreensão recíproca e, não contente com isso, respondia às tentativas dele, que ao fim e ao cabo também queria paz, 'desaçaimando os cães'. A cólera, as fúrias e os vexames, os seus molossos de fidalga. Mas que outra coisa poderia ter feito?»

No primeiro exemplo: linguagem metafórica pura porque se elimina o primeiro termo da comparação. Vejamos: a escrita tradicional exigiria isto: «a fúria (o asco ou o ódio) contra o marido rompia(m) na alma de D. Maria dos Prazeres como um velho fogo emboralhado e sempre à espera de o soprare». Ora Carlos de Oliveira elimina todo o primeiro termo de comparação e conseqüentemente a conjunção comparativa como. No segundo exemplo, Carlos de Oliveira revela que os cães, os molossos da fidalga são: «a cólera, as fúrias e os vexames».

O que interessa salientar é o facto de Carlos de Oliveira recorrer, como em nenhuma outra obra, ao plástico, mesmo para a tradução dos estados psicológicos. E interessa frisar isto que não é menos importante: é que as imagens de que lança mão são sempre concretas. A imagem concreta é uma imagem dominada. Exige, pela sua própria natureza, um rigor a que a imagem abstracta se escusa. O uso de uma imagética abstracta é certamente uma outra forma de «bordado». [...]

(Alexandre Pinheiro Torres, «A Tetralogia da Gândara de Carlos de Oliveira», *Romance: o Mundo em Equação*, 1967.)

«Uma Abelha na Chuva» poderá então ser um romance social tradicional com um desenrolar progressivo e cronológico (algumas vezes cortado por breves flashbacks, quase sempre imagens recordadas), narrado na terceira pessoa, com personagens principais e secundárias.

Mas, mais uma vez, atenção: a linha da narração, aparentemente normal é frequentemente quebrada. Há as intervenções de uma voz, de alguém de fora (dum autor? dum narrador?) falando directamente as personagens como um coro de tragédia. P. 84: «olha para eles, D. Maria dos Prazeres...» – diz-se. P. 137: «puxa a gola do capote para a nuca, mestre António...» – diz-se. Neste caso, completamente distanciado das personagens, o autor pode noutros casos aproximar-se a tal ponto deles que os transforma em «eus». Frequentes são as passagens da terceira pessoa para a primeira, em que a personagem passa a monologar ou deixa de monologar, sem nenhuma transição formal. Trata-se quase sempre de pensamentos muito confusos ou de sonhos. Sobretudo D. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre têm visões e sonhos e é visível como esses sonhos e visões se cruzam sem se tocarem por exemplo sobre a imagem do irmão-cunhado Leopoldino.

E então haverá uma particular preferência por dois estados nas personagens: a bebedeira e a sonolência, a semiconsciência. Aí revelar-se-ão os «eus profundos»; as recordações, as frustrações e os desejos. Surgirá o tema do passado, da infância e da memória: as «manhãs infantis», a casa aristocrática de D. Maria dos Prazeres, a casa burguesa de Álvaro Silvestre, o casamento dos dois, a recordação do irmão-cunhado Leopoldino. E o tema dos desejos, que se sonham, que consomem e se frustram.

Oposição basilar em *Uma Abelha na Chuva*. No fundo trata-se da oposição água-fogo. A chuva (que arrasta pessoas e abelhas) e as lareiras (que transformam a visão das pessoas e das coisas). O brandy de Álvaro Silvestre, líquido que arde. Oposição particularmente visível em D. Maria dos Prazeres.

Será a «água da memória» (p. 31) que «corre», que «viaja» dentro dela enquanto segue na charrete (como Ema Bovary, diferente de Ema Bovary); a água que ora corre «mansa», ora «cachoante». E de repente o fogo que consome: «um velho fogo emboralhado» (p. 40) que será retomado na imagem do cocheiro ruivo, no «oiro baço da luz» que a «mancha» enquanto chicoteia a água, no sangue.

Água e fogo na grande tempestade que rebenta no capítulo XXI e acaba no capítulo XXV. Chuva e relâmpagos (e mar) acompanham a pequena unidade limitada por estes dois capítulos. Temos aqui, um conto exemplar, não popular, mas de raiz popular, ponto culminante e autónomo, com princípio, meio e fim, dentro de *Uma Abelha na Chuva*.

E a história é esta: um dia, um oleiro, sabendo que o aprendiz gosta da filha, propõe a este dar-lha em troca dum serviço: matar alguém. O aprendiz aceita. Mas, uma vez consumado o acto, nega ao aprendiz o que prometera.

Compare-se com a história da novela. Começa a surgir *Uma Abelha na Chuva* de Carlos Oliveira: um romance completo e complexo, resultado da inscrição nele dum conto popular, que, por sua vez, se inscreve numa novela passional. [...]

(Eduarda Dionísio, «Uma Abelha na Chuva», 4ª edição, Crítica, n.º 1, 1971.)

Ora se o mel, como referência e conotação, abunda na escrita de *Uma Abelha na Chuva*, o tabaco aí quase não existe. Melhor: apenas no último capítulo, em duas chegadas ocorrências, é precisamente o Dr. Neto quem, integrado nesta sequência de exterior absoluto, produz, de um modo que se pode considerar em abyme, os sinais de consumição do objecto de fruição – do cigarro as cinzas e o fumo. Na primeira ocorrência, reflectindo sobre os últimos acontecimentos ao fim da sua tarde de trabalho no consultório, mantém uma perfeita micro-sequência assente no acto de fumar: «o Dr. Neto encostou-se à janela a enrolar o cigarro. (...) Riscou um fósforo e acendeu o cigarro. (...) Acabou o cigarro». De notar, por um lado, que isto envolve um processo de criação (o fabrico do cigarro); que isto se passa antes da morte de Clara, quando a fruição tinha ainda possibilidades de se reconstituir, quando o Dr. Neto, iniciado o seu tempo livre, se absorve na preocupação que lhe dá o destino de Clara – abertura narrativa – e vai procurá-la; por outro lado, a primeira função perde toda a sua neutralidade ao comunicar no aspecto iterativo («o cigarro» em vez de «um cigarro») um gesto absolutamente singular no romance (e se isso não choca, ou pode até passar despercebido, é porque o leitor se habituou desde cedo a encarar o médico como a personagem ponderada e lúcida, detentora do saber – v. g. o cigarro como meio de comunicação com o sobrenatural –, conhecedora da criação e destruição complementares, embora desejoso de preservar, por si, a primeira dessas fases no seu culto do mel de abelhas). Ora a segunda

ocorrência, uma página depois, dá-nos exactamente conta, não de um processo inicial de reflexão mas da sua conclusão: «De regresso a casa, ao entrar no quintal, começou a chover e ele acolheu-se às ramagens da laranjeira velha. Cigarro sobre cigarro. Difíceis de acender: tabaco húmido, muito vento.» Embora a frase nuclear seja nominal (por isso mesmo que ela significa a conclusão definitiva, a visão do exterior e a impossibilidade de desenvolvimento da acção – de criação), o aspecto frequentativo passando a duração do habitual (primeira ocorrência) para o singular mas amplificando-a, dá conta ainda de outra impossibilidade: a da fruição, pelo que se implica de amontoado indiscriminado e maquinal dos objectos de prazer. Impossibilidade de criação («Difíceis de acender: tabaco húmido, muito vento», conotação da tempestade e da desqualificação), impossibilidade de fruição («No ar, traços de chuva luminosos, rastos de sal numa superfície de cinza», a contaminação realiza-se, o contágio tão receado pelo médico produz-se: ar, água, luz, fogo e cinzas provocam, na sua interpenetração de cariz elementar, a permuta do mel em fel e a conseqüente corrosão em cinzas. Tal processo corrosivo é mais um modo de definição deste romance).

Perante este processo corrosivo, a criação só poderia seguir duas vias: a do fabrico do mel puro (D. Cláudia, produto mas não produtora; Clara, produtora aniquilada) ou a do fabrico do fel (os Silvestres, Mestre António, o padre). Como é aniquilada Clara? «No ar, traços de chuva luminosos, rastos de sal numa superfície de cinza.» Já que o tabaco não salva culturalmente o mel, imperfeitamente fabricado (o fel – cf. remorsos religiosos de Álvaro), já que a chuva é elemento caracterizador do mesmo Álvaro, segundo uma marca disfórica na sua relação com os outros e, por vezes, consigo mesmo, já que o fogo (caracterização de Maria dos Prazeres) acende o desejo mas é incapaz de o fruir (os cigarros do Dr. Neto: «difíceis de acender: tabaco húmido, muito vento»), Clara é absorvida pelo fel e reduzida imagetivamente às cinzas que, não podendo ser de fruição, representam a destruição. Como oponente, temos o vento, a nortada, Álvaro Silvestre (de nome, natura selvática); vento que arrasta, combatida pela chuva, a pobre abelha desatentamente saída do cortiço; Álvaro Silvestre que, bebendo (água da chuva, água de fogo), só pela natura produz as cinzas que acompanham o fel da sua cultura. Aniquilando Clara, pela tempestade (a todos os níveis semânticos da palavra), reduzindo a cinzas o próprio mel em vias de produção (o filho já gerado).

E assim, do mel às cinzas se estabelece um percurso particular, neste romance que, passando pelas oposições opressão vs desaforo, caminhada vs segurança, tempo vs uniformidade, integra em si próprio duas vias complementares, embora díspares, sujeitando-as à amálgama de uma mesma corrupção.

O que, circularmente no nosso projecto de trabalho, vai desembocar na opressão como significação fundamental do romance. Opressão em processo, evidentemente (a história contada é cíclica, ou não-história), conforme se depreende do sema central de tensão verificado nas e pelas oposições e verificável no próprio sintagma titular: uma abelha na chuva, o sujeito (recordemos que Clara se institui perfeitamente como tal) em vias de se debater nas águas em que finalmente soçobra (suicídio no poço).

Evidente metáfora, pois, clara metáfora do nome próprio que assim também funciona (o seu riso, ouvido por Álvaro: «A frescura daquele riso pareceu-lhe a da mão cheia de água que se colhe nas fontes» – claridade, isotopia da frase); como em Maria dos Prazeres também o nome funciona, por ironia e com leve conotação depreciativa de corrupção: o prazer/os prazeres. (No quarto, deitada e só, «aconchegou aos ombros o peso dos cobertores e deixou-se arrastar àquele torpor em que ficava horas acordada, uma espécie de sonho lúcido, que a chuva tamborilando na janela trespassava. Leopoldino [comprazimento na sua evocação] ...

O cocheiro ruivo [manifestação do desejo] ...», tudo isto a trazia «alvorçada como uma rapariguinha» – o prazer fantasmático –, o que logo recusa com a sua vontade férrea, destruidora – o prazer de aniquilar). De Clara a Maria dos Prazeres, da abelha incauta à vespa sofredora do seu próprio ferrão, do mel às cinzas.»

(Maria Alzira Seixo, «Uma Abelha na Chuva: do Mel às Cinzas», posfácio a Uma Abelha na Chuva, 9ª edição, 1976.)

Escolhendo entre os sentidos (mesmo na acepção de direcção) dos personagens de Uma Abelha na Chuva (teríamos de reanalisar o conceito de personagem), o que me parece mais susceptível de assumir a função de história, encarregando-se da mobilidade da via existencial a caminho de ou em afastamento da fase maximal, é o sentido de ciência – consciência, exercício – da imagem. Álvaro Silvestre acede do sono, na viagem, e da evocação do passado como galeria historiográfica à ciência da imagem, no seu caso como prospecção da infância e do futuro. Demarca (sentado no marco, p. 107) o intervalo entre a ciência – emergência da infância – e a futura cristalização do exercício da imagem, «seiva que tornava a existência possível», na figura do cocheiro. D. Maria dos Prazeres, paralelamente (paralelismo assintótico, pois que é afinal o flanco a flanco repelente), tende a terminar o seu processus mnemónico visual (do passado) na consumação da imagem perfeita e na vigília (o quarto, cap. XIV). A imagem perfeita: a moeda de ouro. Toda a simbologia da perfeição do círculo e do ouro. A partir dessa consumação ela vai somente repetir a imagem (no quarto) ou distanciá-la pelo contorno de Leopoldino, sendo, na distância, o ouro duplicado e atenuado pelo verde, de modo que o sol se torna «sol mortício como disco de azebre».

A figura do Ruivo surge assim como catalisador da única continuidade possível – a do processus da imagem – entre Maria dos Prazeres e Álvaro como sujeitos visionários. A direcção finalista da imagem do Ruivo em D. Maria dos Prazeres é substituída por uma direcção ontológica em Álvaro Silvestre. «O Ruivo, que encarnava por uma necessidade premente de fixar a angústia, o bode expiatório, o inimigo, a própria angústia» (p. 121) – o que lhe permite ser o demiurgo da figuração cenificada. Cenificada porque percorre uma semiografia de referências cénicas.

«A caminhada para o mar, sobre a razão da qual o Regedor se interroga (p. 166) em termos literais de economia de percurso para a função enterro, só é plausível (critério não de verdade, mas de necessidade ou preferência) como caminhada cénica ou semiografia da figuração de Álvaro Silvestre: a imergência absoluta – a grande ocultação. Enterro/imersão correlato da emergência da água perene – advento do mar –, que é o objectivo, transferido para as figuras do Oleiro e de Marcelo, da personagem sucçora da humidade (p. 76), prospectora dum orvalho maximalizado – «estendia os olhos pelos currais, pelas culturas encharcadas de orvalho» (p. 108) –, e de fontes cuja eficácia de génese tornava o areal berço – «escorria da bica uma água murmura coada pelo berço do areal» (p. 109).

A ordenação do decurso figurativo da morte e enterro do Ruivo é um exercício incorporado no sentido de imagem de Silvestre, como função de história do protagonista, que defino como o detentor da via mais longa no que se refere à ciência da imagem. E como protagonista dessa via que Silvestre, em imediata legenda à figuração, denuncia o sentido (direcção possivelmente mar) da sua história, num sonho de imersão e de cintilação (p. 157).

Mas esse processus figurativo é simultaneamente autónomo, organizando uma necessidade interna episódica em que as figuras do cego e de Marcelo caminham para a marginalidade absoluta, beira do mar. Aí, ao cego e a Marcelo é dado o acesso ao estatuto de personagem; Marcelo assume a imagem histórica, o cego torna-se insciente de imagens auditivas alucinatórias.

A figuração do mar, sinalização, termina por um enunciado ambíguo ou resumo em que, pela operação da metáfora, coincide a figuração cénica do projecto de Silvestre com o lugar episódico do cego. É possível que o som alucinatório pertença ao cego, «tinido das conchas», e que a «maré» pertença a Silvestre. «O tinido breve das conchas na maré» (p. 146). No entanto, como em todas as metáforas deste texto, encontro uma indeterminação em relação ao seu sujeito. É altura de referir como, pelo indeterminar do sujeito da comparação, a textualidade do texto se evidencia periodicamente, e ostensivamente reúne as diversas instâncias de sujeito, as de personagem e de autor. [...]

(Fiama Hasse Pais Brandão, «Nexos sobre a obra de Carlos de Oliveira», I, Colóquio/Letras, n.º 26, Julho de 1975.)

As considerações finais que se impõem em função do que ficou exposto apontam em dois sentidos complementares: em primeiro lugar, para a problemática específica de Uma Abelha na Chuva e, no contexto desta, para o aspecto da representação simbólica que nos parece dos mais relevantes; em segundo lugar, para o enquadramento do romance em análise no domínio da produção literária neo-realista e das suas características sistemáticas.

Deste modo, caberá dizer, antes de mais, que a representação simbólica consumada em *Uma Abelha na Chuva* constitui um dos seus aspectos mais complexos, se considerarmos a obra como mensagem envolvida num amplo processo de comunicação literária, em que o perfil sociocultural do leitor real se define como condicionante da eficácia comunicativa dessa mensagem.

Com efeito, é sabido que, no âmbito das preocupações genéricas do neo-realismo, o discurso literário aspirava a ser um instrumento de consciencialização daqueles que mantinham afinidades estreitas com as personagens exploradas e oprimidas que surgem na ficção neo-realista; é sabido igualmente que a simbolização, fundando-se, como se viu, em relações de motivação, facilita, à primeira vista, a efectivação da prática semiótica; mas também se sabe que, impondo-se a motivação, desvaloriza-se a convencionalidade, pelo que pode instaurar-se, no seio dessa prática semiótica, uma fluidez e instabilidade semântica consideráveis. E este facto é susceptível de esvaziar de pragmatismo o signo literário, afectado pelo fenómeno da plurissignificação.

Ora no âmbito da circulação social da mensagem neo-realista (e é pensando nessa circulação que invocamos a dimensão pragmática do signo literário que o símbolo constitui) a ambiguidade só pode ser superada pela conjugação de dois factores: por um lado, a sistematização dos signos do repertório simbólico em código dotado de um razoável grau de socialização; por outro lado, a activação, por parte dos destinatários da mensagem, de uma leitura enriquecida pelo conhecimento de certas referências culturais, por vezes relativamente sofisticadas, nas quais se apoia a compreensão dos símbolos.

Não será difícil concluir que a segunda condição enunciada dificilmente se concretizará no plano do público que o neo-realismo, em princípio, elegeu como seu destinatário primeiro. Já o outro factor invocado levanta problemas de mais difícil resolução.

Com efeito, a questão de saber se o repertório de símbolos presente em *Uma Abelha na Chuva* contribui para a formação de um código dotado (ou passível de) um grau considerável de divulgação implica, para além de uma reflexão virada para a faceta da recepção, uma outra interessada na sistematização literária do neo-realismo. E este aspecto carece de investigação demorada que, por agora, ficará em aberto.

Pode, no entanto, desde já dizer-se que o conjunto de símbolos analisados encontra-se dotado, como se viu, de conexões sintácticas relativamente precisas, razão pela qual se poderá pensar, com alguma razão, na constituição de um código. Só que se impõe saber (e é tendo em conta a problemática geral do neo-realismo que a questão poderá ser resolvida) qual a capacidade de imposição de que o referido código disfruta, como conjunto de regras sistematicamente organizado.

Por outro lado, *Uma Abelha na Chuva* parece afirmar-se como marco extremamente importante no quadro da prática narrativa neo-realista: tenha-se em conta, a este propósito, o recurso aos códigos temporal e representativo, recurso por um lado relativamente rigoroso em termos formais e, por outro lado, coerentemente justificado por força da informação temática e ideológica da obra. Mas, constituindo uma prática semiótica que com certa facilidade se analisa e interpreta – e isto por virtude do amadurecimento e estabilização dos códigos em questão no processo de evolução da narrativa, sobretudo a partir de finais do século XIX –, a vigência desses códigos introduz, até certo ponto, uma nota de inovação técnico-formal no panorama particular do movimento neo-realista português; perspectivadas nesse contexto, as proporções e consequências estéticas dessa inovação só serão devidamente avaliadas numa investigação mais demorada que tenha em conta outras práticas estético-literárias do período em causa, até se chegar à formulação de uma teoria narrativa do neo-realismo português.

(Carlos Reis, Introdução à Leitura de «Uma Abelha na Chuva», 1980.)

A discórdia no interior de Álvaro impede-o de se consumir como marido no lugar da coincidentia oppositorum (masculino-feminino, Pai-Mãe) que é a Casa. Rejeitado pela mulher, que se fecha no quarto, ele erra pelo espaço (interior e exterior) da Casa, tomando contacto com uma proliferação excessiva, corrupta, que tenta impedir (a denúncia do amor Jacinto-Clara é uma forma inconsciente de impedir a reprodução). A proliferação é excessiva pelo excesso do líquido que provoca o apodrecimento das folhas no chão, das laranjas nas árvores, ou o musgo «interior» («rói-o o pecado como rói o musgo a concha da lapa»). A imagem englobante dessa fertilidade corrupta é a do corpo no caixão com «o fervilhar irreparável dos vermes» (p. 60) – e a obsessão de construir um jazigo, bem como a necessidade do brandy para se embebedar, são formas de se libertar pelo «aéreo» (os «espíritos» do álcool; ou: «num jazigo sempre se fica cá fora ao ar e à luz», p. 64), de evitar não tanto a terra como a permeabilidade da terra à água, a lama procriadora de vermes, o cadáver-estrupe.

São estéreis, de resto, as relações que encontramos no romance além de Jacinto-Clara (esta a excepção à esterilidade e que por isso será «cortada» pela denúncia de Álvaro). Essa esterilidade assenta em fundamentos éticos numa primeira instância: em Maria-Álvaro temos a desigualdade do sangue (união de conveniência entre a aristocrata arruinada e o plebeu enriquecido que vai «corromper», sujar, a limpeza do sangue de Maria – que vem significativamente da «casa de Alva» e que, ainda ligada ao pai, vem «toda de branco»); no caso do padre Abel e de D. Violante há o óbvio interdito religioso e social; no caso do Dr. Neto e de D. Cláudia há razões hereditárias – o casamento é adiado ad aeternum pelo receio da união de um «heredo-sifilítico» com uma «constituição linfática, fragilíssima; pois bem, casamo-nos depois que filhos deitaremos ao mundo? Saltava daqui para as implicações morais: não me parece justo chamar à vida um ser doentio, deformado ou louco» (p. 55).

Mas, mais profunda do que a objecção moral, é a imagem fantasmática da mulher totalitária, do feminino castrador, que impede a relação. A abelha surge como a central metáfora misógina do romance – a abelha que provoca a morte do macho que a fecunda (caso de Jacinto e Clara); e o Dr. Neto, único personagem «positivo», lúcido, é um criador de abelhas – domestica o feminino. A imagem final da abelha dominada pela chuva, frágil, espeznhada, que a voragem acaba por levar com as folhas mortas aparece, assim, como o culminante momento de catarse da tragédia – exorcisão do fantasma castrador da Mulher-amazona, do Feminino.

E é no nome da Casa que esse instante final encontra o seu reflexo: Montouro, isto é, monte-ouro, terra (propriedade) e ouro (dinheiro), palavra que tem ainda a sugestão fónica de monturo. É o lugar inicial, o caos da indiferenciação de onde parte a antítese que Álvaro vive conflitualmente com Maria (o ouro nasce do estrume) e é o lugar aonde tudo regressa (a abelha-ouro-Feminino arrastada pela lama).

(Nuno Júdice «Carlos de Oliveira, Viagem à Volta de Uma Colmeia», *Jornal de Letras*, I, 8,9 a 22 de Junho de 1981.)

»»

Bibliografia

Sobre Carlos de Oliveira

- ABDALA JÚNIOR, Benjamim, O Processo de Fundamentação da Escritura nos Romances de Carlos de Oliveira, ed. Universidade de S. Paulo, Brasil, 1973.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamim, Representação e Participação: a Dinâmica do Concreto nos Romances de Carlos de Oliveira e Graálio Ramos, ed. Universidade de S. Paulo, Brasil, 1977.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamim, «A Desautomatização do Estereótipo em Graciliano Ramos e Carlos de Oliveira», Língua e Literatura, Revista da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, 1978, pp. 405-409.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamim, A Escrita Neo-Realista, Editora Ática, São Paulo, 1981.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamim, «Escrita Dialéctica e Formas Rituais», Vértice, n.º 540-1, 1982, pp. 646-654.
- BRANDÃO, Fíama Hasse Pais, «Nexos sobre a Obra de Carlos de Oliveira», e II, Colóquio/Letras, n.º 26 e 29, Julho de 1975 e Janeiro de 1976.
- DIONÍSIO, Mário, «Prefácio», in Casa na Duna, 3ª edição, Portugalíia Editora, Lisboa, 1964.
- GUSMÃO, Manuel, A Poesia de Carlos de Oliveira (Apresentação crítica, selecção, notas e sugestões de leitura), Seara Nova – Comunicação, Lisboa, 1981.
- LANCIANI, Giulia, Offidna Poética (Studio e Antologia Poética), Edizioni Accademia, Milano, 1975.
- LANCIANI, Giulia, «Variantes e Reescrita em Carlos de Oliveira», Vértice, n.º 450-1, 1982, pp. 674-685.
- LEPECKI, Maria Lúcia, «Sobre Carlos de Oliveira», Diário Popular, Suplemento «Letras e Artes», 3.11.1978 e 7.12.1978.
- LOURENÇO, Eduardo, «Carlos de Oliveira e o Trágico Neo-Realista», in Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968, pp. 173-249.
- MOREIRA, Vital, «Paisagem Povoada: a Gândara na Obra de Carlos de Oliveira», Vértice, n.º 400-1, 1982, pp. 712-728.
- MOURA, Fernando, «Perfil de Carlos de Oliveira», Vértice, n.º 354-5, 1973, pp. 686-692.
- PRADO COELHO, Eduardo, «Itinerário Poético de Carlos de Oliveira», in A Letra Litoral, Moraes Editores, Lisboa, 1979, pp. 155-179.
- REIS, Carlos, Introdução à Leitura de «Uma Abelha na Chuva», Livraria Almedina, Coimbra, 1980.
- SANTOS, Camilo dos, Alguns Aspectos da Técnica Narrativa do Romance na Terceira Pessoa. Dois Exemplos: Agustina Bessa-Luís e Carlos de Oliveira, Comunicação ao Colóquio sobre Ficção Portuguesa Contemporânea, no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, Outubro de 1949.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, «A Tetralogia da Gândara de Carlos de Oliveira», in Romance: o Mundo em Equação, Portugalíia Editora, Lisboa, 1967, pp. 249-265.

Sobre Uma Abelha na Chuva

- ALVES, Mário, «Uma Abelha na Chuva», romance de Carlos de Oliveira», Flama, Lisboa, 11 de Setembro de 1953.
- ANDRADE, João Pedro de, «Uma Abelha na Chuva» de Carlos de Oliveira», Ler, Lisboa, Outubro de 1953.
- ANTUNES, Ma, «Vida Literária – os Dois Melhores Romances da Época», Brotéria, Lisboa, Novembro de 1953.
- BAPTISTA-BASTOS, «Um Grande Escritor Português Contemporâneo: Carlos de Oliveira», República, Lisboa, 18 de Novembro de 1963.
- BAPTISTA-BASTOS, «Uma Abelha na Chuva» – Aventura de Uma Amizade», Diário Popular, 15 de Junho de 1972.
- BRITO, Casimiro de «Uma Abelha na Chuva» de Carlos de Oliveira», in Prática de Escrita em Tempo de Revolução, Editorial Caminho, Lisboa, 1977, pp. 55-56.
- CAMILO, João, «Uma Abelha na Chuva: Alguns Aspectos da Temática Narrativa», in Arquivos do Centro Cultural Português, X, Paris, 1976, pp. 643-664.
- CAMILO DOS SANTOS, João, Techniques, thèmes et art du roman. Un exemple portugais: 'Uma Abelha na Chuva' de Carlos de Oliveira, 1983 (Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Rennes).
- CRUZ, Liberto, «Reflexões sobre a Temática de 'Uma Abelha na Chuva'», Seara Nova, n.º 1549, Lisboa, 1974, pp. 19-24.
- DIONÍSIO, Eduarda, «Uma Abelha na Chuva: 4ª Edição», Crítica, n.º 1, 1971.
- DADSON, : Trevor J., «A note on symbolism in Carlos de Oliveira's 'Uma Abelha na Chuva'», Neophilologus, vol. LXVIII, n.º 2, April, 1984.
- FAGUNDES, Francisco Cota, «Tese e Simbolismo em 'Uma Abelha na Chuva'», Colóquio/Letras, n.º 58, Novembro, 1980.
- FERREIRA, Armando Ventura, «Uma Abelha na Chuva» – Romance de Carlos de Oliveira», Jornal de Letras e Artes, 27 de Maio de 1964.
- GARCIA, Carlos, «Funcionalidade de Duas Estruturas e Arquitectura Simbólica em 'Uma Abelha na Chuva'», Vértice, n.º 450-1, 1982, pp. 655-662.
- GONÇALVES, António da Silva, «Uma Abelha na Chuva» de Carlos de Oliveira», Diário de Lourenço Marques, 2 de Agosto de 1960.
- HANSEN, João Henrique, A Perspectiva Neo-Realista de 'Uma Abelha na Chuva', São Paulo, 1979.
- JÚDICE, Nuno, «Carlos de Oliveira, Viagem à Volta de Uma Colmeia», Jornal de Letras, I, 9-22 de Junho de 1981.
- LOBO, Manuel de Sousa, «Rigor e Austeridade – 'Uma Abelha na Chuva' por Carlos de Oliveira», Diário Popular, 29 de Janeiro de 1970.
- LOPES, Oscar, «Carlos de Oliveira – 'Uma Abelha na Chuva', Romance», Comércio do Porto, 25 de Agosto de 1953.
- MENDES, José Manuel, «Uma Abelha na Chuva: Alguns Percursos de Leitura», Vértice, n.º 450-1, 1982, 686-691 (anterior edição ciclostilada em 1977).
- MORGADÉZ, Manuel del Pino, Neorealismo Literário Português: Monólogo literário en la narrativa de Carlos de Oliveira, ed. ciclostilada, Universidade de Salamanca, 1979.
- NOGUEIRA, Franco, «Carlos de Oliveira», Jornal de Crítica Literária, Portugalíia, 1954, pp. 167-174.
- PORTELA, Artur, «Romance – 'Uma Abelha na Chuva' por Carlos de Oliveira», Diário de Lisboa, 20 de Agosto de 1953.
- PRADO COELHO, Eduardo, «Uma Abelha na Chuva; o Risível e o Dizível», A Capital, 15 de Março de 1972.
- QUINTINHA, Julião, «Crónica Literária – 'Uma Abelha na Chuva', Romance de Carlos de Oliveira», Diário do Alentejo, 11 de Julho de 1953.
- QUINTINHA, Julião, «Uma Abelha na Chuva» de Carlos de Oliveira – Impressões de Leitura», Notícias de Lourenço Marques, 15 de Agosto de 1953.
- REIS, Carlos, O Tempo em Dois Romances de Carlos de Oliveira, Coimbra, 1975 (Separata de Biblos, vol. LI).
- REIS, Carlos, Introdução à Leitura de 'Uma Abelha na Chuva', Coimbra, Livraria Almedina, 1980.
- RODRIGUES, Hugo Paulo, «Notas de Leitura – 'Uma Abelha na Chuva' de Carlos de Oliveira», Portas do Sol, «Cultura e Arte», n.º 53.
- RODRIGUES, Urbano Tavares, «Uma Abelha na Chuva» de Carlos de Oliveira», O Século, 5 de Julho de 1975.
- ROIG, Adrien, «Correspondência e Conversa com Carlos de Oliveira sobre 'Uma Abelha na Chuva'», Vértice, n.º 450-1, 1982, pp. 611-626.

SEIXO, Maria Alzira, «'Uma Abelha na Chuva': do Mel às Cinzas», posfácio à 9ª ed. de Uma Abelha na Chuva, Limiar, Porto, 1976 (rep. in Maria Alzira Seixo, A Palavra do Romance, Livros Horizonte, Lisboa, 1986, pp. 93-114).

SILVA, Mateus Jorge, «Semiótica. A Leitura Estrutural de 'Uma Abelha na Chuva'», ed. policopiada, Matosinhos, 1981.

SILVEIRA, Pedro da, «'Uma Abelha na Chuva' de Carlos de Oliveira», Átomo, 30 de Outubro de 1953.

SIMÕES, João Gaspar, «Uma Abelha na Chuva», Diário Popular, 29 de Julho de 1953 (rep. in João Gaspar Simões, Crítica, III, Lisboa, Delfos, [1969], pp. 191-196).

SIMÕES, João Gaspar, «'O Aprendiz de Feiticeiro', 'Pequenos Burgueses' e 'Uma Abelha na Chuva'», Diário de Notícias, 20 de Maio de 1971.

VASCONCELOS, Tabora de, «Carlos de Oliveira e o Romance moderno» Diário de Lourenço Marques, 19 de Junho de 1955.

VIEIRA, Yara Frateschi, «'Uma Abelha na Chuva': Procedimentos Retóricos da Narrativa», Alfa, F.F.L.L. de Marília (Brasil), Departamento de Letras, n.º 16, 1970, pp. 235-255.

[»»](#)